



1933  
**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO**  
**CAMPUS BAIXADA SANTISTA**  
**Programa de Pós-Graduação Ensino em Ciências da Saúde**

FÁBIO LOPES CORRÊA DA SILVA

**OUTRAS SAÚDES CATADAS: EXPERIÊNCIAS COM A COMUNIDADE DO  
PARQUE AMBIENTAL SAMBAIATUBA – SÃO VICENTE/SP**

SANTOS  
2015

FÁBIO LOPES CORRÊA DA SILVA

**OUTRAS SAÚDES CATADAS: EXPERIÊNCIAS COM A COMUNIDADE DO  
PARQUE AMBIENTAL SAMBAIATUBA – SÃO VICENTE/SP**

Dissertação apresentada como exigência parcial para obtenção de título de Mestre em Ensino em Ciências da Saúde, ao programa de Pós-graduação Ensino em Ciências da Saúde da Universidade Federal de São Paulo - *Campus* Baixada Santista.

Orientador: Prof. Dr. Alexandre de Oliveira Henz

SANTOS  
2015

S581o

Silva, Fábio Lopes Corrêa da, 1965-  
Outras saúdes catadas: experiências com a  
comunidade do parque ambiental Sambaíatuba – São  
Vicente/SP. / Fábio Lopes Corrêa da Silva; Orientador:  
Prof. Dr. Alexandre de Oliveira Henz. – Santos, 2015.  
162 f.: il. color.; 30 cm.

Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino em  
Ciências da Saúde) – Universidade Federal de São Paulo  
- campus Baixada Santista, 2015.

1. Saúde. 2. Cartografia. 3. Intervenção social. I.  
Henz, Alexandre de Oliveira, Orientador II. Título.

CDD 610.7

FÁBIO LOPES CORRÊA DA SILVA

**OUTRAS SAÚDES CATADAS: EXPERIÊNCIAS COM A COMUNIDADE DO  
PARQUE AMBIENTAL SAMBAIATUBA – SÃO VICENTE/SP**

Dissertação apresentada como exigência parcial para obtenção de título de Mestre em Ensino em Ciências da Saúde, ao programa de Pós-graduação Ensino em Ciências da Saúde da Universidade Federal de São Paulo - *Campus Baixada Santista*.

Aprovada em \_\_\_\_de\_\_\_\_ de 2015.

BANCA EXAMINADORA

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Laura Camara Lima

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Adriana Barin de Azevedo

---

Prof. Dr. Fábio Pestana Ramos

---

Prof. Dr. Damian José Kraus

## ΕΠÍΓΡΑΦΕ

*A memória é o escriba da alma.*

*Aristóteles*

## DEDICATÓRIA



Dedico este trabalho a minha amada mãe, Suely (*in memoriam*), que me acompanhou por 45 anos de vida e, ainda, na primeira fase deste Projeto (2007 – 2010).  
“*The butterfly is burning and the lid of the box is her sky...*”

## **AGRADECIMENTOS**

*São muitos, pois o processo deste trabalho foi longo (nove anos) e não terei outra oportunidade de registrar minha gratidão...*

### **Por classificação taxonômica:**

- *Homo sapiens sapiens* (Linnaeus, 1758).

Ao meu orientador e precioso amigo, Prof. Alexandre de Oliveira Henz, o qual me mostrou um novo caminho de pesquisa, me manteve desconfiado de minhas certezas e me provou que posso falhar melhor, sempre... muito obrigado pelas orientações (por *skype*, *perípatoi*, no almoço, tomando café sem açúcar, no GELS, por e-mail, telefone - e só não deu certo pelo *whatsapp*), pelo empréstimo de seus livros, pelo extenso material que me apresentou, pela sua disposição em abrir mão de horas de lazer e descanso, para me ajudar. Eis o nosso trabalho... obrigado.

Aos Professores que, gentilmente, aceitaram fazer parte de minha banca de defesa, evento tão importante em minha vida: Prof<sup>a</sup>. Laura Camara, Prof<sup>a</sup>. Adriana Barin, Prof. Fábio Pestana, Prof. Damian Kraus, Prof. Sidnei Casetto e Prof. Stéfanis Caiaffo ...espero fazer valer a pena.

Aos amigos de Mestrado: Vinícius (acredite e não desista, eu fiz e deu certo), Carlos (pelas risadas e pelos brilhantes comentários sobre autores da área de Educação), Karla (pelas risadas e pelas argumentações certeiras que me ajudaram muito), Rosane, Luciana, Débora, Rose, Andréa, Cibele, Bárbara, Daianny, Danni, Gisele... todos.

As queridas amigas, Alessandra e Milca,, da Secretaria, por toda ajuda e carinho dispensado, a todos nós.

Carla Michalik Morad, meu amor... te amo tanto que gostaria de achar uma palavra que definisse, exatamente, o que você significa em minha vida... acho que ainda não consigo porque você se mescla a ela. Obrigado pela compreensão, sorrisos, otimismo, viagens, agrados, cuidados, mimos, telefonemas diários, transcrições de grupo focal, revisões de *abstract* e, principalmente por me fazer feliz e confiante nesta jornada chamada vida.

Meu pai, que me escolheu, Antonio (Puskas), pelo exemplo de trabalho, honestidade, amor e bom humor.

Meu pai, o qual gostaria de ter conhecido mais, José Corrêa Filho (*in memoriam*), com a esperança de que esteja bem e possa dividir esta conquista comigo, também.

Minha avó Jacira (*in memoriam*), pelos mimos que me proporcionou, por toda nossa convivência.

Minhas irmãs, a minha constelação de Três Marias (M<sup>a</sup> Carolina, M<sup>a</sup> Paula e M<sup>a</sup> Gabriela), pelo amor que temos uns pelos outros.

A minha família Chilena: Diego, “Santito” e Juan.

A minha irmã Carla Corrêa, que me chamava de Sabinho (em vez de Fabinho), pelo amor presente e recíproco em nosso reencontro, nestes últimos anos e ainda por ter me dado um cunhado, Rogério.

Minhas tias Nazareth, Tereza e Marina, que me mimam com almoços, sobremesas e histórias.

Minha sogra Rosana, pelo amor e pela paciência comigo e com minhas manias e muitas de trânsito por falar em celular.

Meu sogro Eduardo pelos trocadilhos e churrascos.

Vovó Marion (*in memoriam*), pelas risadas, conversas e por ter nos deixado, amorosamente, seu piano (estou estudando...finalmente tenho um piano).

Meu cunhado Ricardo, pelas risadas, amizade e bons momentos (vai Corinthians!).

Aos Professores, desta fase (2013 – 2015) do Mestrado Profissional: Rosilda Mendes, Rogério Cruz de Oliveira, Nara Rejane Cruz de Oliveira, Maria de Fátima Ferreira Queiróz, Karina Franco Zihlmann, Claudia Ridel Juzwiak, Ana Rojas Acosta, Ângela Aparecida Capozzolo, Flavia Liberman... todos.

Ao querido amigo, incentivador e exemplo, Prof. Juarez Fontana dos Santos, pela ajuda nos momentos “muito” difíceis de minha vida e por me mostrar que a amizade é mais valiosa que qualquer outro bem. Minha gratidão eterna.

A queria amiga, Prof<sup>a</sup>. Cintia Miyaji, pelo incentivo de sempre com o olhar e o sorriso amigo, uma vigília constante para que tudo dê certo para mim... acredite, é recíproco.



A Professora e amiga, Ana Paula Valeiros, pela “barra” que segurou, quando no meu desligamento da primeira fase do Mestrado... obrigado, não me esqueço.

Aos Professores da Unimonte, amigos que me incentivam e me proporcionam bons momentos: Herbert Schör, Verônica Garcez, Éric Boragan, Gianfranco Gallerani, Cristina Porto, Cristina Asano, Vinícius Roveri, José Luiz Sendin, José Carlos Lopes, Flávio Gréggio, Érica Baron, Rogério Peres, Marcelo Rocha... muitos

A querida amiga e irmã, Enf. Márcia Guia, pelo exemplo, força, amizade e, principalmente pela ajuda de suportar a carga de tamanha responsabilidade e de serviço, na Secretaria de Saúde, concomitante com minhas responsabilidades do Mestrado.

Aos que voltaram comigo, para a Zoonoses: Jô, Márcia Lisboa, Silas, Rita Moretti (*in memorian*).

Ao amigo, Biólogo e futuro Médico Veterinário, Kleber, pelo trabalho, apoio, bom humor e também pelos apelidos que me coloca.

Ao novo amigo, Dr. Marcello Ruiz, pela tranquilidade que me proporciona nesta fase derradeira do Mestrado.

Ao Dr. Antonio Rua, pelo reconhecimento e pela oportunidade... obrigado por me ajudar a sair do ostracismo.

A minha turma da Zoonoses, Dengue e Vigilância Sanitária (S. Wilson, Elaine, Dra. Fabiola. Giselle e demais médicos veterinários: Ana, Cris e Alexandre, Mariana Benfica, Jean, Sandra, Dr. Jean...são muitos também).

Aos amigos Reinaldo e Paulo (Nego Zóca), do Sambaiatuba, pelas histórias, trabalhos, risadas e ciladas, das quais escapamos juntos.

Ao amigo e Biólogo João Nobrega Jr., por ter me acolhido no Sambaiatuba.

Ao Dr. Cláudio Figo, por ter proporcionado minha transferência para o Sambaiatuba, quando ninguém mais me ajudou.

A equipe que trabalhou comigo no Sambaiatuba: Eduardo, Edgar, Tião, S. João (*in memorian*), Gilson, Brinco, Débora, Wirlei, Silmara, Alexandre, John Lennon, Márcio, Ramos... tantos... obrigado pelo café quente e gentilezas

Personagens da comunidade do Sambaiatuba: Buteko, Gabirú, S. Elias, Aparecido, Carla, Genivaldo, Luís Carlos, Júlio, Pedro, Ailton, José Pereira,

Valdelice, Cláudio, Ariane, Valmira, Terezinha Barbosa, Simone, Priscila Silva, Ana Rodrigues, Isabel Santos, Luizinho, Gustavo, Vera, Nego, Douglinhas, Deco... sinceramente, obrigado.

Ao querido e especial, amigo e irmão, que me acompanha sempre que pode, Sérgio, por sua bondade, doçura, amizade, histórias, poesias, ritmos e pausas.

Aos Professores de minha primeira fase, Sylvia Helena Souza da Silva Batista, Otília Maria Lúcia Barbosa Seiffert, Paulete Goldenberg, Nildo Alves Batista (em especial, pelo incentivo), Lidia Ruiz-Moreno, Irani Ferreira da Silva Gerab, Ively Guimarães Abdalla, José Antonio Marques Maia de Almeida, Otília Maria Lúcia Barbosa Seiffert, Gilberto Tadeu Reis da Silva, Maria Cecília Sonzogno.... todos.

Aos amigos, colegas de Mestrado (2007-2010), Cazuza, Simone, Débora, Fátima, Eduardo, Andréa, Bárbara, Edson, Nara, Fernanda, Cláudia e Irani... consegui....

- *Felis catus* (Linnaeus, 1758).

Bono (*in memorian*), Catarina, Amelié e Mia, pelas graças e traquinagens que me ajudam a viver e também pelo amor compartilhado.

- *Canis lupus familiaris* (Linnaeus, 1758).

Athos (*in memorian*); Tara (*in memorian*), Ché (ainda resiste), pelas lições de amor, amizade e fidelidade.

- Sinantrópicos.

*Mus musculus* (camundongo), *Rattus rattus* (rato preto), *Rattus norvegicus* (ratazana), *Blatella germanica* (barata francesinha); *Periplaneta americana* (barata de esgoto), *Musca domestica* (mosca doméstica), *Culex quinquefasciatus* ("pernilongo"), *Columba livia* (pombo urbano) e, logicamente, *Coragyps atratus* (urubu de cabeça preta), todos estes que, em nossa convivência, me ensinaram lições de força, resignação, competição, adaptação e, principalmente, por me reforçarem que a vida é um ciclo.

## RESUMO

Um dos grandes problemas ambientais do município de São Vicente, é a área onde funcionava o “lixão municipal”, localizado no dique Sambaiatuba. A prefeitura de São Vicente desativou o local, transformando-o em um Parque Ecológico, entretanto estes catadores ainda vivem em condições problemáticas entre o degrado e a degradação. O objetivo deste trabalho foi, através de narrativas, acompanhar experiências com outras saúdes produzidas pela população de “catadores” do Parque Ambiental Sambaiatuba através da prospecção de seus hábitos, conflitos com a lei, instauração de normas, vicissitudes nas atividades laborais, em suma na produção de sociabilidades. Acompanhar os desejos, modos de viver e saúdes que esta população produz e sustenta constituiu-se, no decurso da pesquisa (de modo inaudito) em um analisador das ações de *cuidado de si* no contemporâneo. Esta investigação foi uma possibilidade de aproximação dos catadores através das singularidades - problematizando ações marcadas por prescrições normatizadoras, policiamento sanitário, higienismo, saúde baseada em evidências, sociedade de risco, eugenia, protocolos e fatores de risco – com suas experiências e saúdes pré-estabelecidas. Foi uma relação de *contaminação* com mundos de poderes-saberes, dores, vitalidades, ruínas, alegrias, potência e impotência. A metodologia utilizada foi a de pesquisa retrospectiva, descritiva e construída a partir de abordagem cartográfica/rizomática/qualitativa. A pesquisa bibliográfica, ou de fontes secundárias, abrangeu uma bibliografia publicada em relação ao tema de estudo, que inclui publicações avulsas, livros, artigos, jornais, fragmentos literários e teses. Como instrumento de produção de dados foram utilizadas questões do grupo focal, anotações de diário de campo e entrevistas semiestruturadas que convergiram intensivamente para constituição de narrativas no formato de pequenas histórias. Os dados constituídos foram trabalhados operando com o dispositivo cartográfico proposto por Gilles Deleuze e Félix Guattari e com problemas construídos no decurso da experiência de pesquisa. Integraram a investigação através das narrativas, os antigos catadores, hoje cooperados, que trabalham na Cooperarial pelo fio condutor das histórias. Nestes escritos foram comparecendo problematizações que enredam concepções de vida, comunidade e saúde. Muitas questões emergiram na pesquisa, como as múltiplas ecologias (não apenas a ecologia ambiental), os problemas que implicam risco-animalidade e polícia sanitária, o deslocamento do trabalho em saúde como embaixador de uma saúde triste e asséptica e a questão das “vidas quaisquer” que de todo modo importam. O material produzido é heterogêneo e permitiu a construção de um filme, denominado *Coragyps atratus*, feito a partir de compilações de outras produções que ecoavam com aquilo que se investigava juntamente com material filmado no local. Entendo que “os modelos” de saúde apresentados inicialmente a esta comunidade não produziam efeitos em ressonância com eles, sua organização diferia, em muito, daquelas preconizadas pelas normatizações. A necessidade de transpassar e ser transpassado pelos modos de viver daquela comunidade foram essenciais para discutir este trabalho que só foi possível, quando uma disponibilidade de pesquisa, permitiu-me passear com um “saco” e “catar” saúdes e singularidades com os olhos de quem quer enxergar no escuro do contemporâneo e avizinhar-se de seus mundos.

Palavras-chave: Saúdes; Cartografia; Contemporaneidade; Comum.

## ABSTRACT

One of the major environmental problems in São Vicente, is the area where worked the "city dump" located in Sambaiatuba dike. The City hall of São Vicente closed the place, turning it into an Ecological Park but they still live in difficult conditions of exile and degradation. The objective of this study was through narratives tracks, describe and provide life experiences and perhaps other health concepts, produced by the population of "pickers" Environmental Park Sambaiatuba by prospecting their habits, conflicts with the law, adopting rules, vicissitudes in labor activities, in the sociability process. Follow the desires, ways of living and salute that this population generates and sustains it formed in the course of research, an analyzer of self caring actions nowadays. This research was a possibility of bringing the approach by singularities - questioning actions marked by prescriptions normalizing, sanitary policing, hygienism, evidence-based health, risk society, eugenics, protocols and risk factors from their experiences and pre established health, a kind of contamination with new worlds of knowledge, pain, vitalities, ruins, joy, power and impotence. The methodology used was to retrospective research, descriptive and built from qualitative approach. The literature, or secondary sources included published literature in relation to the subject of study which, includes spare publications, books, articles, journals, literary fragments, *thesis*, and cartographic material. Focus group was used as a data production instrument, data field notes, semi-structured interviews and affective maps that converged to all creation narratives in a short story format. Those data were established operating with the cartographic device proposed by Gilles Deleuze and Felix Guattari and the problems were built during the research experience. Integrated research through the narrative, the old "pickers", now *Coopercial* members from the stories here related. In these writings were attending problems that involves issues as life meaning, community and health concepts. Many questions emerged in the research as the multiple ecologies (not just environmental ecology), problems involving risk-animality and sanitary police, the displacement of health care as ambassador of a sad and aseptic health, the issue of "unimportant lifes" that anyway care. The material produced allowed the construction of a film, called *Coragyys atratus*, made from compilations of other productions that echoed with what is investigating, along with material shot in site. I understand that "the models" health first introduced to this community did not produce effects in resonance with them, your organization differed much from those recommended by the norms. The needing of going trough and being trough by the ways of life of the community, were essential to discuss this research was only possible when an availability of research allowed me to walk around with a bag and "pick healths" and singularities with the eyes of who wants to see in the dark of contemporary and be closer to their worlds.

Keywords: Healths; Cartography; Contemporary; Common.

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1.</b> Catadores no Lixão do Sambaiatuba.....	04
<b>Figura 2.</b> Lixão do Sambaiatuba – Década de 70.....	08
<b>Figura 3.</b> Lixão do Sambaiatuba – Década de 80.....	08
<b>Figura 4.</b> Lixão do Sambaiatuba – Déc. de 90.....	08
<b>Figura 5.</b> Lixão do Sambaiatuba – Final de 90.....	08
<b>Figura 6.</b> Projeto Mão na Massa.....	10
<b>Figura 7.</b> Projeto Oficina de costura.....	10
<b>Figura 8.</b> Hidroponia .....	11
<b>Figura 9.</b> Projeto Educação Ambiental.....	11
<b>Figura 10.</b> Projeto de Inclusão Digital.....	11
<b>Figura 11.</b> Produção de mudas.....	11
<b>Figura 12.</b> Trajetos de Paulo.....	19
<b>Figura 13.</b> Trajetos de Vera.....	20
<b>Figura 14.</b> Sambaiatuba antes e depois da criação do Parque.....	22
<b>Figura 15.</b> Reportagem de jornal sobre o Sambaiatuba (SP).....	37
<b>Figura 16.</b> Urubu ( <i>Coragyps atratus</i> ) eletrocutado na rede.....	43
<b>Figura 17.</b> João e seus papéis.....	60
<b>Figura 18.</b> Hidroponia funcionando e, atualmente, degradada.....	62
<b>Figura 19.</b> Local onde existia o muro que separava minhas prioridades daquelas do tráfico.....	69
<b>Figura 20.</b> Parque Ambiental Sambaiatuba (letreiro no talude).....	75
<b>Figura 21.</b> Tênis “degredado” na área de taludes (Sambaituba).....	86
<b>Figura 22.</b> Um pouco do sol que resta no fim de tarde (Sambaiatuba).....	93
<b>Figura 23.</b> Filme Estamira.....	95
<b>Figura 24.</b> Adaga chinesa (Presente do Sambaiatuba).....	105
<b>Figura 25.</b> Monumento ao coletor (Sambaiatuba).....	106
<b>Figura 26.</b> Vacinação anti rábica no Sambaiatuba.....	112
<b>Figura 27.</b> Cães acumulados em cômodo.....	119
<b>Figura 28.</b> Talude no Parque Sambaiatuba – chorume e água.....	124
<b>Figura 29.</b> Nascimento, descansando de trabalhar, mesmo com a mão ferida	130
<b>Figura 30.</b> Pontos no céu que se fecha ( <i>Coragyps atratus</i> ).....	131

## LISTA DE ABREVIATURAS

ABNT	Associação Brasileira de Normas Técnicas
ACNUR	Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados
CEDAPS	Centro de Promoção da Saúde
CEDESS	Centro de Desenvolvimento do Ensino Superior em Saúde
CETESB	Companhia Ambiental do Estado de São Paulo
CODESAVI	Companhia de Desenvolvimento de São Vicente
COOPERCIAL	Cooperativa Cidade Alta
DNOS	Departamento Nacional de Obras Sanitárias
DHF	Dreyfus Health Foundation
ESALQ/USP	Escola Superior de Agricultura "Luiz de Queiroz" Universidade de São Paulo
MEC	Ministério da Educação
MS	Ministério da Saúde
OMS	Organização Mundial de Saúde
OPAS	Organização Panamericana de Saúde
PAD	Polietileno de alta densidade
PEAa	Programa de Erradicação do <i>Aedes aegypti</i>
PETROBRAS	Petróleo Brasileiro S. A.
PM	Polícia Militar
PMGIRSSV	Plano Municipal de Gestão Integrada de Resíduos Sólidos de São Vicente
PSBH	<i>Problem Solving for Better Health</i>
RDE	Regulamento Disciplinar do Exército
SMA	Secretaria Estadual de Meio Ambiente
TAC	Termo de Ajustamento de Conduta
UNIFESP/BS	Unifersidade Federal de São Paulo/Baixada Santista
UFTM/MG	Universidade Federal do Triângulo Mineiro
UNIMONTE	Centro Universitário Monte Serrat
VISA	Vigilância Sanitária

## SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	01
1.1 Rotas de degredados e degradados: Sambaiatuba.....	01
1.2 A minha proposta inicial de produção de ciência oficial (a pretensão de verdade e a deslegitimação de outros saberes) .....	11
2. METODOLOGIA .....	27
2.1 Percurso metodológico.....	27
3. COMUNITAS E IMUNITAS NO ANTIGO LIXÃO.....	36
4. RISCO, ANIMALIDADE E A POLÍCIA SANITÁRIA, NO SÉCULO XXI	46
5. MURO E OUTRAS ECOLOGIAS: POLÍTICAS SUBJETIVAS DAS ALFACES.....	62
6. UMA CERTA ETOLOGIA POLÍTICA: APOSEMATISMO.....	71
7. PARA NÃO SER EMBAIXADOR DE UMA SAÚDE TRISTE E ASSÉPTICA.....	78
8. O OCASO DA INTERIORIDADE - FELICIDADE: UM POUCO DO SOL QUE RESTA.....	87
9. SAÚDES EXTRAORDINÁRIAS E ENCONTROS COM O NÃO SABIDO: UMA FACA.....	95
10. SOMOS FEITOS DE ELEMENTOS, COMO O LIXO O É.....	107
11. O QUE VICEJA E O QUE FENECE NA SAÚDE DO SÉCULO XXI	113
12. UMA VIDA QUALQUER ENTRE OUTRAS QUE, DE TODO MODO, IMPORTA.....	121
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	126
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	135
ANEXO.....	141
APÊNDICE.....	145





# 1. INTRODUÇÃO

## 1.1 Rotas de degredados e degradados: Sambaiatuba

*Apesar do que se pensa, Portugal não mandou **degradados** para o Brasil, mas **degredados**, ou seja, pessoas que por motivo político foram exiladas de seu país”<sup>1</sup>*

Suely Rolnik

É preciso também pensar com o corpo, deixar o corpo falar, pobre corpo. É preciso sair de dentro do porta-moedas e entrar na associação, no delírio, na sujidade (é muito importante não termos medo da sujidade).<sup>2</sup>

Vera Mantero

São Vicente é uma cidade litorânea de porte médio do Estado de São Paulo, que faz parte da Baixada Santista. Um dos grandes ditos *problemas ambientais* do município é a área onde funcionava, até 01 de abril de 2002, o “lixão municipal”, localizado no dique do Sambaiatuba. Ocupado desde a década de 50, o local recebeu todo o descarte de resíduo da cidade por aproximadamente 32 anos e, devido sua localização, vários impactos sociais, ambientais e econômicos são visíveis. Durante a operação como lixão, a área serviu às atividades de “catação”, onde a população do entorno, ou mesmo aquela que residia no local, beneficiava-se dos resíduos para alimentação, mobiliário ou como matéria prima secundária (reciclagem) para venda nos ferro-velhos.

Esta paisagem foi o “pano de fundo” para esta pesquisa, com catadores, crianças descalças na pilha, cães doentes, urubús e roedores...

---

<sup>1</sup> ROLNIK, Sueli. *In*: Funeral de Michael Jackson é destaque da penúltima mesa do Seminário Internacional Emoção e Imaginação. Disponível em: <http://administrativocasper.fcl.com.br/>

<sup>2</sup> MANTERO, Vera. É preciso olear o espírito. Laboratório de sensibilidades. Postado em 03/03/2012. Disponível em: <https://laboratoriodesensibilidades.wordpress.com/2012/03/03/e-preciso-olear-o-espírito/>

Muitas ecologias comparecem neste trabalho: nutricional, habitacional, subjetiva, um estranho comensalismo com o ferro-velho (com prejuízo para uma das partes, talvez um parasitismo), além da tradicional visão da ecologia ambiental.

O trabalho de Grimberg (2007) estimava que existem cerca de 35 mil crianças em lixões e uma estimativa de 500 mil catadores trabalhando em depósitos a céu aberto e nas ruas em todo o país, e uma parte desta estatística está lá, no Parque Ambiental Sambaíatuba.

Para traçar um breve histórico do local, segundo levantamentos do Plano Municipal de Gestão Integrada de Resíduos Sólidos de São Vicente (versão preliminar - PMGIRSSV, 2015), em 1977, valendo-se de sua autonomia e com o objetivo de profissionalizar os serviços urbanos, especialmente aqueles referentes à coleta e destinação de resíduos, cria a Companhia de Desenvolvimento de São Vicente (CODESAVI), nos termos da Lei Municipal nº 1726, de 6 de junho de 1977, como sociedade de economia mista para prestação de serviços públicos atribuídos pela Prefeitura Municipal de São Vicente, sua acionista majoritária.

Com o advento da CODESAVI, a coleta de resíduos foi ampliada para os bairros periféricos da cidade e, com o passar dos anos, foram sendo implantadas medidas para coleta de resíduos nas áreas de difícil acesso, como morros e áreas de ocupação de interesse social. A destinação final para os resíduos seguia para um único destino: o lixão do Sambaíatuba que se transformou num vazadouro a céu aberto. Logo simples disposição sobre o solo, sem qualquer outro cuidado.

\*\*\*

Faltam poucas letras a Adão para ladrão, e ao fruto para furto não lhe faltava nenhuma. Nem os reis podem ir ao paraíso sem levar consigo os ladrões, nem os ladrões podem ir ao inferno sem levar consigo os reis. Mas o que vemos praticar em todos os reinos do mundo é tanto pelo contrário que, em vez de os reis levarem consigo os ladrões ao Paraíso, os ladrões são os que levam consigo os reis ao inferno. (...) prosseguirei tanto com maior esperança de produzir algum fruto, quanto vejo enobrecido o auditório presente com a autoridade de tantos ministros de todos os maiores tribunais, sobre cujo conselho e consciência se costumam descarregar as dos reis. (...) No Brasil conjugam por todos os modos o verbo rapio (...) tanto que no Brasil quando (...) chegam, começam a furtar pelo modo indicativo, porque a primeira informação que pedem aos práticos é que lhes apontem e mostrem os caminhos por onde podem abarcar

tudo. Furtam pelo modo imperativo, porque, como têm o mero e misto império, todos eles aplicam despoticamente às execuções da rapina. Furtam pelo modo mandativo, porque aceitam quanto lhes mandam, e, para que mandem todos, os que não mandam não são aceitos. (...) Furtam pelo modo permissivo, porque permitem que outros furtem, e estes compram as permissões. Furtam pelo modo infinitivo, porque não tem o fim o furtar com o fim do governo, e sempre lá deixam raízes em que se vão continuando os furtos. Estes mesmos modos se conjugam por todas as pessoas, porque a primeira pessoa do verbo é a sua, as segundas os seus criados, e as terceiras quantas para isso têm indústria e consciência. (...) Finalmente, nos mesmos tempos, não lhes escapam os imperfeitos, perfeitos, plus quam perfeitos, e quaisquer outros, porque furtam, furtaram, furtavam, furtariam e haveriam de furtar mais, se mais houvesse. Em suma, que o resumo de toda esta rapante conjugação vem a ser o supino do mesmo verbo: a furtar para furtar.(...) Antigamente os que assistiam ao lado dos príncipes, chamavam-se laterones. E depois (...) chamaram-se latrones (...) Os teus príncipes são companheiros dos ladrões. — E por quê? São companheiros dos ladrões, porque os dissimulam; são companheiros dos ladrões, porque os consentem; são companheiros dos ladrões, porque lhes dão os postos e os poderes; são companheiros dos ladrões porque talvez os defendem, e são, finalmente, seus companheiros, porque os acompanham e hão de acompanhar ao inferno, onde os mesmos ladrões os levam consigo<sup>3</sup>.

\*\*\*

Nessa perspectiva durante os anos que se seguiram, todo o entorno do bairro Jóquei Clube, incluindo o Lixão do Sambaiatuba, em razão da drenagem dos terrenos realizadas pelo Departamento Nacional de Obras Sanitárias (DNOS), na década de 1950, começaram a sofrer pressão urbana e ocupação irregular por “pessoas rapinadas dentro da lei” que vieram a ocupar as margens dos rios dos Bugres, Casqueiro e Cachetas, seguindo a “evolução” da ocupação irregular da Vila Gilda, a mais antiga e datada de 1950, localizada na margem santista do Rio dos Bugres, “evoluindo” todas essas ocupações para construções “apinhadas em palafitas”. Um bloco que evoluiu com “reis” e “laterones”

---

<sup>3</sup>VIEIRA. Padre Antonio. Sermão do Bom Ladrão (1655). Disponível em <http://www.literaturabrasileira.ufsc.br/documentos/?action=download&id=28740>

Acesso em 31 08 2014. Pode ser visto, também, a versão editada deste trecho do sermão no filme: “Sermões. A História de Antonio Vieira” (Julio Bressane, 1989) com Othon Bastos, disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=JOPqa3LQHZQ>

Acesso em 31 09 2014. Há a versão integral do filme disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=o4ZAjm7tM1w>

Assim, no entorno dos diques construídos pelo DNOS na década de 1950 e em toda a região adjacente, incluindo os limites com Santos e o lixão do Sambaiatuba, passa a ocorrer um processo de conurbação precária (degradação/estrago de vidas) com habitações ocupadas por gentes tão-somente denominadas de *baixa renda* - de certo modo degradadas politicamente - que vieram, sobretudo, para trabalhar na expansão do Polo Industrial de Cubatão e na Via Anchieta.

De 1967 a 1978, o Lixão do Sambaiatuba era frequentado por degradados (mesmo sem saber que eram) jogados nos limites da cidade, criadores de porcos a procura de restos de alimentos vindos do lixo, mas por volta da década de 1980, passa a ser mais frequentado por famílias inteiras de desterrados (terra e comida lhes foi tirada) que retiravam dali o seu sustento, com a atividade de catação (Figura 1). Esse problema social se repetiu praticamente em todo o país com a rápida urbanização nessa época.

\*\*\*

Lixo é tudo aquilo que é produzido pelos seres humanos, numa conjugação de esforços do telencéfalo altamente desenvolvido com o polegar opositor, e que, segundo o julgamento de um determinado ser humano, não tem condições de virar molho.<sup>4</sup>



Fig. 1 – Catadores no Lixão do Sambaiatuba  
Fonte: Acervo CODESAVI.

---

<sup>4</sup> FURTADO, Jorge. Ilha das Flores (roteiro original em dezembro/1988).

Produção: Casa de Cinema de Porto Alegre – Trecho do filme. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=e7sD6mdXUyg>

No ano de 1987, tem início o uso de materiais descartáveis decorrentes da nova era do consumo, chegando ao lixão caminhões inteiros de mercadorias reaproveitáveis, misturadas ao lixo preponderantemente orgânico de até então.

Este panorama mostra como esta comunidade se desenvolveu, com alguma servidão/dependência dos resíduos, para diversas finalidades, inclusive a própria alimentação. Mais do que um problema ambiental no sentido estrito e restrito, tornou-se um problema de gestão dos famintos, de saúde pública, de explorados suportando uma péssima renda, onde direitos básicos como alimentação e saneamento básico foram e são negados de modo humilhante.

\*\*\*

(...) o problema fundamental (...) que Espinosa soube levantar (e que Reich redescobriu): “Por que os homens combatem por sua servidão como se se tratasse da sua salvação?” Como é possível que se chegue a gritar: mais impostos! Menos pão! Como diz Reich, **o que surpreende não é que uns roubem e outros façam greve, mas que os famintos não roubem sempre e que os explorados não façam greve sempre**<sup>5</sup> (...) porque é que há homens que suportam há tanto tempo a exploração, a humilhação, a escravatura, e que chegam ao ponto de as querer não só para os outros, mas também para si próprios?<sup>6</sup>

\*\*\*

Em seu discurso, durante o evento da Declaração de Estocolmo (1972), Indira Gandhi<sup>7</sup> faz uma declaração que, mesmo no século XXI, é um disparador para algumas reflexões: “*O pior tipo de poluição é a pobreza, a falta de condições mínimas de alimentação, saneamento e educação*”.

\*\*\*

Na década de 1990, o Lixão do Sambaiatuba era **visto de longe** como uma montanha de lixo. Além disso, ao se passar pela via secundária que dá acesso à Rodovia dos Imigrantes, na altura do bairro Jockey Clube já se sentia um **odor muito forte e característico de resíduos orgânicos em decomposição**.<sup>8</sup>

---

<sup>5</sup> Grifo meu.

<sup>6</sup> DELEUZE. Gilles e GUATTARI, Félix. O Anti-Édipo, Capitalismo e Esquizofrenia. Tradução e notas de Luis Orlandi. Editora 34, 2010. P.46-47.

<sup>7</sup> Primeira Ministra da Índia, Indira Gandhi, foi o único Chefe de Estado presente na conferência de Estocolmo (1972), que durante seu discurso, cunha a frase acima.

<sup>8</sup> Carvalho (2011), reflete sobre a hierarquização sensorial, advinda de uma herança platônica, que submete todos os outros sentidos ao primado da visão. Uma consequência disso é a desodorização dos corpos e dos ambientes. Como bem demonstrou Alain Corbin (1987), com a criação dos perfumes e colônias, o processo de desodorização se propaga a partir do mundo

Nessa época, não havia cuidados com a cobertura e recolhimento do chorume (resíduos percolados) que amenizassem a contaminação da área de rio e mangue que cercava o local. O cheiro forte e fétido era sentido há quilômetros de distância e os gases produzidos contaminavam a atmosfera e provocavam incêndios diários, afetando a saúde dos moradores dos bairros próximos. No seu interior, havia uma verdadeira sociedade paralela de degradados/degradados com a presença de adultos e crianças em condições degradantes e de “*alto risco*” - problema que tratarei mais adiante - que faziam do lixo seu meio de sobrevivência e alimento.

De forma a organizar os serviços de coleta de resíduos no município, a CODESAVI estabeleceu em 1990 seu primeiro plano de coleta de resíduos. Previa um sistema amplo, desde os domiciliares, sépticos, feiras livres, capinação, varrição e entulho, num primeiro momento estabelecido para a área insular e bairro do Japuí, além de serviços no Vazadouro do Sambaiatuba. Em 1997 – com a expansão de certa servidão (in)voluntária e comum dentro e fora do aterro - o lixão já ocupava 40 mil m<sup>2</sup> de extensão e 17 metros de altura de resíduos, quando só então, no Estado de São Paulo, tem início a negociação da extinção dos lixões. Foram exigidas providências efetivas em relação à disposição final dos resíduos, cada vez mais incisivamente cobrada dos municípios pela Companhia Ambiental do Estado de São Paulo (CETESB).

Embora houvesse um grande movimento do Estado em terminar com lixões a céu aberto, os relatos das pessoas, na comunidade, era de que não havia desconfiança alguma deste procedimento... parecia-lhes que o lixão nunca iria acabar... aquele local que lhes provia sustento, morada, relações.

Em 1999, São Vicente assinou um Termo de Ajustamento de Conduta (TAC) com a CETESB e com a Secretaria Estadual de Meio Ambiente (SMA), assumindo o compromisso de promover ações para a adequação das operações em relação ao recebimento dos resíduos domiciliares, bem como de

---

burguês, banindo os odores naturais e produzindo o que Corbin denominou de “silêncio olfativo”. Mesmo considerando que a criação de perfumes pode propiciar uma experiência estética olfativa equivalente à contemplação de uma pintura, como descreve Alba e Mora (2008), a desodorização da natureza e do corpo humana não permite a valorização da “alteridade olfativa”. *In*: A crise dos sentidos: modernidade líquida e o esvaziamento da experiência sensorial. Percebe-se que, no caso da Sambaiatuba, a pilha de resíduos era avistada de longe, entretanto, era o odor que incomodava o entorno do antigo lixão de São Vicente;

promover a destinação correta para esses resíduos. Mesmo com a desconfiança da população que dependia destes resíduos para sobreviver, a coleta seletiva iniciou-se em 1999 em alguns bairros da cidade, passando a atingir quase que a totalidade da área insular e bairros principais da área continental a partir de 2003.

Em 2001, a Prefeitura e a CODESAVI iniciam, com recursos próprios, a adequação técnica necessária para a desativação do lixão e construção, no mesmo local, de um Parque Ambiental com áreas propícias para o lazer, atividades de Educação Ambiental e ainda estufas e viveiros de mudas a serem produzidas para ornamentação das praças da cidade.

Durante todo o seu funcionamento, o lixão municipal serviu para subsidiar a forma de sustento daquela população explorada, chamada de “catadores”<sup>9</sup>, criando uma rede de relações entre os diversos membros desta comunidade, donos de ferro-velhos, os moradores da favela do dique do Sambaiatuba e porque não dizer dos urubús, artrópodes e roedores que habitam o mesmo local, que nele, buscam os seus nichos de sobrevivência e de vida.

\*\*\*

A vespa e a orquídea fazem rizoma em sua heterogeneidade. Poder-se-ia dizer que a orquídea imita a vespa cuja imagem reproduz de maneira significativa (mimese, mimetismo, fingimento, etc). Mas isto é somente verdade no nível dos estratos — paralelismo entre dois estratos determinados cuja organização vegetal sobre um deles imita uma organização animal sobre o outro. Ao mesmo tempo trata-se de algo completamente diferente: não mais imitação, mas captura de código, mais-valia de código, aumento de valência, verdadeiro devir, devir-vespa da orquídea, devir-orquídea da vespa, cada um destes devires assegurando a desterritorialização de um dos termos e a reterritorialização do outro, os dois devires se encadeando e se revezando segundo uma circulação de intensidades que empurra a desterritorialização cada vez mais longe. Não há imitação nem semelhança, mas explosão de duas séries heterogêneas na linha de fuga composta de um rizoma comum que não pode mais ser atribuído, nem submetido ao que quer que seja de significante.<sup>10</sup>

\*\*\*

---

<sup>9</sup> Segundo Grimberg (2007), o termo catador foi utilizado pela primeira vez, para denominar os trabalhadores que atuaram na coleta e/ou triagem de materiais recicláveis. Esta é uma conceituação política, definida pelo Movimento Nacional dos Catadores de Materiais Recicláveis (MNCR). Disponível em: <http://www.polis.org.br/uploads/1008/1008.pdf>

<sup>10</sup> DELEUZE, Gilles; GUATARI, Félix. **Mil Platôs. Capitalismo e Esquizofrenia**. Coleção Trans. Editora 34. Vol. I. (Página 17 e 18). 2.000. Disponível em: <http://copyfight.me/Acervo/livros/DELEUZE,%20Gilles%3B%20GUATARI,%20Fe%CC%81lix.%20Mil%20Plato%CC%82s,%20Vol.%201.pdf>



Fig. 2: Lixão do Sambaiatuba – Déc. de 70  
Fonte: Acervo CODESAVI



Fig. 3: Lixão do Sambaiatuba – Déc. de 80  
Fonte: Acervo CODESAVI



Fig. 4: Lixão do Sambaiatuba – Déc. de 90  
Fonte: Acervo CODESAVI



Fig. 5: Lixão do Sambaiatuba – Final de 90  
Fonte: Acervo CODESAVI

O gráfico abaixo (gráfico 1), construído através do estudo gravimétrico dos resíduos recebidos no Sambaiatuba, logo após a desativação do antigo lixão e transformação em pátio de transbordo, dentro do Parque Ambiental, demonstra quais são os nichos explorados por estes catadores (não menos explorados) e, agora, cooperados, na manutenção de seu dia-a-dia.

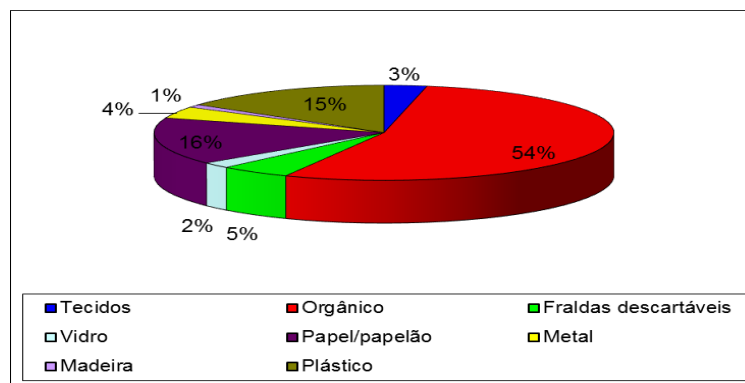


Gráfico 1: composição gravimétrica dos resíduos sólidos recebidos no Sambaiatuba  
Fonte: PMGIRSSV, 2015



A prefeitura de São Vicente, através da Companhia de desenvolvimento de São Vicente (CODESAVI), ao desativar o antigo “lixão” do Sambaiatuba, promoveu nesta área, várias ações a fim de minimizar os impactos causados e transformar o local em um Parque Ecológico, com objetivo de promover a “dita” Educação Ambiental, além de oferecer alternativa de lazer à população, formar um centro produtor de espécies arbóreas nativas da região, entre outros.

A CODESAVI tem como suas principais atividades, o gerenciamento das atividades de coleta de resíduos de lixo urbano (domiciliar, seletivo e séptico).

Junto ao Parque Ambiental, construído na mesma área de desativação do lixão, foi instituído um espaço para o recebimento dos resíduos, chamado de área de transbordo. Esta área corresponde a 5.289,30 m<sup>2</sup>, onde o solo foi impermeabilizado como uma manta de PAD (Polietileno de alta densidade) e asfaltado, impedindo a lixiviação do *chorume* liberado pelo lixo.

Nesta área, os caminhões-prensa, que recolheram o lixo nas ruas da cidade, despejam-no para que os “catadores” que ainda dependem deste material para seu sustento possam retirá-lo, separá-lo e enviar para usinagem (prensagem ou ensacamento em *bags*). O restante dos resíduos, considerados orgânicos ou rejeitos, vão para a disposição final em um aterro sanitário.

São Vicente possui a coleta seletiva, mas, que ainda demanda algum esforço conjunto com a população para que o lixo reciclável seja separado e encaminhado para a usinagem, sem ser misturado com os resíduos orgânicos (resto de alimentos, roupas velhas, materiais sem valor agregado etc). O pátio de transbordo foi então criado para a separação deste material pelos catadores e para acomodação do material não aproveitado para carretas, que os transportam ao aterro municipal de Mauá/SP.

No entorno deste pátio de transbordo, ainda na área do Parque Ambiental Sambaiatuba, funcionavam o pátio de usinagem; a estufa de produção de mudas, a horta hidropônica; o projeto “mão na massa”; o centro de inclusão digital; o polo de Educação Ambiental; o projeto profissionalizante “Oficina de Costura”; o galpão de reciclagem de casca de coco; o polo de Educação de Jovens e adultos (EJA noturno) e as quadras de futebol e um *play-ground*.

Todas estas iniciativas procuravam “mitigar” os impactos ambientais e sociais, produzidos pelo funcionamento irregular de um depósito de resíduos, o

qual funcionou durante muitos anos, mas, após tantos anos, já fazem parte desta população, como se fossem de sua propriedade.

Apontado no trabalho de Makishi e Silva (2010), o feito no antigo lixão do Sambaiatuba, “Caminho da Cidadania”, foi uma iniciativa da Prefeitura Municipal, responsável pela organização dos antigos catadores de lixo do lixão na Cooperativa Cidade Alta (COOPERCIAL), fazendo alusão à altura da pilha em que foi construído o Parque) e, entre as metas atingidas pelo projeto destaca-se a legalização da atividade de triagem, coleta e enfardamento de materiais recicláveis, formando uma cooperativa de trabalho que comercializa plástico, metal, papel, vidro, embalagem longa vida e borracha de pneus.

Esta iniciativa ganhou vários prêmios de reconhecimento e serviu de modelo para outras iniciativas similares, entretanto, quando nos embrenhamos na complexidade do que é esta comunidade, com suas forças/fraquezas, rotas de aceso/fuga, signos e linguagens percebemos que, o que é representado no site da CODESAVI ou mesmo na descrição do “sucesso” dos projetos ali implantados, mostra somente o “idealizado”

Embora tenha havido mudanças significativas no contexto desta população de catadores, os quais formaram a COOPERCIAL para gestão dos recursos adquiridos com a venda do material reciclável, estes ainda vivem em condições abaixo das aceitáveis, convivendo com roedores, insetos e outros vetores de doenças, além da insalubridade e periculosidade do local, onde estão sujeitos a cortes, quedas, altas temperaturas, soterramento, água contaminada, material contaminado, mau cheiro, fumaça, gases tóxicos etc.



Fig. 6: Projeto Mão na Massa  
Fonte: Arquivo pessoal

Fig.7: Projeto Oficina de costura  
Fonte: Arquivo pessoal



Fig. 8: Hidroponia  
Fonte: Arquivo pessoal



Fig. 9: Projeto Educação Ambiental  
Fonte: Arquivo pessoal



Fig. 10: Projeto de Inclusão Digital  
Fonte: Arquivo pessoal



Fig. 11: Produção de mudas  
Fonte: Arquivo pessoal

\*\*\*

## **1.2 A minha proposta inicial de produção de ciência oficial (a pretensão de verdade e a deslegitimação de outros saberes).**

Minha chegada ao Parque Ambiental Sambaiatuba e os primeiros contatos com a comunidade foram, praticamente, incidentais. Cabe salientar que não escolhi o Parque como tema de meu projeto, pois ao prestar a prova para o Mestrado Profissional do Centro de Desenvolvimento do Ensino Superior em Saúde (CEDESS), escolhi estudar Educação continuada e permanente no Núcleo de Controle de Zoonoses de São Vicente. Embora tenha feito todos os trâmites para minha liberação no cumprimento dos

créditos, após a aula inaugural, veio a notícia de que meu projeto não foi aprovado pela Secretaria de Saúde.

Ao pedir transferência, dentro da Prefeitura, recebi a sugestão de ir para o Sambaiatuba, um local que funcionou como lixão durante muitos anos, conhecido como “Parque Ambiental Sambaiatuba” e no qual, poucos se prontificavam a trabalhar. Neste sentido, achei interessante a possibilidade, já que o local necessitava de intervenções, na área de educação em saúde e de educação ambiental.

Minhas primeiras experiências com atividades de Educação em Saúde para comunidades aconteceram quando incorporei-me ao serviço municipal do Núcleo de Controle de Zoonoses (NCZ) da cidade de São Vicente/SP, em 1995, levando o serviço de desratização e desinsetização às comunidades, aliados à informação técnica sobre roedores e insetos sinantrópicos indesejáveis.

As atividades, basicamente, consistiam em realizar o serviço com produtos químicos e deixar um panfleto de recomendações técnicas sobre o risco e para evitar novas infestações. Em 1997, comecei o trabalho como técnico de zoonoses/supervisor geral do Programa de Erradicação do *Aedes aegypti* (PEAa), coordenando às equipes de campo em ações de mapeamento, controle químico e mecânico e informação. Minha principal formação é a área de Ciências Biológicas, onde especializei-me em controle de pragas e vetores.

Além do serviço público, tive a oportunidade de participar na instituição Centro de Promoção da Saúde (CEDAPS), como seminarista, para desenvolvimento de um projeto de saúde para a comunidade onde estava inserido. O problema escolhido foi “Solução do problema “pneu” como criadouro para o *Aedes aegypti*” e foi finalizado no ano de 1998, fazendo parte do Caderno de Melhores Práticas da América do Sul.

A forma de atuação do CEDAPS é baseada em seminários de imersão, onde privilegia-se a metodologia do *Problem Solving for Better Health* (PSBH), traduzido aqui como Soluções Compartilhadas para Problemas de Saúde e visa instrumentalizar os participantes, através de facilitadores e co-facilitadores, a selecionarem as causas dos problemas, os nós-críticos e suas possíveis soluções. Esta instituição tem financiamento da Dreyfus Health Foundation

(DHF) e está presente em 27 países, onde existem graves problemas sociais e de saúde: Brasil, Costa Rica, República Dominicana, El Salvador, Guyana, México, Nicarágua, Perú, E.U.A., Romênia, Ucrânia, Vietnam, Zâmbia, Belarus, Bulgária, Camarões, China, Ghana, Indonésia, Jordânia, Quênia, Lituânia, Polônia, Índia, Nigéria, Cazaquistão e Latvia.

Nos anos seguintes tive a experiência de atuar como co-facilitador e depois facilitador, em projetos para comunidades do Rio de Janeiro, até formar a ONG CEDAPS - Baixada Santista, onde desenvolvemos projetos de brinquedotecas para comunidades carentes (financiadas pela PETROBRAS) e escrevemos o Projeto para o Governo Federal, financiado pela Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial da Presidência da República (SEPPIR). O trabalho tinha o nome de "Ajuda judicial e extrajudicial ao imigrante Afro descendente clandestino" e focava o processo de imigração de africanos, dentre outras nacionalidades que vêm ao Brasil, e as diferentes situações e condições de vida a que são submetidos em território brasileiro. O caso de Santos é peculiar pois o maior porto brasileiro encontra-se localizado na região e é certamente a principal via de acesso ao Brasil por parte dos africanos clandestinos.

Uma das experiências marcantes foi a de receber um imigrante clandestino, vindo de um país Africano, de maioria muçulmana, onde os crimes de roubo e furto são punidos com a amputação das mãos (uma de cada vez). O argumento dele (dito em um inglês difícil de entender), por ter arriscado sua vida na travessia, foi a de que seu pai e seu irmão mais velho já tinham sido amputados e ele, seria o próximo. Devido à fome e a falta de recursos, teria que roubar novamente e, certamente, seria punido. Ele diz: *\_ I want to be with my hands!*

As informações para o recebimento destes imigrantes e abertura de processo para asilo ou exílio eram confrontadas com as publicações do ACNUR (Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados), órgão que possui informações sobre conflitos, intolerância a etnias, opção sexual e religiosa.

Percebo que esta intervenção, relativa à confecção deste Projeto, de alguma forma, me preparava para as questões das vidas “por um triz”, precárias extremas e minha chegada ao Sambaiatuba

Em junho de 2006, atuei como coordenador dos projetos da área de saúde, no programa de extensão “Projeto Rondon”, na área do Vale do Ribeira/SP, coordenando o pólo de Itariri pelo Centro Universitário Monte Serrat (UNIMONTE/SP), juntamente com a Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz” (ESALQ/USP). Os projetos sob minha coordenação envolviam alunos de nutrição, enfermagem, gestão ambiental, educação física, direito e administração.

Em fevereiro de 2007, atuei como coordenador dos projetos da área de meio ambiente, no “Projeto Rondon”, na área Amazônica/TO, no Polo de Aguiarnópolis pela UNIMONTE/SP, juntamente com a Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM/MG). Os projetos sob minha coordenação envolviam alunos de medicina veterinária, biologia, administração, turismo, jornalismo e gestão ambiental.

O Projeto Rondon é um projeto de integração social coordenado pelo Ministério da Defesa e conta com a colaboração da Secretaria de Educação Superior do Ministério da Educação – MEC e envolve atividades voluntárias de universitários e busca aproximar esses estudantes da realidade do País, além de contribuir, também, para o desenvolvimento de comunidades carentes.

Em 2007, concluí o Curso Superior Sequencial em Educação e Comunicação em Saúde, pela Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP/Baixada Santista), ainda atuando como professor universitário nas disciplinas de parasitologia humana e animal, saneamento e saúde pública e ecologia, ecossistema e ciclo vital, na UNIMONTE, em Santos/SP. No mesmo ano, transferido para o Parque Ambiental Sambaiatuba, pela Prefeitura Municipal de São Vicente/SP, tive contato com a cooperativa de “catadores” (COOPERCIAL), em atividades de Educação Ambiental.

Inserido no Programa de Mestrado Profissional no Centro de Desenvolvimento do Ensino Superior em Saúde (CEDESS), havia a perspectiva de desenvolver estudos sobre educação continuada, através do olhar dos funcionários do Núcleo de Controle de Zoonoses de São Vicente. A

proposta não foi aceita pelo núcleo e, diante da oportunidade de contribuir para uma comunidade carente, principalmente nas questões de saúde, solicitei a transferência para o Parque Ambiental Sambaiatuba (PAS), antigo lixão do município, desativado e transformado em Parque, polo de educação ambiental e profissional e área de transbordo para o lixo, a partir de 2002. Embora inúmeras conquistas fossem angariadas, a convivência com vetores e reservatórios de doenças, o trabalho em um ambiente insalubre e perigoso, além da necessidade de conscientização desta população sobre suas potencialidades trouxe-me a perspectiva do desenvolvimento de um projeto que pudesse discutir o conceito de saúde, de acordo com a cultura da comunidade, suas necessidades, diversidades e possibilidades, para posterior desenvolvimento de um programa de educação em saúde.

\*\*\*

“...O homem acredita que, oferecendo a todos o que se estima ser o melhor, ele há de chegar, um dia, à humanidade perfeita. Não é como se encaminham as coisas. A natureza, apesar do Sr. Darwin, não evolui na direção da supremacia dos mais aptos (aptos a que, afinal?). A natureza busca sua força na diversidade. Precisa dos bons, dos maus, dos loucos, dos desesperados, dos esportivos, dos doentes, dos corcundas, dos lábios leporinos, dos alegres, dos tristes, dos inteligentes, dos imbecis, dos egoístas, dos generosos, dos pequenos, dos grandes, dos negros, dos amarelos, dos brancos...São necessárias todas as religiões, todas as filosofias, todos os fanatismos, todas as sabedorias... O único perigo é que alguma dessas espécies seja eliminada por outra. Confirmou-se que os campos de milho artificialmente concebidos pelos homens, com irmãos gêmeas da melhor espiga (aquela com menos necessidade de água, que melhor resiste à geada e produz os mais belos grãos), morriam bruscamente, assim que afetados pela mais simples doença. Os campos silvestres de milho, compostos por diversas fontes diferentes e tendo, cada uma, suas especificidades, fraquezas e anomalias, sempre conseguem encontrar solução para as epidemias.<sup>11</sup>

\*\*\*

A convivência com esta população trazia-me questões frequentes de como é possível exercer a atividade profissional em um ambiente insalubre como o pátio de transbordo de resíduos? O que fazia com que aquelas pessoas permitissem o contrato frequente com animais como roedores e insetos, que podem trazer doenças infecto contagiosas?<sup>12</sup>

---

<sup>11</sup> WEBER, Bernard. O Império das Formigas- Volume 1 (As Formigas); Editora Bertrand Brasil, 2008; pág.149

<sup>12</sup> “(...) Não muito mais adiante, Sócrates compara a uma droga (**phármakon**) os textos escritos que Fedro trouxe consigo. Esse **phármakon**, essa "medicina", esse filtro, ao mesmo tempo

\*\*\*

Trata-se de encontrar - entre exposição e proteção, na sujidade vital - uma a dosagem singular do "remédio" (*phármakon*] para que ele não se transforme em veneno. Não uma dosagem correta ou justa, mas justamente uma singularíssima para aquela vida. Quais saúdes nossas e no Sambaiatuba estão nessa corda do *phármakon* feita para atravessar e fazer tropeçar?

\*\*\*

Partindo destes questionamentos, a investigar qual a ideia de prevenção em saúde que esta população idealizava e quais são suas prioridades. Com estes conceitos, a pretensão inicial era a de construir um programa de educação em saúde.

Acreditava que, ao compreender a expectativa e o conceito de saúde desta população poderia ser um caminho viável para a construção de um programa de educação em saúde, direcionado às necessidades desta mesma comunidade, guardando a relação dialógica, o respeito ao saber já adquirido e a cultura local.<sup>13</sup>

A convivência com esta população trazia-me, principalmente, questões frequentes a serem refletidas como:

- a) De que forma é possível exercer a atividade profissional em um ambiente insalubre como o pátio de transbordo de resíduos?
- b) De que forma é possível que estas pessoas permitam o contrato frequente com animais como roedores e insetos, que podem trazer doenças infectocontagiosas?
- c) Qual é a ideia de prevenção em saúde que esta população idealiza e quais são suas prioridades?

Com os dados recolhidos e, baseado no referencial teórico, pretendia reconhecer os conceitos de saúde daquela população e propor um "Programa

---

*remédio e veneno, já se introduz no corpo do discurso com toda sua ambivalência. Esse encanto, essa virtude de fascinação, essa potência de feitiço podem ser — alternada ou simultaneamente — benéficas e maléficas.*" (In) DERRIDA, Jacques. A farmácia de Platão. **Tradução** Rogério Costa. 3ª edição revista - Ed. Iluminuras. 2005. Página 14.

<sup>13</sup> Safira Bezerra Ammann atém-se a discussão sobre o desenvolvimento de comunidades, em seu livro, com esta questão, entre outras: *Se o Desenvolvimento de Comunidade proclama a participação popular como ingrediente necessário ao desenvolvimento global o que, a rigor, significa esta participação? Como ela é conceituada ao nível de discurso e operacionalizada no âmbito das práticas do Desenvolvimento de Comunidade brasileiro?* In: Ideologia do desenvolvimento de comunidade no Brasil. 211 páginas (2003).

Pergunto-me, hoje, se as necessidades desta população são estáveis, se podemos supri-las com um Programa de Educação em Saúde ou com modelos organizacionais que diferem, e muito, do *modus operandi* desta comunidade (?).



de Educação em Saúde”, onde minha dissertação teria o título de: **“O conceito de Saúde na definição de uma comunidade do Parque Ambiental Sambaia-tuba- São Vicente/SP”**.

Buscar os conceitos de saúde daquela população, baseado no arcabouço teórico que possuía tornou-se redundante, uma vez que, enganado, procurei o que acharia que encontraria, nos modelos anteriores que me foram apresentados. Buscava a repetição do que os diversos teóricos me apresentaram para então, criar um novo modelo de Programa de Educação em Saúde, o qual seria o meu produto final da pesquisa.

Minhas convicções advinham dos estudos sobre os conceitos de saúde, a construção destes conceitos através das principais cartas e declarações de saúde (Alma Ata, Ottawa, Jacarta, Santa Fé de Bogotá, Sundsvall, Adelaide, Mega-Países e México), além dos conceitos de Epidemiologia.

Um dos maiores desafios, nesta empreitada, tem sido a recolha dos dados. Na primeira fase (2009), onde comecei o Mestrado Profissional no CEDESS (São Paulo), em que estive investigando o conceito de saúde da comunidade, utilizei vários caminhos metodológicos. O primeiro deles foram as entrevistas e questionários, os quais demonstraram inúmeras limitações, produzindo dados “pobres” e saturados. Foram utilizados questionários semiestruturados e entrevistas roteirizadas, durante seis meses e o material mostrou-se muito insuficiente para análise ou discussão.

\*\*\*

[...] Eu já tinha estado na Índia antes, no Norte do país, por cinco meses. Nessa primeira viagem, cheguei ao subcontinente **inteiramente despreparado**. Na verdade, tinha uma palavra para me guiar. Quando falei dos meus planos com um amigo que conhecia bem o país, ele disse, assim sem mais nem menos: “Lá na Índia se fala um inglês engraçado. Eles gostam de usar palavras como *“bamboozle”* para dizer “enganar”. Lembrei do que ele me disse quando o avião começou a descer em Delhi. Portanto, a palavra *“bamboozle”* **era todo o preparo que eu tinha para encarar a riqueza, a balbúrdia, aquele jeito louco como as coisas funcionam** na Índia. Usei essa palavra uma vez ou outra e, verdade seja baseada dita, ela me foi muito útil. Para um funcionário de uma estação ferroviária, declarei: “Não acredito que a passagem seja tão cara assim. O senhor não está tentando me *bamboozle*, está?” Ele sorriu e

respondeu naquele tom meio cantado: “Não, senhor! Ninguém aqui bamboozle ninguém. O preço é esse mesmo”.<sup>14</sup>

\*\*\*

Outra estratégia utilizada foi o grupo focal, onde foi contratada uma empresa para as filmagens. Foram produzidos dois vídeos, de aproximadamente quarenta minutos e uma hora, respectivamente, que deram origem a quarenta páginas de transcrição. Mesmo seguindo toda a técnica sugerida pela metodologia do *focus group*, utilizando o local mais neutro possível, com ambiente confortável, câmera disposta em tripé (de fundo) e nenhuma interrupção externa, foram coletadas mais respostas prontas do que preciosidades para discussão.

Kastrup (2014), em sua palestra: *Produção de dados numa pesquisa intervenção: estratégias, momentos e desafios*, realizada no dia 01 de dezembro de 2014 no Anfiteatro da Unidade da Universidade Federal de São Paulo – Campus Baixada-Santista<sup>15</sup> comenta:

*\_ E como você lida, por exemplo, com a recalcitrância, que é uma ideia que a gente tem usado, vem desse palavrão. É um conceito do Bruno Latour, que quer mais ou menos dizer desobediência. É a recalcitrância do objeto, ou a recalcitrância do sujeito. Por exemplo, você pergunta uma coisa e ele responde outra. Como é que você lida com isso, que é diferente da questão da fala genérica, ou da fala abstrata prá fala encarnada? É quando você pergunta uma coisa e ele fala outra. Então (risos), como é que você lida?*

Em minhas primeiras investidas na coleta de dados, além das muitas dificuldades, haviam respostas com frases prontas, clichês da área da saúde, onde os dados saturavam-se em poucas páginas. Fui com a intenção, nesta fase, de procurar “fatos”, conceitos que pudessem ser registrados e depois analisados, sob a luz da epidemiologia e da saúde pública, vigentes em minha formação.

\*\*\*

**“Contra o positivismo, que permanece no fenômeno, há somente fatos”, eu diria: não, precisamente fatos não há, somente interpretações. Não podemos comprovar nenhum**

---

<sup>14</sup> MARTEL, Yann. *As aventuras de Pi* / Yann Martel ; tradução Maria Helena Rouanet. – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012. Tradução de: *Life of Pi* ISBN 978-85-209-3313-8. 318 páginas (prefácio). Grifos meus.

<sup>15</sup> KASTRUP, Virgínia. **Produção de dados numa pesquisa intervenção: estratégias, momentos e desafios**. Palestra realizada no dia 01 de dezembro de 2014 no Anfiteatro da UNIFESP.

“factum em si”: talvez seja um disparate querer algo semelhante. “Tudo é subjetivo”, dizeis vós: mas isso já é uma interpretação; “o sujeito” não é algo dado, mas algo “fictício”, incorporado, posto sub-repticiamente por detrás. Mas, por acaso, é necessário colocar o intérprete por detrás da interpretação? Isso já é poesia, hipótese. À medida que, em geral, a palavra “conhecimento” adquire um sentido, o mundo é cognoscível; porém é interpretável de distintas maneiras, não tem um sentido por detrás de si mas inúmeros sentidos. *Perspectivismo*”. Nossas necessidades são o que interpreta o mundo; nossas necessidades e seus prós e contras. Cada impulso é uma espécie de afã de domínio, cada um tem sua perspectiva, aquela que ele desejaria impor como norma aos impulsos restantes<sup>16</sup>”

\*\*\*

Em 2010 interrompi o Programa, por motivos particulares, retornando na turma de 2012 (CEDESS – Baixada Santista). Analisando esta trajetória, penso que houveram problemas metodológicos, entretanto, as perguntas também foram sugestivas e induziam a respostas prontas e pouco instigantes.

Na segunda fase do Projeto (2014), com outros objetivos, foram experimentadas, também, outras metodologias, como a de produção de mapas de força. O entrevistado era encorajado a traçar, em um mapa, **linhas vermelhas (fraqueza, perigo) e linhas verdes (força, segurança)**, os quais seriam comparados posteriormente, com a produção dos demais entrevistados. Um dos problemas encontrados foi o reconhecimento de ruas, vielas e demais logradouros no documento (mapa). A leitura de mapas, nesta comunidade, parece não ser uma habilidade que foi desenvolvida, sendo necessário o monitoramento do traçado das linhas pelo entrevistador o que, certamente, influencia o entrevistado. Talvez a utilização de um mapa (croqui), construído pela própria comunidade fosse mais adequado.

---

<sup>16</sup> NIETZSCHE, F. Escritos sobre Psicologia. Rio de Janeiro, Editora PUC – Rio e Edições Loyola. São Paulo. 2013. p. 427

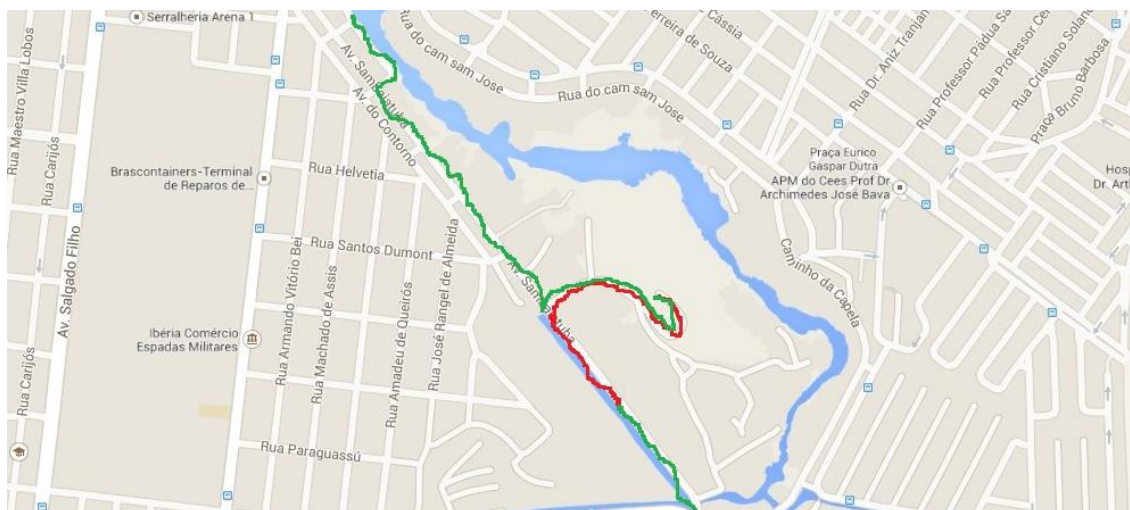


Fig. 12: Trajetos de Paulo  
Fonte: Arquivo pessoal

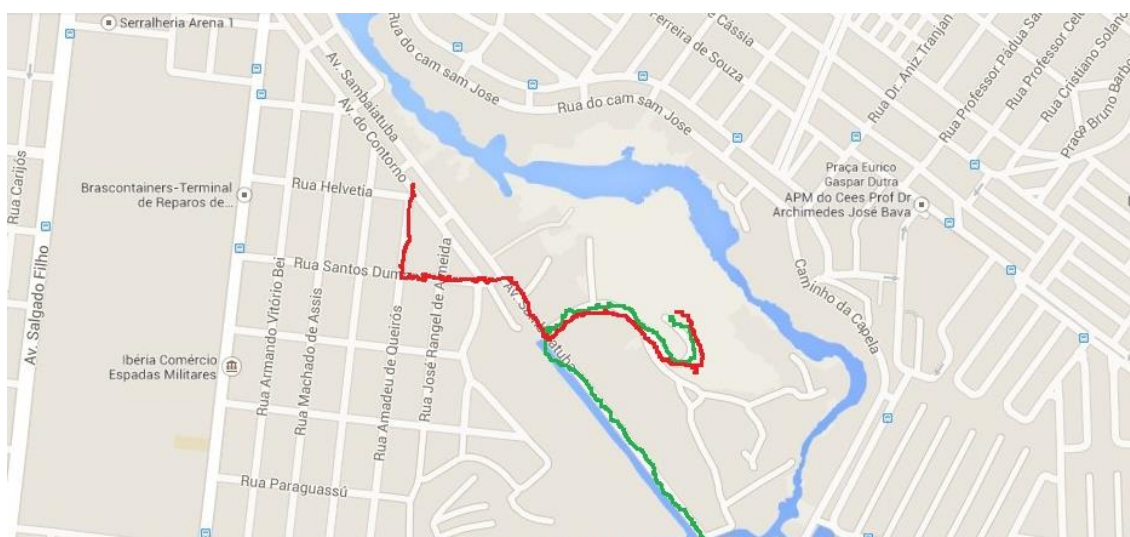


Fig. 13: Trajetos de Vera  
Fonte: Arquivo pessoal

Nesta trajetória fui apresentado à perspectiva cartográfica, diagramática, rizomática - todas expressões-conceitos implicados com um campo problemático de pesquisa - como método de produção de dados, entretanto, com outra proposta de processo. Segundo Passos, Kastrup e da Escóssia (2009): A metodologia, quando se impõe como palavra de ordem, define-se por regras previamente estabelecidas. Daí o sentido tradicional de metodologia que está impresso na própria etimologia da palavra: *metá-hódos*. Com essa direção, a pesquisa é definida como um caminho (*hódos*) predeterminado pelas metas dadas de partida. Por sua vez, a cartografia propõe uma reversão metodológica: transformar o *metá-hódos* em *hódos-metá*. Essa reversão consiste numa aposta na experimentação do pensamento - um método não

para ser aplicado, mas para ser experimentado e assumido como atitude. Com isso não se abre mão do rigor, mas se é ressignificado”.

Com esta proposta, tenho transcrito narrativas, oriundas das anotações do diário de campo, que são entremeadas por pensamentos e provocações, além de referências dos diversos autores que discutem tais problemas. Fragmentos do grupo focal, feito em 2009, também foram utilizados nestas narrativas, entremecendo tais pensamentos e citações.

Estas “gentes”<sup>17</sup>, pertencentes à comunidade do Sambaiatuba, muitas delas “nascidas e criadas no lixo e do lixo”, como dizem alguns (com certo orgulho), não se constituem em degradados, ou seja, não foram alvo de degradação ou rebaixados, ou ainda estragados, deteriorados. O lixo, matéria prima de suas vidas, este sim, é fruto daquilo que não se quer, ainda que o dejetos e o expurgo carreguem uma potência mestiça que a ciência e a saúde modernas sempre consideraram a sua parte maldita<sup>18</sup>.

Em contrapartida, a comunidade do Sambaiatuba é constituída, como tantas outras, de degradados, daqueles que receberam a pena de degedo, exilados em sociedades paralelas, cujos direitos básicos, inscritos em acordos, leis, normas, constituições e documentos lhes são relegados. Talvez, por isso, me interessem, não são vidas ordinárias, possivelmente são extraordinárias.

\*\*\*

**(...) visões exóticas de gente que vive “fora da realidade”. Em relação a essa gente, podemos e até devemos mostrar um pouco de tolerância (afinal, são apenas opiniões, “visões de mundo”), devemos ser “multiculturalistas”. Mas a Natureza, com N**

---

<sup>17</sup> Para se evitar as noções humanistas de “pessoas, sujeitos, indivíduos” e ir mais com as “gentes”, de que fala Derzu Uzala, que virou filme por Kurosawa: “A floresta tem muitas gentes.

O Sol é uma gente importante, a Lua também é gente importante, os animais são gente, as árvores são gente, o fogo é gente, a água é gente, até o vento é gente a quem não é bom irritar – é uma gente poderosa.

...- Vejo gente

- Que classe de gente?

- Um javali...

<sup>18</sup> A tradição iluminista e cientificista que marca o campo hegemônico da saúde e das pesquisas (positivistas) produz o estatuto de dejetos do expurgo (há sempre o que é degradado), operando com métodos assépticos e constituindo (desde a modernidade, séc. XIX) um sujeito purificado. Há sempre a consideração de dimensões supostamente descartáveis e excluídas da experiência de pesquisa (lixo!), como indignas de estudo, sem o reconhecimento de sua força e eficácia incontornáveis e incontroláveis que são incompatíveis com a manutenção da crença numa saúde e posição de investigação que se querem supramundanas, desencarnadas, fitness e infinitas, capazes de contemplar desinteressadamente seus objetos.

maiúsculo, é uma só, e independe de nossas opiniões (exceto da minha, isto é, a da “Ciência” que nos serve de religião laica). O que chamei de “multinaturalismo” ou de “perspectivismo multinaturalista”, para caracterizar as metafísicas indígenas, supõe a indissociabilidade radical, ou pressuposição recíproca, entre “mundo” e “visão”. Não existem “visões de mundo” (muitas visões de um só mundo), mas mundos de visão, mundos compostos de uma multiplicidade de visões eles próprios, onde cada ser, cada elemento do mundo é uma visão no mundo, do mundo — é mundo. Para este tipo de ontologia, o problema que se coloca não é o da “tolerância” (só os donos do poder são “tolerantes”), mas o da diplomacia ou negociação intermundos.”<sup>19</sup>



Fig. 14: Sambaia Tubá antes e depois da criação do Parque  
Fonte: Google imagens

A construção da dissertação foi feita em capítulos, cujos títulos são disparadores para reflexão do assunto tratado dentro das narrativas que foram construídas, a partir de anotações do diário de campo, conversas, vivências, fragmentos do grupo focal, como também aquilo que tive fôlego de “ensacar” para, depois de depositar no “transbordo” de minhas memórias, trabalhar.

É importante ainda destacar que a estratégia que será desdobrada nos próximos movimentos desse trabalho – e que já esteve em curso desde a introdução - é o de operar com pequenas narrativas, trechos transcritos do grupo focal entremeadas por comentários (como uma espécie de “análise da implicação” e pensamentos), também com fragmentos conceituais (eles já apareceram nesta primeira parte) em ressonância direta - por vezes muito

---

<sup>19</sup> CASTRO, Eduardo viveiros. Entrevista com Eduardo Viveiros de Castro: 'O que se vê no Brasil hoje é uma ofensiva feroz contra os índios. Disponível em: <http://oglobo.globo.com/cultura/livros/eduardo-viveiros-de-castro-que-se-ve-no-brasil-hoje-uma-ofensiva-feroz-contra-os-indios>  
Acesso em 22 08 2015.

indireta por outros meios e outras vias - com as narrativas e/ou histórias, eventualmente com trechos literários, e, cada um destes movimentos separado por três asteriscos.

As citações foram feitas, majoritariamente neste trabalho, por notas de rodapé, que se dividiram em dois tipos:

- a) Notas de referência: Indicam textos relacionados com as afirmações contidas no trabalho, remetendo o leitor a outras partes do mesmo trabalho ou outros trabalhos para comparação de resultados.
- b) Notas explicativas: Algumas notas apenas fazem considerações suplementares e não devem integrar o texto por interromper a sequência do pensamento.

Mesmo com as notas de rodapé, que melhoram propositalmente o fluxo da leitura e permitem que o leitor tenha acesso a fonte ou a explicação do termo, na mesma página, as referências bibliográficas permanecem também, listadas por ordem alfabética no respectivo capítulo.

Para aquelas citações, diretas ou indiretas, curtas ou longas, que se fizeram necessário proceder a metodologia da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT), foram também respeitadas as normas.

As considerações feitas acerca do texto, assim como as notas de rodapé, são marcadas por estar em tamanho de fonte menor (fonte tamanho 10) e não ter espaçamento de parágrafo.

Esse modo de trabalhar de certo modo diz de ideias, sensações, conceitos e saúdes catadas, ao modo de objetos separados, não necessariamente relacionados, a não ser pelo fio condutor das experiências narradas. É um exercício com um heteróclito<sup>20</sup> que possui alguns com ecos com a prática da catação no Sambaiatuba que vai pondo em um “saco” o que encontra.

O capítulo, a seguir, chamado “*comunitas e imunitas no antigo lixão*”, pega emprestado o termo de Roberto Espósito, cujos pensamentos me

---

<sup>20</sup>Heteróclito cf. o dicionário eletrônico Houaiss: adjetivo.1 que se afasta, se desvia das regras, das normas estabelecidas. 1.1 Rubrica: gramática. cujo paradigma é irregular (como, p.ex., a conjugação do verbo ir) Exs.: verbo h. vocábulo h. 1.2feito, composto de partes que pertencem a estilos ou gêneros diferentes; eclético Exs.: romance h. prédio h. 1.3 constituído por elementos variados, pouco homogêneos; heterogêneo Ex.: materiais h. 1.4Derivação: sentido figurado. que foge ao comum; bizarro, extravagante, excêntrico, singular Ex.: indivíduo de hábitos h.

ajudaram neste trabalho. O capítulo trata sobre as concepções de saúde desta comunidade seus anseios, suas prioridades, seus medos, alegrias e (in)certezas. Neste texto procurei traçar um panorama do que é a convivência na comunidade do Sambaiatuba.

O próximo capítulo *“risco, animalidade e a polícia sanitária, no século XXI”*, é o início de uma reflexão sobre a experiência da retirada de papéis, dentro da casa de um morador da comunidade, papéis estes que eram um “tesouro” para João, um dos moradores, mas que lhe relegamos. Na escrita deste capítulo, revisitando os conceitos, reflito sobre nossa postura frente ao problema e desconfio não ser “saúde” o motivo de nossa intervenção, embora carreguemos esta bandeira.

*“Muro e outras ecologias: políticas subjetivas das alfaces”*, na sequência, é a escrita sobre a divergência de minhas prioridades e a de alguns integrantes da comunidade, ligados ao tráfico de drogas, diante dos mesmos seres e objetos: alfaces e um muro. Nesta narrativa apresento um pouco de minha impotência diante de argumentos de alguns integrantes da comunidade.

No texto *“uma certa etologia política: aposematismo”* narra a minha chegada no Parque Ambiental Sambaiatuba e como fui recebido, em minha ingenuidade inicial diante da ameaça implícita/explicita daqueles que me viam como uma possível ameaça a seus interesses. O conceito do aposematismo, coloração de advertência é citado no texto, como que correspondendo ao aviso perigoso que alguns animais expressam externamente.

*“Para não ser embaixador de uma saúde triste e asséptica”* fala de minha experiência como ouvinte, de um precioso narrador de suas angústias, de sua relação com a miséria, com a indignação, com os ratos, seus mundos de representações, sua relação com o tempo, o ritmo e as pausas (silêncio). Nela, transcrevo os escritos de Sérgio, no poema *“Rato, ratão, ratazana.”*

Na narrativa *“o ocaso da interioridade - felicidade: um pouco do sol que resta”*, pego emprestado o título do livro de Benilton Bezerra Jr e falo sobre a situação em que “Deco”, morador da comunidade, tem a capacidade de ser desprendido, mesmo quando se tem pouco e me relata a experiência que leva a construção de uma música (Mazela), escrita e musicada por mim, que faz parte do filme *Coragyps atratus*, produto técnico deste Mestrado profissional.



Em “*saúdes extraordinárias e encontros com o não sabido: uma faca*”, relato a situação de conturbação constante naquele território, através de uma experiência de mediação de conflito, onde tive contato com agressões físicas, representações do morrer e matar e de linhas imaginárias que delimitam territórios.

Na narrativa “*somos feitos de elementos, como o lixo o é*”, reflito sobre o perigo constante de trabalhar sob aquelas condições e de presenciar o tombamento de uma carreta de 45 toneladas de resíduos, diante de nossos olhos e como as reações de ajuda ao próximo, coragem para morrer ou mesmo, no caso de Vera, a gota d’água para a cristalização, diante de mais uma situação inusitada.

A experiência “*o que viceja e o que fenece na saúde do século XXI*”, nos conta sobre o dia em que fomos recolher mais de 100 (cem) cães, em péssimas condições, da casa de um morador do entorno da Sambaiatuba, sob a alegação de uma medida higiênico-sanitária. Anos depois, como João e seus papéis, S. Alexandre continua a recolher os animais de rua, sem medo de Promotores de Justiça, Polícia ou Fiscais Sanitários.

“Uma vida qualquer entre outras que, de todo modo, importa” fala da experiência que tivemos, juntos, na morte de uma pessoa da comunidade, de maneira trágica e que me fez refletir sobre o (des)necessário modelamento de programas de saúde, os quais muitas vezes, não consideram os problemas que “gritam” dentro de comunidades como a do Sambaiatuba.

Nas considerações finais procuro costurar um pouco destas experiências e promover um posicionamento crítico diante da experiência, na intenção de deixar uma contribuição para os leitores.

Ressalto que haviam outras 17 narrativas, ainda “ensacadas” em minhas memórias e esboços e que gostaria muito de tê-las repartido neste trabalho, de maneira que pudessem estimular outras pessoas, pesquisadores ou não, a pensar “a cerca de” e “sob” estas narrativas, sendo mais interessante que pensar “sobre” estas (com o risco de amarrotá-las). Num determinado momento percebi que não havia mais fôlego para tal e que necessitava (e ainda necessito) de um tempo maior para digerir estas, que foram parte da vivência de sete anos com aquela comunidade, com a intenção inicial de

pesquisa e que acabou transformando-se, também, em uma rica experiência, que me fez e ainda faz, desconfiar de muitas das coisas que acredito, ainda que possa reforçar outras.

Desta maneira, resolvi seguir as orientações de meu orientador (lamento a redundância). Eis o que pude produzir e confesso que, sozinho, meus caminhos seriam outros (como foram anteriormente). Aprendi, num ditado Africano, que diz: *“Se você quer ir rápido, vá sozinho. Se quiser ir longe, vá acompanhado”* e estou convencido disto.

O objetivo deste trabalho foi o de investigar as concepções de saúde, produzidas e sustentadas pela população de “catadores” do Parque Ambiental Sambaiatuba, suas vicissitudes, sua produção de demandas, bem como buscar pistas que possam nortear ações, nas áreas das “diversas saúdes”, a partir desta experiência.

## **2. METODOLOGIA**

### **2.1 Percurso metodológico**

A pesquisa baseou-se na operação das experiências, da 1ª fase do Projeto, através de narrativas, em todos os capítulos, utilizando conceitos de diversos autores e analisando suas implicações. Os dados recolhidos das anteriormente foram a matéria prima para a escrita das narrativas e este capítulo descreve os “zigzagues” e percalços de investigação, além de explicar a escolha do método cartográfico, para a produção dos dados.

A pesquisa desenvolvida teve abordagem retrospectiva, onde o estudo foi desenhado para explorar experiências, sendo delineado para retornar, do momento atual até um determinado ponto no passado, no caso, o início de minha pesquisa, em 2007 e conduzida até o momento presente, através de dados de diário de campo (de 2007 a 2010), entrevista com questões pré-determinadas (2009), fragmentos de duas sessões de grupo focal (2009) e a construção de narrativas, oriundas destas observações, até o momento presente.

Os dados coletados nas sessões do grupo focal e as entrevistas foram autorizados pelo comitê de ética em pesquisa, Universidade Federal de São Paulo/Hospital São Paulo, de 22 de maio de 2009, CEP 0703/09, id = 2506 (Anexo 1).

O diário de campo foi utilizado como um instrumento de apoio ao processo de investigação e à produção dos textos acadêmicos, sendo considerada a forma de registro das singularidades. Apesar de nenhum trabalho de campo deixar de ser susceptível de isentar ou dissociar o investigador das sensações, é no diário de campo que se registra, não apenas o texto etnográfico, mas também a “desordem emocional”, os afectos, inerentes a cada ação ou momento de imersão na pesquisa.

O principal objetivo deste instrumento de coleta/produção de dados ser usado foi o de não perder o foco ou interferir na “objetividade” de outras produções, formalizadas segundo as exigências acadêmicas, pretendendo revelar uma outra qualidade do conhecimento ou uma outra perspectiva do “mesmo saber”.

Neste, constam anotações de sentimentos, impressões, frases que impregnaram, histórias, declarações e palavras-chave, que serviram de disparadores.

\*\*\*

Pi Patel: — Quer dizer que não gostaram da minha história? Sr. Okamoto: — Não. Na verdade, gostamos muito, não é mesmo, Atsuro? Vamos nos lembrar dela por muito, muito tempo.

Sr. Chiba: — Se vamos...

[Silêncio]

[...] Sr. Okamoto: — Mas, para levar adiante a nossa investigação, gostaríamos de saber o que aconteceu efetivamente?

— O que aconteceu efetivamente?

— É.

— Então, querem que eu conte outra história?

— Hum... Não. Gostaríamos de saber o que aconteceu efetivamente.

— Contar alguma coisa não cria sempre uma história?

— Hum... Em inglês, talvez. Em japonês, uma história teria sempre um elemento de *invenção*. Não é o que queremos. Queremos que o senhor “se atenha aos fatos”, como se diz.

— Mas contar alguma coisa, usando as palavras, seja em inglês ou em japonês, já não é de certa forma uma invenção? O simples fato de olhar para esse mundo já não é de certa forma uma invenção?

— Hum...

— O mundo não é apenas do jeito que ele é. É também como nós o compreendemos, não é mesmo? E, ao compreender alguma coisa, trazemos alguma contribuição nossa, não é mesmo? Isso não faz da vida uma história?

— Ha! Ha! Ha! O senhor é muito inteligente, sr. Patel.<sup>21</sup>

\*\*\*

O grupo focal, dividido em duas sessões, de aproximadamente uma hora cada, foi produzido através de uma discussão com pretensões de objetiva, às vezes conduzida, às vezes moderada, que introduziu alguns tópicos a cada grupo de respondentes e direcionou sua discussão sobre o tema, de uma maneira “não estruturada e natural”<sup>22</sup>.

---

<sup>21</sup> MARTEL, Yann. As aventuras de Pi / Yann Martel ; tradução Maria Helena Rouanet. – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012. Tradução de: Life of Pi ISBN 978-85-209-3313-8. 318 páginas (página 301 e 302).

<sup>22</sup> Embora não tenha produzido todo o “efeito esperado”, na 1ª fase da pesquisa (2008-2010), esta metodologia torna-se apropriada quando o objetivo é explicar como as pessoas consideram uma experiência, uma ideia ou evento, visto que a discussão durante as reuniões é

Para a entrevista roteirizada<sup>23</sup>, como para o grupo focal, foram utilizadas 3 questões norteadoras:

- 1) O que você(s) entende(m) por saúde?
- 2) Para você(s) o que é qualidade de vida?
- 3) O que você(s) acha(m) importante, em um programa de educação em saúde?

Os sujeitos incluídos na pesquisa foram os antigos catadores, hoje cooperados, que trabalham na COOPERCIAL, além de moradores da comunidade que participam da atividade de catação. Foram excluídos menores de dezoito anos.

O objetivo inicial, na 1ª fase da pesquisa, foi o de delinear os principais aspectos que determinam o conceito de saúde desta população, junto com variáveis sociais, comportamentais e ambientais, que foram consideradas à medida que puderam ser percebidas e decodificadas, no decorrer do estudo. Com este delineamento, a intenção era a de construir um programa de educação em saúde para a comunidade do Sambaiatuba, que poderia trazer reflexões sobre a saúde dos moradores, motivando o cuidado e o autocuidado, assim como ações práticas, pontuais, que poderiam promover saúde e prevenir doenças.

\*\*\*

(...) Como quem revira o lixo o tempo todo para ali encontrar dejetos de uma cultura apodrecida, empobrecida, depauperada: “Isso aqui, é um depósito de restos. Às vezes dos restos. Às vezes é só resto, e às vezes vem também descuido. Resto e descuido”. Mas é revirando os restos de uma sociedade que se pode especular sobre sua lógica de descuido: “O Trocadilo fez numa tal maneira que quanto menos as pessoas têm, mais elas menosprezam, mais elas jogam fora. Quanto menos eles têm”.<sup>24</sup>

\*\*\*

---

efetiva em fornecer informações sobre o que as pessoas sentem ou pensam, ou ainda, sobre a forma como agem.

<sup>23</sup> O registro das entrevistas foi feito através de um gravador digital SONY, modelo ICD PX 720, dentro da área de transbordo do Parque, local onde o lixo é despejado, para ser primeiramente revirado pelos cooperados e depois, transbordado para uma carreta maior.

<sup>24</sup> PELBART, Peter Pál. Introdução de “Estamira – Fragmentos de um mundo em abismo”. N1 edições. São Paulo. 2013

Estas narrativas e a fala de Estamira encontram “talvez” outras operações de cuidado e saúde, díspares à aquela que conheço.

\*\*\*

Embora as questões norteadoras das entrevistas e do grupo focal tivessem sido pensadas em cima dos objetivos da pesquisa, muitas questões interessantes surgiam e me provocavam no que se relacionava a prioridade que estes trabalhadores empreendiam sob seu dia-a-dia, distantes de meus conceitos de saúde e epidemiologia. O fragmento da sessão de grupo focal, abaixo, demonstra esta complexidade:

FÁBIO: \_Uma coisa, eu trabalho com roedores, eu trabalho com insetos. Meu trabalho é controlar esses animais. Esses animais que podem causar doenças. Quando eu cheguei aqui e... É... A infestação de roedores me parecia maior do que é porque não tinha o piso sextavado.

IZABEL: \_ Isso!

FÁBIO: \_Então, não é verdade? Melhorou muito, né? Melhorou muito, mas daí eu pensava como é que vocês conseguiam conviver com roedores e com insetos desse jeito? Como é que é prá vocês isso: ter que ir para um trabalho onde tem uma porção de roedores, uma porção de insetos que podem trazer doença prá vocês? Como é que vocês vêm isso?

IZABEL: \_ Ah! Nós tem que trabalhar, né? Se não eles afasta a gente! Que nem eu, eu tenho 54 anos, ninguém vai querer dar emprego prá mim. Então tem que ser assim mesmo. Trabalhei 1 ano e 2 meses, saí e voltei de novo.

FÁBIO: \_Mas a senhora é muito esclarecida, fala muito bem. Isso... É que hoje a sociedade tem esse problema mesmo. Quando a gente atinge uma certa idade, parece que a gente... Não querem dar oportunidade.

IZABEL: \_ **Acham que a gente é um lixo**<sup>25</sup>. Que a gente não vai fazer e a gente faz muita coisa que homem não faz!

FÁBIO: \_Eu sei!

IZABEL: \_ Nós fazemos muito! Muito! Muito!

FÁBIO: \_Nesse sentido, me parece que a cooperativa foi muito boa prá vocês. Me parece que foi isso. Quem tá aqui desde o início?

IZABEL: \_ Essa aqui, essa também. (Apontando para as duas colegas).

---

<sup>25</sup> Grifo meu

FÁBIO: Também? A senhora também? Desde o início? Desde o comecinho quando fundou? Então anterior a isso vocês já estavam aqui no antigo lixão...

ANA: \_ Eu conheço o lixão desde os 7 anos.

FÁBIO: Desde os 7 anos de idade?

ANA: \_ Eu to com 28 anos.

FÁBIO: Que você exerce atividade?

ANA: \_ Trabalha aqui.

FÁBIO: \_ Então, praticamente... É... Você ganhou a sua vida aqui.

ANA: \_ Meu pai era o porteiro daqui.

FÁBIO: Ah! O seu pai era o porteiro daqui? Ele te deixava entrar e você...

IZABEL: \_ É. Naquela época era só criança. Era tudo aberto. Não era que nem agora, assim. Que nem, vem uma criança e os guarda já vai atrás.

FÁBIO: Entendi.

IZABEL: \_ Já tira.

FÁBIO: Mas melhorou, não melhorou?

IZABEL: \_ Melhorou bastante!

FÁBIO: \_ Vocês aqui preferiam que fosse da maneira como era ou como é hoje?

\_ Não! Daquela maneira morria muita criança! Muita criança!

FÁBIO: \_ Chegou a morrer criança aqui?

\_ Chegou! Nossa! Chegou!

FÁBIO: \_ Mas como que morria?

ANA: \_ Pegava da rua. O filho da minha vizinha mesmo. Lembra da Mara? (dirigindo-se à colega). Primo do meu marido morreu. Era prá ele ter morrido também. Em cima do caminhão.

Quando indagados a respeito da dita “qualidade de vida”, seu significado e sua prática, recebo as respostas abaixo, oriundas da sessão de grupo focal, inicialmente com indícios de que nunca haviam sido perguntados sobre isto, pelo menos com esta veemência.

**FÁBIO: \_ Prá vocês, vocês pensam: Bom, se eu tivesse ou quando eu tenho, quando eu estou, quando minha vida está com qualidade eu tenho tais coisas. O que é qualidade de vida?**

**(Silêncio)**

FÁBIO: \_Como que é viver bem? O que vocês acham que é ter uma boa vida?

\_ Ter saúde, ter uma casa, ter sossego.

\_ Paz.

\_ Comprar móvel.

FÁBIO: \_Comprar os móveis... E a família?

\_ Viver bem com seus filhos, com seus pais

\_ Com o marido, né? Ter muita saúde. Ter muita paz.

\_ Força “prá” trabalhar

\_ No serviço que é bom ter paz.

FÁBIO: \_Ter paz no serviço. É importante que o ambiente de trabalho seja tranquilo, né?

IZABEL: \_Exatamente.

A pesquisa bibliográfica, ou de fontes secundárias, abrangeu a bibliografia publicada em relação ao tema de estudo que, segundo Marconi e Lakatos (2010), abrange publicações avulsas, livros, revistas, jornais, monografias, teses, material cartográfico entre outros. Sua finalidade é colocar o pesquisador em contato direto com tudo o que foi escrito, dito ou filmado sobre determinado assunto.

Os dados coletados/produzidos foram trabalhados pelo método cartográfico que, segundo Moraes Jr. (2011), num trabalho de pesquisa cuja metodologia se pretende cartográfica, ou seja, fundada no método da Cartografia, não deve ser constituído a partir de modelos estruturais prontos, com questões *a priori*, metas específicas e caminhos traçados.<sup>26</sup>

De acordo com Passos, Kastrup e Escóssia (2009), a cartografia é um método formulado por Gilles Deleuze e Félix Guattari, em 1995, que visa acompanhar um processo, e não representar um objeto, tratando-se sempre de investigar um processo de produção. A ideia de desenvolver o método cartográfico para utilização em pesquisas de campo no estudo da subjetividade se afasta do objetivo de definir um conjunto de regras abstratas para serem

---

<sup>26</sup> O estudo e a produção de dados foram realizados em conformidade com a Resolução 196/96 e todos os voluntários assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), constante no anexo 2, onde não houve riscos para a população estudada e podendo, ao menor sinal de desconforto ou a pedido do entrevistado, o procedimento ser interrompido.



aplicadas. Não se busca estabelecer um caminho linear para atingir um fim, entretanto sua construção caso a caso não impede que se procurem estabelecer algumas pistas que têm em vista descrever, discutir e, sobretudo, coletivizar a experiência do cartógrafo.

O método foi “escolhido” (ou fui tomado por ele), devido às marcas da população acompanhada e das condições em que se operou a pesquisa. Modelos prontos foram experimentados, como citados anteriormente e produziram pouco efeito – e/ou produziram outros, desinteressantes -, necessitando serem trabalhados por outros meios e por outras vias, no sentido de serem recolhidos, como um “todo aberto”, numa “pilha” e depois serem “vasculhados”, na busca de preciosidades, pontos de cintilação, questionamento vital, que pudessem ser disparadores e/ou analisadores de pensamentos que enunciassem algo desta comunidade e de nós mesmos. Foi, através deste pensamento, que propus a imagem intensiva de “catar”, permanecer com o “saco” aberto, à busca de “pérolas/sujidades” que pudessem surgir, algumas vezes na “superfície”, noutras necessitando-se “cavar mais embaixo”, *entretantos*, em ambas, muitas vezes encontra-se algo que não se procurava e/ou esperava.

Esta experiência decorre das tentativas de “coletar/produzir” dados através das entrevistas, por exemplo, que seguiam um roteiro com perguntas prontas, onde havia a preocupação de se “apreender” aquilo que se esperava ouvir, como também percebi a tentativa do entrevistado em responder algo que fizesse sentido, que correspondesse às minhas expectativas ou a meu juízo de valor.

No capítulo “o funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo” do livro “Pistas do método cartográfico”, Passos, Kastrup e da Escóssia (2009) explicita que tomar o mundo como que fornecendo informações prontas para serem apreendidas é uma política cognitiva realista e ainda tomá-lo como uma invenção, é um outro tipo de política, a qual denomina-se de “construtivista”, sendo ambas posições epistemológicas abstratas, mas que se constituem em atitudes investigativas diversas, em diferentes atitudes atencionais.

Sendo assim, após muitas tentativas, fiz uma imersão pela via das políticas construtivistas, sem desprezar o material que coletei ou produzi, - produto também de certa política também inventada - durante as primeiras fases do projeto de pesquisa. Para tal, foi necessária a reconstrução de minha atenção diante da produção dos dados, onde passou a se desenvolver um material interessante para a pesquisa.

A atenção cartográfica - ao mesmo tempo flutuante concentrada e aberta - é habitualmente inibida pela preponderância da atenção seletiva. O problema do aprendizado da atenção do cartógrafo é também um caso de criação do que nunca está lá puramente à espera do pesquisador. Dentre as contribuições teóricas sobre variedades atencionais envolvidas no estudo da subjetividade, destaca-se a de Sigmund Freud sobre a atenção flutuante, apresentada no conjunto de seus "estudos sobre técnica".

No texto "Recomendações aos médicos que exercem a Psicanálise", Freud, escrito em 1912 citado por Kastrup, no capítulo "(Pista 2 página 32) o funcionamento da atenção, no trabalho do cartógrafo" aponta que a mais importante recomendação consiste em não dirigir a atenção para algo específico e em manter a atenção "uniformemente suspensa", argumentando que o grande perigo da escuta clínica é a seleção do material trazido pelo paciente, operada com base em expectativas e inclinações do analista, tanto de natureza pessoal quanto teórica.

Ressalta que através da seleção, geralmente fixa-se um ponto com clareza particular, dando-se maior atenção a este e negligenciando-se outros. A indesejável seleção envolve uma atenção consciente e deliberadamente concentrada, observando-se que ao efetuar a seleção e seguir suas expectativas, estará arriscado a nunca descobrir nada além do que já sabe, se seguir as inclinações, certamente falsificará o que possa perceber.

Seguem duas afirmações de Sigmund Freud, sobre a atenção flutuante:

*No entanto, essa técnica é bem simples. Ela rejeita qualquer expediente, como veremos, mesmo o de tomar notas, e consiste apenas em não querer notar nada em especial, e oferecer a tudo o que se ouve a mesma "atenção flutuante", segundo a expressão que usei. Assim evitamos uma fadiga da atenção, que certamente não poderíamos manter por muitas horas ao dia, e escapamos a um perigo*

*que é inseparável do exercício da atenção proposital. Pois, ao intensificar deliberadamente a atenção, começamos também a selecionar em meio ao material que se apresenta; fixamos com particular agudeza um ponto, eliminando assim outro, e nessa escolha seguimos nossas expectativas ou inclinações. Justamente isso não podemos fazer; seguindo nossas expectativas, corremos o perigo de nunca achar senão o que já sabemos; seguindo nossas inclinações, com certeza falsearemos o que é possível perceber. Não devemos esquecer que em geral escutamos coisas cujo significado será conhecido\* apenas posteriormente.<sup>27</sup>*

*(...) Cabia, então, apreender o material dos pensamentos espontâneos do paciente como se apontasse para um sentido oculto, adivinhar esse sentido a partir dele. Logo a experiência mostrou que o comportamento mais adequado para o médico que conduzia a análise era entregar-se, com atenção uniformemente flutuante, à sua própria atividade mental inconsciente, evitar ao máximo a reflexão e a formação de expectativas conscientes, não pretender fixar especialmente na memória nada do que ouve, e assim apreender o inconsciente do paciente com seu próprio inconsciente. Então se percebia, quando as circunstâncias não eram muito desfavoráveis, que os pensamentos espontâneos do paciente como que aludiam, tateavam em direção a um tema determinado, e bastava arriscar apenas um passo adiante para se adivinhar o que estava oculto ao próprio paciente e poder comunicá-lo a este.<sup>28</sup>*

---

<sup>27</sup> FREUD, Sigmund. Obras completas volume 10. Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia relatado em autobiografia ("o caso Schreber"), artigos sobre técnica e outros textos (1911-1913). Tradução Paulo César de Souza. 2011. Páginas 112 e 113.

<sup>28</sup> FREUD, Sigmund. Obras completas volume 15. Psicologia das massas e análise do eu e outros textos (1920-1923). Tradução Paulo César de Souza. 2011. Páginas 250 e 251.

### 3. COMUNITAS E IMUNITAS NO ANTIGO LIXÃO

A comunidade do Sambaiatuba faz parte do antigo lixão, que recebeu o mesmo nome pois, divide, territorialmente, o mesmo local que recebeu os resíduos, sem estratificação, por trinta e dois anos e o quintal de suas casas. Aliás, muitas “casas” são dentro da própria área do Parque e, há alguns anos atrás, quando ainda funcionava o lixão, era comum encontrar pessoas morando dentro da área de descarte de materiais.

\*\*\*

...Perambulamos em meio a espectros do comum: a mídia, a encenação política, os consensos econômicos consagrados, mas igualmente as recaídas étnicas ou religiosas, a invocação civilizatória calcada no pânico, a militarização da existência para defender a "vida" supostamente "comum", ou, mais precisamente, para defender uma formade-vida dita "comum". No entanto, sabemos bem que esta: "vida" ou esta: "forma-devida" não é realmente "comum", que quando compartilhamos esses consensos, essas guerras, esses pânicos, esses circos políticos, esses modos caducos de agremiação, ou mesmo esta linguagem que fala em nosso nome, somos vítimas ou cúmplices de um sequestro.

Se de fato há hoje um sequestro do comum, uma expropriação do comum, ou uma, manipulação do comum, sob formas consensuais, unitárias, espetacularizadas, totalizadas, transcendentalizadas, é preciso reconhecer que, ao mesmo tempo e paradoxalmente, tais figurações do "comum" começam a aparecer finalmente naquilo que são, puro espectro.<sup>29</sup>

\*\*\*

Tive contato com a comunidade e o lixão em meados dos anos 90, em uma época em que íamos levar carcaças de animais de pequeno porte, recém sacrificados no Núcleo de Controle de Zoonoses e, constantemente, presenciávamos pessoas “catando” entre os resíduos, subindo em caminhões que traziam alimentos vencidos ou estragados. Nesta época, percebia aquelas pessoas como externas a mim, como se aquilo que era revirado diariamente, à procura de algo de valor, não tivesse nada a ver comigo. Ao reencontrá-los, agora mais de perto, percebo que o que produzo (lixo), “deságua” lá (ou pelo menos, “desaguava”). Em uma de minhas tentativas de entrevistar, com o diário de campo e nas filmagens do grupo focal, encontro o discurso de um deles, que me surpreende:

---

<sup>29</sup> PELBART, Peter Pal. “A comunidade dos sem comunidade”. In: Vida Capital. Ensaios de Biopolítica. Editora Iluminuras, São Paulo, 2003. p.33.

*BUTEKO - Não, porque naquela vida minha nesse tempo atrás era mais complicado, né? A gente vivia aqui, vamos supor, a gente fazia barraco aqui, colocava uma madeira, colocava umas lona, acendia fogueira, comia, usava droga, né? E ficava mais bagunçando. Hoje tu sobe aqui, tu não vê ninguém usando droga. É bem raro, né? Acontece... Não vai dizer que não tem, mas a gente fala que é muito raro. Na minha época era com frequência, direto, qualquer foguinho que tinha ou ali, lá, em qualquer lugar, sempre é alguém que tava usando alguma coisa, né? Então hoje, aqui, na verdade, hoje eu acho que é mais prá trabalho mesmo, né? Tem uma vida melhor. Eu acredito nisso. Na minha época não tinha essa vida melhor. Aqui era... Saía daqui e ia roubar lá embaixo, voltava aqui prá usar os negócio errado. Às vezes dava fome, né? Quando passava o efeito da droga que dava aquela fome toda, a gente já entrava dentro do lixo. A gente ganhava a vida de dentro do lixo. Pegava das coisa, comia pão duro. Até pão duro! Esses pão que vêm no saco, vamo supor, nas casa, eles enrolam, jogam fora... A gente pegava e comia, entendeu? Quer dizer, prá matar a nossa fome. Hoje não, as pessoas, elas trabalham, elas reciclam, entendeu? As coisas que vêm prá cá e com esse dinheiro que elas compram, elas vão no mercado, eu acredito que seja a maior felicidade delas é ir no mercado e comprar as coisas prá eles comerem. E na minha época não. Eu tinha que comer daqui de dentro mesmo. Do lixo aqui dentro.*

*FÁBIO: \_O que vinha, né?*

*BUTEKO: \_O que vinha de fora prá gente comer aqui.*

*FÁBIO: \_Você é da época do caminhão do Carrefour?*

*BUTEKO: \_Sou da época. Bem antes ainda. O Carrefour, aquele caminhão do Carrefour foi um luxo prá nós aqui. A gente veio bem...*

*FÁBIO: \_Era um luxo prá vocês?*

*BUTEKO: \_Prá nós era um luxo porque da minha época mesmo era o Peralta lá, o Catarina ali, tinha um Peralta, então, a gente só pegava alguma coisa boa quando vinha do mercado Peralta que era salsicha. Prá nós era bom, né? Uma vez a salsicha vinha até meio azulada, mas prá nós era ótimo, né? Eu mesmo comia. Eu to falando porque eu mesmo comia, né? Eu comi bastante aqui do lixo, graças a Deus vê o homem que eu sou aí, né? Não aconteceu nada!*

*FÁBIO: \_É verdade!*

BUTEKO:: *\_Dizem que quem come lixo é perigoso pegar doença, mas graças a Deus não tive doença nenhuma. Mas o Carrefour prá nós, aqui foi um luxo porque o Carrefour era... Trazia coisa boa, né? Prá nós e ajudou muita gente aqui. Hoje, a gente... Hoje, eu não digo eu, mas eu acredito que pessoas que moram nessa comunidade. Um dia eu tava se informando com elas, elas sente até falta desse lixo aqui. Ajudava muita gente porque vinha óleo, né? Vinha bastante, vinha, né... Variedades... Era que nem no mercado. Era um verdadeiro mercado, só que vinha coisa esmagada ou amassada, mas que na verdade mesmo servia prá muita gente.*

\*\*\*

Promesas de la ciencia– La ciencia moderna tiene por fin tanto el menor dolor posible como la más larga vida posible; por consiguiente, una especie de felicidad eterna, a la verdad muy modesta en comparación de las promesas de las religiones.<sup>30</sup>

Tradução livre: A ciência moderna tem a finalidade do mínimo de dor possível, como a vida mais longa possível; portanto, uma espécie de felicidade eterna, uma verdade muito modesta em comparação com as promessas de religiões.

\*\*\*



Fig. 15: Reportagem de jornal sobre o Sambaíatuba (SP)  
Fonte: <http://www1.folha.uol.com.br/21/11/1999>

\*\*\*

O instinto, esta voz de Deus a que todos os animais obedecem, teve inicialmente de conduzir esse novato. O instinto lhe concedia algumas coisas para alimentação, outras lhe proibia (III,

<sup>30</sup> NIETZSCHE. Friedrich. **Humano demasiado humano – Um livro para espíritos livres.** Traducción de JAIME GONZALES, Transcripción de: YASIM ZEBALLO. Editores Mexicanos Unidos 5a. edición, febrero de 1986 Página 49.

2.3). – Para esse propósito, porém, não é necessário supor um instinto particular hoje perdido; pode ter sido meramente o sentido do olfato e seu parentesco com o órgão do gosto, a conhecida simpatia deste último pelos instrumentos da digestão e também, por assim dizer, a capacidade de sentir antecipadamente se uma comida está apta ou não para o consumo, a qual podemos perceber até hoje. Tampouco se tem de supor que esse sentido fosse mais acurado no primeiro casal do que é hoje; pois é suficientemente conhecida a diferença que existe entre a faculdade perceptiva dos homens que se ocupam apenas com seus sentidos e a daqueles que se ocupam igualmente com seus pensamentos e que, por isso, são desviados de suas sensações.<sup>31</sup>

\*\*\*

Do que têm inveja os anjos? Da finitude dos mortais. Da sua fragilidade, da sua inscrição no tempo, do sentir frio, do sentir fome, do sentir doce, do esfregar as mãos uma na outra numa madrugada gelada, de sentir o calor de um copo de café esquentando o corpo, de ter saudades, incertezas, de morrer de amor e de ter medo da morte. A imortalidade dos anjos é para eles um cárcere cruel. Ela os aprisiona no tédio infernal do Mesmo, na repetitividade sem história, num eterno presente que é em si a imagem cinza de uma morte sem desfecho.<sup>32</sup>

\*\*\*

Esta realidade, distante da vida que vivi e, mesmo de minha formação biologicista, higienicista, asséptica, afirmava-me que tudo aquilo era incompatível com a vida. Mesmo com todo o contato que pude ter e tenho, com esta comunidade e seu modo de vida, surpreende-me seu modo de vida e de organização social. Parece-me, hoje, que muito daquilo que é “pregado” nas teorias biológicas, não faz contorno nesta comunidade, não encaixa. Suas formas de vida, de resolução de problemas, de organização social, linguagem e, principalmente, prioridades, não ecoam de fato, naquilo que me foi apresentado nas políticas de construção de saúde.

Bauman (2003, páginas 8 e 9) discursa a respeito do termo “comunidade” e sobre aquilo que nos impressiona quando escutamos ou utilizamos o termo:

E assim é fácil ver por que a palavra “comunidade” sugere coisa boa. Quem não gostaria de viver entre pessoas amigáveis e bem-intencionadas nas quais pudesse confiar e de cujas palavras e atos pudesse se apoiar? Para nós em

---

<sup>31</sup> KANT, Immanuel. Começo conjetural da história humana. Cadernos de Filosofia Alemã nº 13 – p. 109-124 – jan.-jun. 2009. Página 111. Disponível em: <http://ficem.fflch.usp.br/sites/ficem.fflch.usp.br/files/Comecoconjetural.pdf>

<sup>32</sup>PELBART, Peter Pál .A Nau do Tempo-Rei. 7 Ensaios sobre o Tempo da Loucura. Série Logoteca — Imago. 1993. Página 20

particular — que vivemos em tempos implacáveis, tempos de competição e de desprezo pelos mais fracos, quando as pessoas em volta escondem o jogo e poucos se interessam em ajudar-nos, quando em resposta a nossos pedidos de ajuda ouvimos advertências para que fiquemos por nossa própria conta, quando só os bancos ansiosos por hipotecar nossas posses sorriem desejando dizer “sim”, e mesmo eles apenas nos comerciais e nunca em seus escritórios — a palavra “comunidade” soa como música aos nossos ouvidos. O que essa palavra evoca é tudo aquilo de que sentimos falta e de que precisamos para viver seguros e confiantes. Em suma, “comunidade” é o tipo de mundo que não está, lamentavelmente, a nosso alcance — mas no qual gostaríamos de viver e esperamos vir a possuir. Raymond Williams, atento analista de nossa condição comum, observou de modo cáustico que o que é notável sobre a comunidade é que “ela sempre foi”. Podemos acrescentar: que ela sempre esteve no futuro. “Comunidade” é nos dias de hoje outro nome do paraíso perdido— mas a que esperamos ansiosamente retornar, e assim buscamos febrilmente os caminhos que podem levar-nos até lá.

Adentrei o Sambaiatuba com a esperança de construir um Programa de educação em saúde aos moldes daquela comunidade, com a intenção de mudá-los, de encaixá-los naquilo que me foi apresentado durante os anos de estudo e profissão. Mesmo acreditando nos modelos desenvolvidos pela Organização Mundial de Saúde (OMS), Organização Panamericana de Saúde (OPAS), ou mesmo o Ministério da Saúde (MS), nunca consegui imaginá-los sentado em cadeiras, discutindo ações de prevenção de doenças ou promoção de saúde.

Desvencilhar-me das ideias aprendidas sobre História Natural das doenças, raciocínio epidemiológico e a própria epidemiologia, para lidar com os problemas da comunidade, problemas reais, muitas vezes não pormenorizados em livros, tem sido tatear território desconhecido. A tríade agente, hospedeiro e ambiente, aliada as questões de prevenção, diagnóstico e tratamento, compunham o meu arsenal básico para entender e “catequisar” aqueles que tanto precisavam.



Entretanto, dentro destes conceitos, a singularidade de cada um, muitas vezes, não é considerada, “pasteurizando” em programas de saúde, a única saúde que lhes oferecemos.

\*\*\*

O ser que vem é o ser qualquer. (...) O Qualquer que está aqui em causa não supõe, na verdade, a singularidade na sua indiferença em relação a uma propriedade comum (a um conceito, por exemplo: o ser vermelho, francês, muçulmano), mas apenas no seu ser *tal qual é*. A singularidade liberta-se assim do falso dilema que obriga o conhecimento a escolher entre o carácter inefável do indivíduo e a inteligibilidade do universal. Já que o inteligível, segundo a bela expressão de Gersonide, não é um universal nem um indivíduo enquanto incluído numa série, mas «a singularidade enquanto singularidade qualquer». Nesta, o ser-qual é tomado independentemente das suas propriedades, que identificam a sua inclusão em determinado conjunto, em determinada classe (os vermelhos, os franceses, os muçulmanos) - e considera-se que ele não remete para uma outra classe ou para a simples ausência genérica de pertença, seja ela qual for, mas para o seu *ser-tal*, para a própria pertença. Assim, o *ser-tal*, que fica constantemente escondido na condição de pertença (há um *x tal que* pertence a *y*) e que não é de modo nenhum um predicado real, revela-se claramente: a singularidade exposta como tal é *qual-quer*, isto é, amável.<sup>33</sup>

\*\*\*

Meu entendimento, hoje, não despreza os conhecimentos da ciência médica e biológica, não se contrapõe aos aspectos da prevenção e promoção, entretanto, ensina-me, aos poucos, a perceber outras saúdes nesta comunidade. Histórias, como as retiradas do grupo focal, de pessoas que nunca foram ao médico (ou poucas vezes foram) e vivem neste ambiente insalubre, não são raras:

*FÁBIO: \_ Vocês todos usam o PS aqui de baixo?*

*CACÁ \_: Eu não.*

*FÁBIO: \_ Não? O senhor não usa? Onde vocês usam? E a senhora?*

*ZÉLIA \_ Eu nunca fui em posto nenhum, nunca na minha vida, nem exame nenhum.*

*FÁBIO: \_ Não fez nenhum exame, nunca?*

*ZÉLIA \_ Nada, nada!*

*FÁBIO: \_ Nem médico? Nada?*

---

<sup>33</sup> AGAMBEN, Giorgio. **A comunidade que vem**. Título original: La Comunità che viene. Tradução © Editorial Presença, Lisboa, 1993. Tradução de: António Guerreiro Editorial Presença. Lisboa

ZÉLIA \_ *Nem médico!*

MARTA\_ *Ela nunca foi no médico. (aponta para a amiga e confirma)*

FÁBIO: \_*Nunca foi no médico?*

ZÉLIA \_ *Eu nunca fui em médico.*

CACÁ \_ *Como é que você ganhou neném se você nunca foi no médico?*

ZÉLIA \_ *Ah! Aí tá por fora! Aí já é outra parte! É outra parte!*

FÁBIO: \_*Ela tá dizendo de tá doente, né? Quem não tem filho aqui? Quem não tem filho?*

CACÁ \_ *Eu tenho. Quer dizer, minha mulher tem. (risos)...*

Durante seu funcionamento como lixão, por 32 anos e, mesmo após sua desativação em 2002, quando foi transformado em Parque ambiental (?), o espaço passou por muitas transformações, do ponto de vista estrutural, bem como em sua organização social. Pode-se perceber a contraposição de forças que atuam no local, compostas pelos interesses da Prefeitura Municipal, do tráfico de drogas, dos donos de depósitos de materiais recicláveis e da comunidade, que tem o território como primordial para a subsistência.

\*\*\*

“A pergunta que constantemente se repete é, portanto, a seguinte: se as forças no homem só compõem uma forma ao entrarem em relação com as forças de fora, com que novas forças correm o risco de entrar em relação agora, e que nova forma pode surgir que já não seja nem Deus nem o Homem?”<sup>34</sup>

\*\*\*

Após a última mudança de governo (2012/2013), o Parque foi invadido pela população, que passou a ocupar os taludes (inclinações projetadas para limitar as pilhas de lixo e tem como função garantir a estabilidade e diminuição da força de águas pluviais) e galpões que abrigavam os programas sociais. A energia elétrica foi feita com ligações clandestinas nos postes, mangueiras foram estendidas para ligar a água aos novos barracos e o terreno foi redistribuído (vendido, pois o pedaço de “lama” tem aumentado de valor a cada ano). Tudo acontece com a anuência da comunidade, que decide se haverá invasão e permanência no local.

---

<sup>34</sup> DELEUZE, Gilles. **Foucault**. Editora Brasiliense S.A. São Paulo. 1998 (4ª impressão) Anexo: Sobre a morte do homem e do super-homem. Página 105.

De igual maneira, percebi que decidiam (quando havia atividade de “catação” nas pilhas) que algumas das pessoas eram inseridas na atividade por serem fugitivas da justiça. Camufladas nas pilhas de lixo, onde ninguém procura, misturam-se aqueles que, por anos, viveram da recolha de materiais, para venda, uso ou alimentação.

Como em qualquer bolsão de pobreza, homicídios são comuns. Durante minha estada no Parque, “presenciamos a preparação de diversos bailes “funk”. Em um deles, houve a ordem para matar um soldado da Polícia Militar - PM (09/10/2013). Esta ordem teria partido do tesoureiro do PCC, que inclusive realizou disparos contra o Polícia Militar. Segundo os relatos da comunidade, o policial tentou sacar uma de suas duas pistolas para se defender dos criminosos, mas ficou em desvantagem por estar alcoolizado. Ele teve as armas tomadas, recebeu vários disparos e pedradas.

Cooperados falam deste evento, citando que após a morte do policial, seu corpo foi queimado<sup>35</sup>, detalhando o odor que impregnou os narizes e roupas daqueles que presenciaram o acontecimento.

Fatos como este aconteceram, muitas vezes a poucos metros do escritório onde administrava o Parque. Aconteciam, em sua maioria, à noite, entretanto, os comentários cheios de detalhes eram feitos de manhã, no café, na porta do escritório, tendo como pano de fundo destas narrativas, muitas viaturas da polícia, crianças, moscas, cachorros e o odor característico do transbordo.

---

<sup>35</sup> Dentro da extensa gama dos fedores, é o do cadáver o primeiro que parece ter suscitado mais amplamente a intolerância. *In: Saberes e odores : o olfato e o imaginário social nos séculos XVI II e XIX / Alain Corbin ; tradução Ligia Watanabe. -- São Paulo: Companhia das Letras, 1987 (página 81).*



Fig. 16: Urubu (*Coragyps atratus*) eletrocutado na rede  
Foto: Arquivo pessoal

Em 2015, o Parque foi interditado pela Promotoria Pública e pela Cetesb, devido ao excessivo acúmulo de resíduos na área de transbordo, convivência de crianças e animais nesta área e condições insalubres de trabalho, dos cooperados. Encontra-se ainda interditado e, segundo os órgãos fiscalizadores e normatizadores, não será mais permitido o transbordo de resíduos e o mesmo será transformado, realmente, em um Parque Ambiental.

Vale ressaltar que o passivo ambiental que se encontra no Parque (resíduos depositados de mais de trinta anos), não será removido. A atividade de “catação” não será mais possível, o que preocupa aqueles que não são cooperados e não trabalham com o material “limpo”, que chega em caminhões do lixo reciclável. Um novo horizonte, ainda nublado, é vislumbrado pela comunidade.

A questão do valor agregado do lixo que chegava a estação de transbordo e de como esta atividade de “catação” sustentou muitas famílias desta comunidade, que têm o resíduo (lixo) como “propriedade”, nos faz refletir o desafio que é, para estes, “viver” sem a possibilidade de revirar a pilha.

Na desativação do lixão e na construção do Parque, houveram inúmeros acordos, envolvendo Promotoria Pública, Prefeitura Municipal, CODESAVI, o comando do tráfico de drogas, os comerciantes de material reciclável e lideranças da comunidade.

\*\*\*

Ao escrevermos, como evitar que escrevamos sobre aquilo que não sabemos ou que sabemos mal? É necessariamente neste ponto que imaginamos ter algo a dizer. Só escrevemos na extremidade de nosso próprio saber, nesta ponta extrema que separa nosso saber e nossa ignorância e que transforma um no outro. É só deste modo que somos determinados a escrever. Suprir a ignorância é transferir a escrita para depois ou, antes, torná-la impossível<sup>36</sup>

\*\*\*

Não há como dissociar minha formação, daquilo que encontrei no Sambaiatuba, ainda que muitas vezes não convirjam. Como biólogo, percebo comportamentos, certa etologia<sup>37</sup>, em que se avizinham animais/gentes, com urubu-de-cabeça-preta/animal, do rato/animal. Todos eles, em busca de vida e sobrevivência, no mesmo nicho ecológico, na mesma pilha, abrindo espaço, olhando atentamente, utilizando a visão, o olfato e o tato para descobrir novas oportunidades, mas, muitas vezes guiados somente pela audição para proteger-se da máquina retro-escavadeira que “devora” a pilha mais rápido que todas as mãos, focinhos e bicos, juntos...

\*\*\*

Então a gente tem que tomar uma atitude muito mais aberta a invenção, muito mais anos aberta ao imprevisível, muito mais aberta a processualidade do nosso campo do que essa atitude rígida de aplicação de saberes. Então, estudar é importante? É importantíssimo estudar, só não posso achar que tendo estudado eu sei. Senão eu não faço pesquisa.<sup>38</sup>

---

<sup>36</sup> DELEUZE, Gilles. *Diferença e Repetição*. Trad. Luís Benedicto Lacerda Orlandi e Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1988. p.10

<sup>37</sup> Uma concepção de etologia mais próxima de J. von Uexkül e que difere da concepção de Lorenz, mais difundida. Enquanto Lorenz pensa a etologia como a ciência que descreve o comportamento humano e animal a partir de uma história da espécie – da filogênese –, a etologia praticada por von Uexkül estará atenta às “relações de velocidade e de lentidão, dos poderes de afetar e de ser afetado que caracterizam cada coisa” (Deleuze, 2002: 130). Deleuze apresenta esta etologia da seguinte maneira: “dado um animal, a que esse animal é indiferente no mundo infinito, a que reage positiva ou negativamente, quais são os seus alimentos, quais são os seus venenos, o que ele “pega” no seu mundo? (...) Nunca, pois, um animal é separável de suas relações com o mundo (...)” (Deleuze, 2002: 130). Os animais e os homens não cessam de extrair mundos do mundo, fazendo com que o meio não seja jamais anterior ao corpo: o meio será já o que se extraiu, e, neste sentido, afirma-se que cada homem ou animal será um ponto de vista, uma perspectiva. A etologia entendida desta maneira é uma afirmação do perspectivismo.

<sup>38</sup> KASTRUP, Virgínia. Palestra de Virgínia Kastrup: *Produção de dados numa pesquisa intervenção: estratégias, momentos e desafios*, realizada no dia 01 de dezembro de 2014 no Anfiteatro da Unidade Ana Costa da Universidade Federal de São Paulo – Campus Baixada-Santista Organização: LEPETS – Laboratório de Estudos e Pesquisas em Formação e Trabalho em Saúde.

#### 4. RISCO, ANIMALIDADE E POLÍCIA SANITÁRIA, NO SÉCULO XXI.

O animal mais feio da terra é o homem branco.

Herman Melville<sup>39</sup>

*“A identificação entre homens e germes patogénicos chegou ao ponto de que o gueto de Varsóvia foi, intencionalmente construído numa zona já contaminada. Deste modo, segundo a modalidade da profecia que se cumpre a si própria, os judeus caíram vítimas da mesma doença que tinha justificado a confinção ao gueto: tinham-se tornado por fim realmente Infectos e, por conseguinte, agentes de infecção. **Por isso os médicos tinham toda a razão em exterminá-los**”.*<sup>40</sup>

Quatorze horas, sol forte, muitas viaturas indo em direção a uma residência humilde, com um mesmo propósito: resolver o problema de um pai que não suporta mais ver o filho em uma casa onde não é possível entrar, dada a quantidade de papéis acumulada em todos os pequenos cômodos.

Estávamos lá, todos a caminho de cumprir a nossa obrigação, inclusive comigo representando a vigilância sanitária, que tem a missão de fiscalizar e implementar normas e regulamentos higiênico sanitários, com o intuito de proteger a saúde das populações, tendo para este fim, inclusive, poder de polícia.

Chegamos à residência e os profissionais da saúde mental, duas enfermeiras e uma terapeuta ocupacional pedem para entrar primeiro, para conversar com a mãe e explicar nossas intenções. Elas entram e em alguns minutos a mãe vem ao portão, receber a todos (10 pessoas). A Sra. Nazareth uma idosa e tenho a impressão de que não compreende bem o que viemos fazer ali, em sua casa, mas entramos... primeiro eu, os 3 profissionais da saúde mental e o Sr. Valdemar, representante da Companhia de Desenvolvimento de São Vicente (Codesavi).

---

<sup>39</sup> Herman Melville (1 de agosto de 1819, Nova York - 28 de setembro de 1891, Nova York) foi um escritor, poeta e ensaísta norte-americano. Embora tenha obtido grande sucesso no início de sua carreira, sua popularidade foi decaindo ao longo dos anos. Faleceu quase completamente esquecido, sem conhecer o sucesso que sua mais importante obra, o romance *Moby Dick*, alcançaria no século XX.

<sup>40</sup> Grifo nosso. in: Esposito, Roberto. Bios: biopolítica e filosofia. Trad. M. Freitas da Costa. Lisboa: 2004. p. 169,

Muitas pessoas estão envolvidas nesta tentativa de convencer João a livrar-se de seus papéis.

\*\*\*

Abro aqui um breve parêntese: quando inicie esta narrativa pensei em dar-lhe o título de “João, o acumulador”. Pensei e dispensei. Ocorreu-me que esse epíteto ou diagnóstico tão referido no campo da saúde poderia tomar o lugar, talvez, de uma explicação taxativa ou mesmo dirigir demasiadamente o que seria lido. Pensei em “Acumulador” e ao mesmo tempo me vieram sensações e imagens de séries e documentários da tv americana, e ocorreu-me que “somos todos acumuladores”, só que nós acumulamos no aterro sanitário. Talvez João<sup>41</sup> seja “mais ecológico” que a maioria (ele guarda o lixo em casa), e, claro, isso depende da concepção de ecologia, pois temos a ambiental, a política, a subjetiva, a biotecnológica. Pensei que interessaria iniciar este escrito problematizando minhas sensações e primeiras “ideias automáticas” acerca do dito “acumulador” e também pontuar a questão das múltiplas ecologias.

\*\*\*

*Há a experiência de Alain Bombard na televisão quando apresentou duas bacias de vidro: uma contendo água poluída, como a que podemos recolher no porto de Marselha e na qual evoluía um polvo bem vivo, como que animado por movimentos de dança; a outra, contendo água do mar isenta de qualquer alimento.*

*. Quando ele mergulhou o polvo na água "normal", após alguns segundos, vimos o animal se encarquilhar, se abater e morrer. Mais do que nunca a natureza não pode ser separada da cultura e precisamos aprender a pensar "transversalmente" as interações entre ecossistemas, mecanosfera e universos de referência ditos naturais, artificiais, sociais e individuais. Tanto quanto algas mutantes e monstruosas invadem as águas de Veneza, as telas de televisão estão saturadas de uma população de imagens e de enunciados "degenerados". Uma outra espécie de alga, desta vez relativa à ecologia social, consiste nessa liberdade de proliferação que é consentida a homens como Donald Trump que se apodera de bairros inteiros de Nova York, de Atlantic City etc, para "renová-los", aumentar os aluguéis e, ao mesmo tempo, rechaçar dezenas de milhares de famílias pobres, cuja maior parte é condenada a se tornar moradores de rua, o equivalente dos peixes mortos da ecologia ambiental. Para se desintoxicar do discurso sedativo que as televisões em particular destilam, conviria, daqui para frente, apreender o mundo através dos vasos comunicantes que constituem os muitos pontos de vista ecológicos<sup>42</sup>.*

\*\*\*

Fecho o parêntese e retorno a narrativa em que temos na casa representantes da Secretaria de Saúde (zoonoses, projeto dengue, vigilância

---

<sup>41</sup> Jean Claude Bernardet, um dos mais importantes teóricos de cinema do Brasil, colaborador no roteiro do filme, disse em seu blog, “[Otávio e as Letras] não explica, não analisa, nos deixa a sós”. João e seus papéis não nos deixam suficientemente sós.

<sup>42</sup> Idem

sanitária e saúde mental), além da CODESAVI, que cuida da limpeza municipal. Fomos naquela residência por ordem judicial, pois o pai, Sr. Amâncio, abandonou a casa, não aguentou a mania do filho de acumular papéis, quilos e quilos, distribuídos por todos os cômodos da casa, que em alguns, são pilhas até o teto. Em um dos quartos, o do João, a entrada é pela janela, não havendo mais acesso pela porta, dado o tamanho das pilhas, sobrepostas e encostadas, umas às outras.

A casa é quase toda de alvenaria, com algumas partes de madeira, mas sem acabamento. Corredor estreito e comprido, que deságua num quarto, vindo após uma sala, outro quarto e uma cozinha. Um minúsculo banheiro e uma área de serviço, onde cabe somente um tanque, completam a casa.

Na entrada dos quartos escutamos os gritos do João para irmos embora, que não nos quer ali. Xinga bastante a todos, gritando do quarto escuro, sendo que tive informações de que poderia ser agressivo... estou curioso para vê-lo e perceber qual o risco de estarmos entrando ali, naquele emaranhado de papéis, com cheiro forte de mofo por todos os cômodos. O ambiente é muito insalubre, com risco de desenvolver problemas respiratórios, risco de queda por não enxergarmos os caminhos ou mesmo de desmoronamento das pilhas... tenho a impressão de que existem ninhos de roedores no local, além de insetos que podem trazer doença e incômodos...

\*\*\*

Aqui abro outro parêntese: É a terceira vez que apelo a esse termo ou noção tão recorrente em certa concepção de saúde: *A noção de risco*. Talvez interesse explorá-la do ponto de vista da “animalidade em nós” - nós bichos sentimos o medo alheio, as afoitezas, espreitamos riscos, estranhemos, pulamos, ficamos de “orelha em pé”, e, no campo da saúde, poderíamos aprender alguma coisa com a animalidade (não apenas com a dita humanização) no manejo cotidiano? Para o bicho os riscos estão sempre presentes, e a chance de se safar deles é sempre possível: é em cada caso que se dirá se a saída é consistente, isto é, se a variação funcionou transformando-se efetivamente em abertura e passagem. Talvez com o João, em algum momento, nesse primeiro contato, tocaia de “avaliação mútua” (espreita) tenha se dado uma relação mais animal com animal?

\*\*\*\*

“As pessoas que gostam verdadeiramente de gatos e cachorros têm uma relação com eles que não é humana. Por exemplo, as crianças, têm uma relação com eles que não é humana, que é uma espécie de relação de bicho com bicho, o importante é ter uma relação animal com o animal. O que é ter uma relação animal com o animal (mesmo entre gentes)? Não é falar com



ele. Em todo caso, o que não suporto é a relação humana, psicológica e infantilizante com o animal. Sei o que digo porque moro em uma rua um pouco deserta e as pessoas levam seus cachorros para passear. O que ouço de minha janela é espantoso. É espantoso como as pessoas falam com seus bichos (...) Se me perguntassem o que é um animal, eu responderia: é o ser à espreita, um ser, fundamentalmente, à espreita. O animal é... observe as orelhas de um animal, ele não faz nada sem estar à espreita, nunca está tranquilo. Ele come, deve vigiar se não há alguém atrás dele, se acontece algo atrás dele, a seu lado<sup>43</sup>"

\*\*\*

Mais um fragmento do grupo focal me faz refletir a respeito dos conceitos de risco e prevenção:

FÁBIO: \_O que que vocês acham que é prevenir saúde? O que que é prevenção na saúde? O que que seria fazer prevenção "prá" não ficar doente? O que que a gente precisaria fazer?

\_ Tomar cuidado e evitar ao máximo ficar exposto a qualquer tipo de doença, qualquer tipo de situação.

\_ Fazer os exame regularmente, né?

FÁBIO: \_Fazer exame, evitar exposição ao risco... Vacina, todo mundo tem antitetânica aqui? Todo mundo tomou antitetânica aqui? Quem não tem antitetânica aqui?

\_ Eu nunca tomei antitetânica! Nunca!

FÁBIO: \_Mas a senhora tem que tomar.

\_ Nunca tomei esse negócio de injeção, não.

FÁBIO: \_Tem que tomar. É importante "prá" vocês.

\_ Tomei da gripe, já.

FÁBIO: \_A senhora já tomou a da gripe?

\_ Já, no trabalho.

\_ Antitetânica, quem "tá" chegando a idade, quem que "tá" ficando velho, já é ruim "prá" quem é novo. Quem "tá" de idade é pior ainda. Eu já vi muita gente de idoso aqui no Sambaiatuba morrer de tétano aqui. Não só quem vivia aqui, mas pessoas de fora mesmo que se fura de prego, não ter tomado, não ter se prevenido, morrer. Primeiro, eles arranca um pedaço do pé, daí não dá certo, vão arrancando, vão arrancando...

\*\*\*

João em seu território labiríntico emitiu sinais, sons, posturas, talvez isso pedisse uma sensibilidade e um manejo dos profissionais de saúde um tanto no limite que separa a

---

<sup>43</sup> *O Abecedário de Gilles Deleuze* é uma realização de Pierre-André Boutang, produzido pelas Éditions Montparnasse, Paris (1998). No Brasil, foi divulgado pela TV Escola, Ministério da Educação. Tradução e Legendas: Raccord [com modificações]. A série de entrevistas, feita por Claire Parnet, foi filmada nos anos 1988-1989. Como diz Deleuze, em sua primeira intervenção, o acordo era de que o filme só seria apresentado após sua morte. O filme acabou sendo apresentado, entretanto, com o assentimento de Deleuze, entre novembro de 1994 e maio de 1995, no canal (franco-alemão) de TV Arte. Deleuze morreu em 4 de novembro de 1995. A primeira intervenção de Claire Parnet foi feita na ocasião da apresentação (1994-1995), enquanto a primeira intervenção de Deleuze é da época da filmagem (1988-1989).

linguagem do silêncio, o limite que separa a linguagem da música, que separa a linguagem de algo que seria o piar, o piar doloroso, e, às vezes, um rosnar de costas para a equipe de visita domiciliar. Em alguns movimentos de saúde, doença e cuidado pode-se estar nesse limite que separa o homem do animal, e, mais do lado do homem-pastor que pretende domesticar e converter. Nesse encontro com João, em certos momentos, habitamos esse limite difícil que não se enquadra no modelo do homem-branco-macho-racional-europeu, padrão majoritário da saúde e da cultura do ocidente. Ao mesmo tempo éramos a “polícia sanitária” com toda pregnância do modelo da “saúde”. A aposta é que a animalidade possa ser uma pequena deserção da forma-homem moderna higienista, ao embarcar em manejos e movimentos sutis, minoritários, inumanos, plurais e que não excluem a sujidade<sup>44</sup> da vida. Há uma inumanidade própria ao corpo vivo, e, ao espírito das gentes, relações animais com o animal que podem permitir a uma equipe da prefeitura escapar - e ou negociar mais - com a lógica do pai, do burocrata, do inspetor, do juiz, e, claro, explorar algo da animalidade em favor da(s) saúde (s). Nessa aposta não se trata de tornar-se um animal, nem imitar um animal, mas atingir um mundo de intensidades vivas em que as formas e significações humanas, demasiado humanas, perdem sua fixidez.

\*\*\*

“Os animais de território, há animais sem território, mas os animais de território são prodigiosos, porque **constituir um território, para mim, é quase o nascimento da arte**. Quando vemos como um animal marca seu território, todo mundo sabe, todo mundo invoca sempre... as histórias de glândulas anais, de urina, com as quais eles marcam as fronteiras de seu território. O que intervém na marcação é, também, uma série de posturas, por exemplo, se abaixar, se levantar. Uma série de cores, os macacos, por exemplo, as cores das nádegas dos macacos, que eles manifestam na fronteira do território... Cor, canto, postura, são as três determinações da arte, quero dizer, a cor, as linhas, as posturas animais são, às vezes, verdadeiras linhas. Cor, linha, canto. **É a arte em estado puro**. E, então, eu me digo, quando eles saem de seu território ou quando voltam para ele, seu comportamento... **O território é o domínio do ter**<sup>45</sup>. É curioso que seja no ter, isto é, minhas propriedades, minhas propriedades à maneira de Beckett ou de Michaux. O território são as propriedades do animal, e sair do território é se aventurar. Há bichos que reconhecem seu cônjuge, o reconhecem no território, mas não fora dele<sup>46</sup>.”

\*\*\*

No entanto, muito do que se passou no encontro com João se inscreve em um campo mais civilizado, talvez na chave da chamada “sociedade de risco” que se relaciona com a

---

<sup>44</sup>Com relação sujidade vital, a bailarina portuguesa Vera Mantero escreve: “sujidade (é muito importante não termos medo da sujidade), na acoplagem, acoplagem de elementos ao nosso corpo, acoplagem de sentidos ao nosso corpo, ou acoplagem de objectos e sentidos entre si” In: Elipse – Gazeta Improvável, Relógio D’água Editores Ltda, Lisboa, Portugal- 01/primavera de 1998.p. 3-4

<sup>45</sup> Grifos meus.

<sup>46</sup> Grifos meus.

lógica dos “fatores de risco” na saúde. Hoje um traço forte no campo da saúde parece ser é a importância crescente da noção de risco<sup>47</sup>. Nos últimos trinta anos é um dos conceitos que vêm ganhando força na análise das novas formas de organização da experiência, interferindo e produzindo demandas de predição<sup>48</sup>, novos desejos de segurança, sociabilidades e políticas públicas.

\*\*\*

“Podemos ver os inícios da dissolução da sociedade moderna acontecendo nas transformações recentes do conceito de risco. Robert Castel, em seu livro “A gestão dos riscos”, de 1981, apresenta uma perspectiva de análise cujo alcance vai muito além de suas preocupações específicas com a psiquiatria, **iluminando particularmente as tendências atuais das biociências**. O livro de Castel é uma interrogação sobre a sociedade pós-disciplinar, que ele caracteriza por: (1) uma mutação de tecnologias sociais que minimiza a intervenção terapêutica direta, enfatizando, ao contrário, **um gerenciamento administrativo preventivo de populações de risco**; (2) a **promoção do trabalho de cada um sobre si próprio de uma maneira contínua, a fim de produzir um sujeito eficiente e adaptável**. Estas tendências se distanciam das abordagens holísticas do sujeito ou do contextualismo social, passando a uma abordagem instrumentalizada, tanto do ambiente quanto do indivíduo, como uma **soma de fatores** diversos acessíveis à análise pelos especialistas.”<sup>49</sup>.”

---

<sup>47</sup> “Propaga-se a crença de que o indivíduo pode e deve ser capaz não só de evitar doenças, mas, sobretudo de gerenciar os riscos à sua saúde, minimizando de forma consciente a possibilidade de patologias e otimizando seus próprios recursos (...) Ocupada [a clínica] com os riscos mais que com os eventos patológicos, tende a dissolver seu objeto e seus objetivos privilegiados, ou seja, sai o indivíduo, entram as práticas e condições de risco, saem a prevenção entram a antecipação” cf. BEZERRA, Benilton jr. “O Ocaso da Interioridade e Suas Repercussões sobre a Clínica”. In Plastino (org.). “Transgressões”. Rio: Contra Capa/Rios Ambiciosos, 2002. P. 6.

<sup>48</sup> Acerca desta questão ver especialmente o texto de COSER, Orlando. Psiquiatria, hereditariedade e genética preditiva, apresentando nos Estados Gerais da Psicanálise: Segundo Encontro Mundial, Rio de Janeiro 2003. Tema 2: Neurociências e Psicanálise. Subtema 2.d: *A psiquiatria biológica e o controle do social*. Neste escrito Coser analisa entre outras questões que o horizonte da ação clínica tem mudado, ela deixa cada vez mais de ser basicamente terapêutica para ser cada vez mais **antecipativa** e faz uma análise dos termos que, de alguma maneira, organizam o pensamento da medicina, da clínica, desde a idéia de previsão, a idéia de possibilidade, de possível, que já existia em Claude Bernard, século XIX, o **surgimento da prevenção**, da medicina preventiva, e, isso se dá a partir dos anos 50, depois da Segunda Guerra, com muito mais vigor para a introdução de um novo termo-chave a idéia de **preditibilidade**. **A medicina agora não é mais preventiva ela é preditiva**. Isso é uma mudança radical porque não se trata mais de prevenir doenças cujo curso conhecemos, mas a de prever a possibilidade de doenças no futuro e incidir antes que essas condições de possibilidade apareçam. É o que tem aberto o caminho para a intervenção da genética dentro da medicina, e ele mostra como isso também se apresenta como questão para o campo psi. A partir daí ele discute, primeiro de maneira crítica, os pressupostos sobre os quais, de uma maneira geral os médicos se assentam muito confortavelmente. A idéia de causalidade. A idéia de causalidade regular, linear. A idéia de causalidade vinculada a **leis de predição** que ele mostra nem ainda no campo da psicanálise, mas dentro do campo da própria biologia, como uma versão da causalidade e etc.

<sup>49</sup> cf. RABINOW, Paul. Artificialidade e iluminismo: da sociobiologia à biossociabilidade. In: RABINOW, Paul. Antropologia da Razão. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1999. O livro apresenta a questão dos riscos na p.144.

\*\*\*

Quando entramos na casa de João e suas pilhas de papéis, estávamos operando na frequência da chamada *sociedade de risco* marcada por uma instabilidade perpetua, isto é, a impossibilidade de prever externamente as situações de perigo<sup>50</sup> para ninguém. A equipe de intervenção da prefeitura não estava vivendo no auge da sociedade disciplinar e industrial, marcada pela clara distribuição de bens, seguranças e moral. Essa chave foi substituída pela atual sociedade de risco na qual a distribuição dos medos e inseguranças não corresponde apenas às diferenças sociais, económicas e geográficas - elas ganharam capilaridade pulverizando-se em todo o tecido da cultura contemporânea -, diferentemente das típicas separações da modernidade, século XIX. Portanto, não havia garantias e tínhamos dúvidas sobre a nossa “missão” – uma abordagem complexa, sutil que poderia ser violenta e quem sabe desmedida - em que não se tratava de um problema de ordem estritamente pessoal (o problema não era tão-somente o indivíduo João), mas as prováveis ocorrências de enfermidades, a serem minimizados e de comportamentos saudáveis a serem maximizados evitando os ditos *fatores de risco* àquela família e à população do bairro.

\*\*\*

Todos os dispositivos do saber e do poder desempenham um papel de contenção protetora em relação a uma potência vital votada expandir-se ilimitadamente.<sup>51</sup>

\*\*\*

“A prevenção moderna é antes de tudo o mapeamento de riscos. O risco não é o resultado de perigos específicos colocados pela presença imediata de uma pessoa ou um grupo de pessoas, mas sim a fusão de “fatores” impessoais que tomam um risco provável. Assim, a prevenção é a vigilância, não do indivíduo (...). Estamos aos poucos abandonando a antiga vigilância face- a- face de indivíduos e grupos já conhecidos como perigosos ou doentes, com finalidades disciplinares ou terapêuticas, è passando a projetar *fatores de risco* que desconstroem e reconstroem o sujeito individual ou grupal, ao antecipar possíveis loci de irrupções de perigos, através da identificação de lugares estatisticamente localizáveis em relação a normas e médias. Por meio do uso de computadores, os “indivíduos” que compartilham certas características ou conjunto de características podem ser agrupados de uma maneira que é-não- apenas descontextualizada de seu ambiente social, mas, mas também não-subjetiva — no duplo sentido de atingida objetivamente e de não se aplicar a um sujeito em nada semelhante ao antigo sentido da palavra, isto é, o sofrimento, significativamente situado integrador de experiências sociais, históricas è corporais. Castel denomina essa tendência de “administração tecnocrática de diferenças”. Séries computadorizadas dissolvem o

---

<sup>50</sup> BECK, Ulrich. *La Sociedad del riesgo: Hacia una nueva modernidad*. Barcelona: Paidós Básica, 2002. p. 237

<sup>51</sup> ESPOSITO, Roberto. **Bios: biopolítica e filosofia**. Trad. M.Freitas da Costa. Lisboa. Edições 70. 2004. (página 76).

sujeito tradicional e retêm apenas os dados abstratos considerados como parte de fatores de uma série. O alvo não é uma pessoa, mas uma população de risco<sup>52</sup>

\*\*\*

Fecho aqui esse grande parêntese acerca da animalidade, dos fatores e da sociedade de risco, e, volto a narrativa.

\*\*\*

Nesse momento, finalmente vejo o João, um sujeito magro, um pouco curvado, por volta de 30 anos, que me olha pela janela, do fundo do quarto escuro e entulhado, esfregando os dedos da mão e olhando de lado, sem querer fixar seu olhar, mas, como eu, também interessado em avaliar o risco que eu poderia causar.

Ele tenta se esgueirar pelos cômodos, que funcionam como meandros de um labirinto, pilhas encostadas de papéis e sacos plásticos, apoiadas umas às outras, sem garantia de estabilidade. Quando vou a uma janela ela muda de cômodo, sempre olhando com o canto dos olhos, desconfiados e curiosos ao mesmo tempo.

Pergunto: \_ Olá João, posso falar com você? Silêncio... volto a perguntar e ele responde: \_Vai embora, vai todo muno “prá” puta que pariu...vai embora, vão se fuder...

Olho para uma das enfermeiras que tenta começar uma conversa com ele: \_Oi João, é a Márcia, tudo bem? Posso falar com você?

Ele responde: \_ Estou tomando os remédios direito, vai embora, não quero conversar.

Fico pensando no direito que nós temos de ir até lá, em sua casa, para convencê-lo de algo que não quer. A mãe começa a falar, dizendo que não tem mais jeito, que é assim mesmo, que temos que nos conformar pois ele não vai mudar...chega o pai, o Sr. Amâncio e fica aliviado de estarmos lá. Ele foi à Promotoria Pública, fazer um pedido para que o município o ajudasse a retirar aquela quantidade enorme de papéis, pois ele mesmo já saiu da casa. Foi morar em uma outra de madeira, sozinho, próximo à casa da ex-mulher e do filho, na mesma viela, cortada por um córrego fétido, no Bairro do Sambaiatuba.

---

<sup>52</sup> cf. RABINOW, Paul. Artificialidade e iluminismo: da sociobiologia à biossociabilidade. In: RABINOW, Paul. Antropologia da Razão. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1999 que apresenta a questão dos riscos na p. 145

\*\*\*

Conversa no grupo focal:

GABIRÚ: \_Antigamente o Pão de Açúcar que deixava o moleque trabalhar com estudando e coisava ou você ia trabalhar no Pão de Açúcar. Eu trabalhei no Barateiro, no Peralta. Hoje você já não tem isso, hoje você já não tem isso. Os cara diz que custa muito. Só que quando você é assaltado, você fala assim: Pô, vamo por polícia. Se a gente não trabalhar no desenvolvimento de uma lei que... Eles querem desenvolver uma lei que a criança tem que pagar pelo crime. O cara de 14 anos tem que pagar, tem que diminuir, só que em contrapartida, você tem que diminuir pro cara de 14 anos ele poder trabalhar também. Se ele é responsável prá responder o crime dele, ele já tem obrigação. Todo mundo tem obrigação de contratar ele prá trabalhar. Não adianta você montar uma lei prá você ferrar o cara. Só você... Só vai ferrar porque ele é obrigado a pagar o crime dele mas você não vai dar oportunidade prá ele trabalhar. Você tem que mudar as duas leis. A lei da infância e a lei da criminalidade. Junta... Se você conseguir... Um passo grande. Uma coisa... Eu não sou político, nem nada, mas eu acho assim porque muitos jovem aqui que são molecadinha, quantos que eu já, aí...

FÁBIO: \_Ei, ó lá, pessoal!

GABIRÚ: \_Teve pessoas aí que nem esses dias veio uns 3 meninos que tavam aí pedindo emprego, ta trabalhando com a gente aí. A gente não vai cita nome. Não vale a pessoa ta na vida do crime que não compensa. Eu digo porque hoje já tem filho, eles falaram, veio pedir prá mim, pediu pro Luiz, pediu aqui prá vocês. Acho que vocês conhece eles. Mas são 3 que eu conheço, que tava na vida do crime. E sem falar que já veio muitos. Fora esses aí já são muitos. Só que a gente não tem emprego prá esses cara todo. E vê que eles se arrependeram do que eles fizeram. Bagunçaram quando era pequeno. Que nem hoje, tem moleques que a gente vê que ta lá, fica lá no meio sem fazer nada, mas que querem trabalhar. Chega, eles fala: Gabiru, eu quero arrumá o meu. Se eu arrumá o meu eu não vou roubar ninguém. Se eu não arrumá, eu tenho que pelo menos roubar R\$ 10,00, R\$ 20,00, R\$ 40,00. Só que numa dessa, ele vai armado, a arma dispara, às vezes ele mata o cara sem querer porque existe um ditado que eu já contei já: “Ou você vai prá matar ou prá morrer”. Então quer dizer, existe essa questão, então é aquele ditado: “Antes que eu morra, eu mato”. É uma coisa que é meio que...

FÁBIO: \_Que é uma lei mesmo, natural, né?

GABIRÚ: **\_É a lei da selva. Até dos animais é assim.** Quem manda na selva é o mais grande, então antes dele morrer, ele mata. Só que na verdade funciona assim que tem animal que é grande, se pegar uma serpente no meio do caminho, ela enrola, né?

FÁBIO: \_É.

GABIRÚ: \_É!

AÍLTON: \_O que eu penso é o seguinte, o moleque “tá” com esse pensamento: “Não, pó... Eu quero trabalhar! Eu tenho 14 anos!” Mas ele já tem uma estrutura. Ele tem uma estrutura assim: o governo oferece o bolsa escola, depois ele tem o GE...? Eles tem vários projetos. Se ele quer, pá... Vai nos projetos, se especializa em alguma coisa. Tem GE..., tem CAMPS “prá”

fazer a molecada ter que correr atrás se ele quer, aí quando ele tiver preparado lá fora, ele tá aberto pro mundo, pro mercado de emprego, já “tá” com os curso técnico.

\_A questão é que não tem vaga suficiente.

\_É, nesse contexto é que não tem vaga suficiente

GABIRÚ: \_Não tem vaga suficiente! (4x) Hoje o contexto de qualquer lugar é que você chega, se você for lá... 400, 500 pessoas, chega num limite que não tem mais vaga. Você tem que ficar na lista de espera. Você vai fazer o que sentado? Você vai procurar emprego perto dum quartel, ninguém quer fichar o cara, ninguém quer pegar o cara. Mente vazia é o que?

FÁBIO: \_Oficina do diabo.

GABIRÚ: \_Oficina do diabo! Então quer dizer, se você não tem procura em trabalho.

FÁBIO: \_Vocês perceberam como foi difícil prá todos nós definir o que é saúde? Como é difícil definir o que é saúde? A gente sabe que saúde é importante, então, eu vou fazer uma última colocação aqui. Eu queria ouvir de cada um de vocês, se vocês pudessem falar, o que que prá cada um de vocês é qualidade de vida. O que que é viver bem? O que é ter qualidade de vida?

AÍLTON: \_Qualidade de vida prá mim é o que? Eu ter um emprego, que eu saio daqui todo mês, vou ter um alimento prá proporcionar prá minha família, dar condição de pagar um plano de saúde prá eles e guardar um pouco. Amanhã ou depois, ta, tipo, eu vou guardando todo mês uma mixaria, quando o filho tiver ali, eu tentar formar meu filho, prá amanhã ele não vir pedir nada prá mim e conseguir, conseguir proporcionar uma vida bem prá eles. Prá mim é saúde.

\*\*\*

\_João, posso conversar com você, diz a enfermeira. Viemos aqui para te ajudar. Lembra que conversamos dos papéis...precisamos levar um pouco deles para poder limpar a casa...você deixa? Foi o Juíz que pediu.

Ele responde:\_ Esse Juíz é um filho da puta, quer tirar meus papéis...não posso ter nada...eu não tenho nada, não tenho uma casa boa, não tenho uma moto, não tenho dinheiro, só estes papéis e esse filho da puta quer levar.

\_Mas João, diz a T.O., precisamos levar para você poder limpar a casa, você não precisa de tanto papel.

\_Eu vou ler tudo, ainda não li, eu quero ler todos, depois eu joga fora, responde João, convicto.

\_Não tenho nada, continua ele, minha mãe quer que a gente viva sem nada, morando nesta casa, sem móveis, sem dinheiro...eu quero ficar com meus papéis pois catei tudo sozinho.

Neste momento, todos já entraram na minúscula casa, verificando se existem focos de mosquito e colocando iscas parafinadas em tocas e cantos,

para controle de roedores. Tudo feito em movimento cadenciado pois, só passa um de cada vez no estreito corredor, mas, todos quietos, escutando a conversa do João.

Não há como convencê-lo, a importância daquele material é grande para ele e temo que tenha que ser à força. Odiaria que fosse assim, pois seria mais uma das experiências onde tenho dúvida de nosso papel sanitário perante às populações mais enfraquecidas e empobrecidas.

A enfermeiras e a TO conversam, argumentando que será melhor para ele ir tomar o medicamento no Centro de Atenção Psico Social (CAPS), sua unidade de referência, onde todos o conhecem. A mãe, D. Nazareth, diz que ele não pode ir sem tomar o café. Esperamos a feitura de um café preto, com pão amanhecido e leite, que o João começa a tomar ainda quente, e que é oferecido a todos...ninguém aceita, mas agradece a gentileza. O calor dentro da casa, minúscula e cheia de gente aumenta com a chegada do SAMU.

Quando observei a viatura encostando e os profissionais descendo, pensei: \_É agora, teremos que restringi-lo, ele se batendo, mordendo, xingando, uma invasão a sua dignidade (acho...). Os dois profissionais desceram e conversaram com ele: \_ E ai S. João, tudo bem? Vamos passear?

João responde: \_Vai tomar no cu, eu tenho que tomar café, não vou a lugar nenhum!

O profissional responde, calmo: \_ S. João, na viatura tem ar condicionado, vamos tomar o café lá?

Para minha surpresa, ele responde: \_**Vamos!** Seria uma Inteligência de bicho? Teria ele avaliado o risco e tomada a decisão menos desgastante? A passos lentos, parando no caminho, levaram o João para a parte de trás da viatura, enquanto a mãe lhes entrega um saco de supermercado com uma muda de roupa. A viatura sai e eu aliviado e, ao mesmo tempo, perplexo com o convencimento rápido que os experientes socorristas executaram com o João...impressionante. Talvez João tenha percebido a necessidade de “adaptação” à aquela situação, visto que já haviam mais de 10 pessoas em sua pequena casa...

\*\*\*

*...hay una “coordinación biológica” fundamental que compromete a **las diversas especies, ella se expresa en la actualización de relaciones vitalmente necesarias** y se apoya, más*



profundamente, em um diagrama de afinidades genéticas. De aquí que la adaptación no sea algo a explicar sino parte de la explicación misma; el hecho de que el organismo tienda a adaptarse (es decir, a realizar sus círculos funcionales) se basa em que busca realizar su predisposición relacional inmanente con aquellos otros organismos o elementos externos que, emitiendo un signo, le confirman su afinidad genética. En suma, Uexküll percibirá en dichas relaciones de complementariedad genética y correspondencia funcional, la existencia de "leyes técnicas"; ellas explicarían por qué se da una adaptación y una coordinación tan perfecta entre, por ejemplo, el abejorro y las flores – es decir, entre especies con líneas de evolución completamente diferentes. **Así, la interdependencia del viviente con su mundo** de modo singular ese conjunto de tendencias inmanentes en relaciones empíricas externas; es precisamente por eso que se puede decir que el animal construye su mundo..<sup>53</sup>

Tradução livre: Há uma fundamental "coordenação biológica", que compromete as várias espécies, ela se expressa na atualização das relações vitalmente necessárias e se apoia, mais profundamente, em um diagrama de afinidades genéticas. Assim, a adaptação não é algo para se explicar, mas parte da explicação da mesma; o fato de que o organismo tende a se adaptar (ou seja, exercer seus ciclos funcionais) baseia-se em que pretende realizar sua imanente predisposição relacional com aqueles outros organismos ou elementos externos, fazem um sinal, que irá confirmar sua afinidade genética. Em suma, Uexküll perceberá nessas relações de complementariedade genética e correspondência funcional, a existência de "leis técnicas"; eles explicariam porque uma adaptação e uma coordenação tão perfeita entre, por exemplo, o zangão e flores ocorre - isto é, entre as espécies com linhas de evolução completamente diferentes. Assim, a interdependência do vivente com seu mundo de modo singular é esse conjunto de tendências imanentes em relações empíricas externas; é precisamente por isso que se pode dizer que o animal constrói o seu mundo.

\*\*\*

Talvez seja impossível pesquisar essa situação de João e os papéis se não se explorou plenamente seus mundos<sup>54</sup>.

Começamos a retirada de materiais, com muitos papéis, a maioria repetidos, em pilhas (panfletos de eleição, panfletos de propaganda de

---

<sup>53</sup> *grifos meus*.in Jakob Johann von Uexküll y el nacimiento da la biosemiótica, pág 19, (GARCIA, Óscar Castro, 2009).

<sup>54</sup> "Veja-se a curiosa citação retirada de Von Uexküll (Umwelt und Innenwelt der Tiere, p. 4) em apoio a essa ideia: "Só frente a uma observação superficial pode parecer que todos os animais do mar vivem num mundo igual que lhes é comum a todos. Um estudo mais aprofundado nos ensina que cada uma dessas formas de vida, com suas mil diferenças, possui seu próprio mundo ambiente, que se determina reciprocamente com o projeto de edificação do animal", bem como em Theoretische Biologie, p. 232: "Agora sabemos que não existe só um espaço e um tempo, há tantos espaços e tempos quantos sujeitos, pois cada sujeito está encerrado em seu próprio mundo ambiente, que possui seu próprio espaço e seu próprio tempo", cit. por Binswanger in "Sur la direction de recherche analytico-exisentielle en psychiatrie", idem, p. 59."cf. nota de rodapé de PELBART, Peter Pál. In: A Vertigem por um Fio: Políticas da Subjetividade Contemporânea. São Paulo: Iluminuras/FAPESP, 2000 p. 116

supermercado, lojas de amortecedores, prédios em construção, peças de automotivos...muitos). As 17 horas já havíamos enchido um caminhão pequeno, toda a carroceria preenchida, com papéis molhados e secos, mofados, com cheiro de urina e presença de fezes de roedores, fragmentos de insetos...**tudo que eu reconheço e prego que é insalubre, incompatível com a vida...não sei mais.**

\*\*\*

Mesmo depois de 1870, quando os estudos de Pasteur demonstraram que os micróbios estão presentes não apenas no ar, mas, em todos os espaços, e que estes “monstros invisíveis” provocariam uma série de doenças, a concepção dos ventos miasmáticos continuou a caracterizar o imaginário da limpeza entre os brasileiros<sup>55</sup>

\*\*\*

As 19 horas, o último caminhão (foram 3 viagens), “encosta” no ferro velho e faz a última descarga de material. O pagamento, por peso, vai para o pai do João... achei justo, e espero que seja usado de maneira coerente.

Indo para casa, ainda coloco em dúvida se todo este procedimento foi necessário. Acredito, como epidemiologista, na higidez dos ambientes, nos procedimentos de desinfecção e esterilização, nos ciclos parasitários e infecciosos, nos procedimentos de lavagem de mãos....

O que sei é que o João, provavelmente, já voltou para casa e não encontrou seus papéis. É outra casa, outra família e outra falta de recursos, e, provavelmente um desejo de guardar papéis e quem sabe um dia, lê-los.

\*\*\*

O Imperador Khan quer saber qual cidade nos espera no futuro, utopia ou Babilônia, a Cidade do Sol ou aquela do Admirável Mundo Novo, e lamenta que no final de tudo se insinue “a cidade infernal, que está lá no fundo e que nos suga num vórtice cada vez mais estreito”. Ao que Marco Pólo lhe responde: “O inferno dos vivos não é algo que será; se existe, é aquele que já está aqui, o inferno no qual vivemos todos os dias, que formamos estando juntos. Existem duas maneiras de não sofrer. A primeira é fácil para a maioria das pessoas: aceitar o inferno e tornar-se parte deste até o ponto de deixar de percebê-lo. A segunda é arriscada e exige

---

<sup>55</sup> SANT’ANNA, Denise Bernuzzi de Santana. Concepções de limpeza (Equipamentos da casa brasileira – usos e costumes. Arquivo Ernani Silva Bruno) Disponível em <http://museucasaalcantara.blogspot.com.br/p/vitrine-tematica.html> Acesso em 01/04/2015. Este texto refere-se a um capítulo da tese de SANT’ANNA, Denise Bernuzzi de. São Paulo das Águas. Tese de livre-docência – Departamento de História da Faculdade de Ciências Sociais. Pontifícia Universidade Católica – PUC-SP: 2004

atenção e aprendizagem contínuas: tentar saber reconhecer quem e o que, no meio do inferno, não é inferno, e preservá-lo, e abrir espaço”<sup>56</sup>.

\*\*\*

Quantos sinais, linguagens diferentes operaram nesta experiência, com suas prioridades, suas tradições. O que me chama atenção nesta experiência é justamente a questão de prioridade. O quão importante é, para João, seus papéis? O que ele enxerga quando olha para as pilhas de papel? Terá o mesmo significado que para cada um de nós? Aliás, reflito que para cada um dos profissionais, este amontoado de papéis, possui gradações de risco diferentes, de acordo com a vivência de cada um.

\*\*\*

A discussão da linguagem, das comunidades e como estas se diferenciam é tratada por Agamben (1993) em seu livro *“A comunidade que vem”*: *Qual pode ser a política da singularidade qualquer, ou seja, de um ser cuja comunidade não é mediada por nenhuma condição de pertença (o ser vermelho, italiano, comunista) nem pela simples ausência de condições (comunidade negativa, tal como foi recentemente proposta em França por Blanchot), mas pela própria pertença?* (página 66).

Ainda na página 64 e 65: *Mas, por isso mesmo, a época em que vivemos agora é também aquela em que se torna pela primeira vez possível para os homens terem a experiência da sua própria essência linguística – não deste ou daquele conteúdo da linguagem, mas da própria linguagem, não desta ou daquela proposição verdadeira, mas do próprio facto de se falar. A política contemporânea é este devastador experimentum linguae, que em todo o planeta desarticula e esvazia tradições e crenças, ideologias e religiões, identidades e comunidades. Só aqueles que conseguirem levá-lo a cabo até ao fim, sem permitir que o que revela fique velado no nada que revela, mas conduzindo a linguagem à própria linguagem, serão os primeiros cidadãos de uma comunidade sem pressupostos nem Estado, em que o poder nillificante e de destinação do que é comum será pacificado e a Shekhina<sup>57</sup> terá deixado de sugar o leite maligno da própria separação.*

Dentro da mesma questão, sobre as prioridades que tomam a atenção destes cooperados, torna-se importante quando se considera que, ao entrar em contato com uma comunidade, elementos nesta escala, provavelmente, terão diferenças significativas. Não é necessário somente buscar isto na experiência com João, ou jogar, sobre seus ombros, a “responsabilidade” de valores divergentes, afinal: quem daria tanta importância a pilhas de papel, mofadas e repetidas?

Como um disparador para a discussão, reflito sobre os “valores”, pois estes são “carregados” nos programas de educação em saúde, nos procedimentos médicos e sanitários que sempre

---

<sup>56</sup> CALVINO, Italo. *As Cidades Invisíveis*. São Paulo, Cia da Letras: 1991. p.150

<sup>57</sup> A Shekhina é a última das dez Sephiroth ou atributos da divindade, aquela que exprime, de facto, a própria presença divina, a sua manifestação ou habitação na terra: a sua “palavra”.

pretendemos implantar, podemos olhar para uma pequena experiência, onde um senhor, chamado seu Oliveira, relatada nesta conversa, transcrita:

\*\*\*

\_ Olá S. Oliveira, necessito de um carro do senhor... seria possível? Pergunto eu, pois este senhor tinha uma velha perua Kombi, que serve a comunidade, carregando sofás, faz viagens à São Paulo, e dizem que até um pequeno “burrico”, pintado de zebra (listrado) com tablete Santo Antonio, (para servir de modelo fotográfico com criança, na praia) era carregado por ele:  
\_ Eu tiro os bancos e ele vai sentado! O bicho é inteligente, eu “bato” a chave no contato e ele fica quietinho.

Seu Oliveira é um sujeito atarracado, forte, com um sorriso escancarado, usa shorts com sapato, meia e camisa de botão. Contou-nos, em um raro momento de desabafo, que matou duas pessoas na vida, uma no Nordeste e outra aqui, em São Vicente, mas ambas, segundo ele, com motivo.

Preço acertado, carro contratado, fomos buscar quatro caixas acústicas e um módulo de som, para o Dia das Crianças, que seria realizado no pátio do Parque Sambaibatuba. Todos conversando, contando casos e a conversa passa pela música. Comento com ele minha vontade de ter um piano:

\_ Seu Fábio, o senhor queria ter um piano é? Se eu soubesse? Ganhei um, em um carro que fiz. Tinha até lugar de acender vela. A dona, uma senhora bem velhinha, não tinha “prá” onde levar. Se soubesse, vendia “pro” senhor... e ainda entregava!

\_ Tinha castiçais no piano? Um local para acendre velas e iluminar a partitura? \_ pergunto. Provavelmente é um piano antigo \_ continuo ansioso: \_ Como eram as teclas, que cor eram, qual o tamanho?

Ele responde: \_ Era lindo mesmo, um bichão... pesado, quatro homens para carregar...

O senhor vendeu ele? “Prá” quem? Por quanto?

\_ Seu Fábio \_ ele responde\_ o machado “assuviava” na madeira, dura que nem pedra... demorei mais de uma hora “prá” quebrar o piano todo (no machado e no martelo) e tirar o “ferro” que tinha dentro... vendi “pro” ferro velho.

“Gelei” com a resposta... como? Um piano valioso, uma obra de arte, um majestoso instrumento, quebrado para retirar sua “alma”, nome dado ao conjunto de cordas cruzadas que que têm, por trás deste encordoamento, uma placa de ferro fundido.

Para Seu Oliveira, o valor estava no metal, que tinha comércio imediato, não importava o som do piano, seu valor histórico. A prioridade era retirar o que tinha valor, descartar o resto e obter algum dinheiro. Aliás, quando perguntei do som, se era bonito, ele referiu a primeira “machadada”, no tampo superior: \_ O piano fez um barulhão, de madeira e de música! Provavelmente as cordas, vibrando por “simpatia”, reagindo as ondas sonoras produzidas pelo impacto do machado. Não esqueci esta experiência e confesso, envergonhado, que passei a enxergá-lo como um “selvagem inculto”, alguém menos do que eu, que não reconhece o valor de algo tão belo, entretanto, não demonstrava meu pensamento. O fato de alguém arrebentar um piano, algo tão majestoso, que pesa aproximadamente 300 kg e possui 20 toneladas de

tensão em suas cordas, me remetia a uma “primitividade” sem cura, pois “achava” que isto deveria ser curado.

\*\*\*

Não temos o direito de atuar *isoladamente* em nada: não podemos errar isolados, nem isolados encontrar a verdade. Mas sim, com a necessidade com que uma árvore tem seus frutos, nascem em nós nossas ideias, nossos valores, nossos sins e não e ses e quês — todos relacionados e relativos uns aos outros, e testemunhas de *uma* vontade, *uma* saúde, *um* terreno, *um* sol. — Se vocês gostarão desses nossos frutos? — Mas que importa isso às árvores! Que importa isso a nós, filósofos!...<sup>58</sup>



Fig. 17: João e seus papéis  
Fonte: Arquivo pessoal

---

<sup>58</sup> Nietzsche, Friedrich Wilhelm, 1844-1900. Genealogia da moral: uma polêmica / Friedrich Nietzsche ; tradução, notas e posfácio Paulo César de Souza. — São Paulo: Companhia das Letras, 2009 (página 08).

#### 4. MURO E OUTRAS ECOLOGIAS: POLÍTICAS SUBJETIVAS DAS ALFACES.

Estar sozinho, mas fazer parte de uma associação de malfeitores.<sup>59</sup>

J.L Godard

O Imperador da China resolveu construir uma muralha que contornasse a imensidão do Império e o protegesse contra a invasão dos nômades vindos do Norte. Tal construção mobilizou a população inteira por anos a fio. Conta Kafka que ela foi empreendida por partes: um bloco de pedra era erguido aqui, outro ali, mais um acolá, e não necessariamente eles se encontravam, de modo que entre um e outro pedaço construído em regiões desérticas abriam-se grandes brechas, lacunas quilométricas. O resultado foi uma Muralha descontínua cuja lógica ninguém entendia, já que ela não protegia de nada nem de ninguém. Talvez apenas os nômades, na sua circulação errática pelas fronteiras do Império, tinham alguma noção do conjunto da obra. No entanto, todos supunham que a construção obedecesse a um plano rigoroso elaborado pelo Comando Supremo, mas ninguém sabia quem dele fazia parte e quais seus verdadeiros desígnios. Enquanto isso, um sapateiro residente em Pequim relatou que já havia nômades acampados na praça central, a céu aberto, diante do Palácio Imperial, e que seu número aumentava a cada dia. O próprio imperador apareceu uma vez na janela para espiar a agitação que eles provocavam. O Império mobiliza todas suas forças na construção da Muralha contra os nômades, mas eles já estão instalados no coração da capital enquanto o Imperador todo poderoso é um prisioneiro em seu próprio palácio. Kafka dá poucas indicações sobre os nômades. Eles têm bocas escancaradas, dentes afiados, comem carne crua junto a seus cavalos, falam como gralhas, reviram os olhos e afiam constantemente suas facas. Não parecem ter a intenção de tomar de assalto o palácio imperial. Eles desconhecem os costumes locais e imprimem à capital em que se infiltraram sua esquisitice. Ignoram as leis do Império, parecem ter sua própria lei, que ninguém entende<sup>60</sup>.

---

<sup>59</sup> DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. Diálogos. Editora Escuta. 1998. São Paulo. P. 8.

<sup>60</sup> PELBART, Peter. Vida Capital. Ensaios de Biopolítica. Editora Iluminuras. São Paulo, 2003. P. 19-20-21



Fig. 18: Hidroponia funcionando e, atualmente, degradada  
Fonte: Arquivo pessoal

A hidroponia (o cultivo de vegetais em água, fora da terra), é uma das técnicas que apresentamos no Sambaiatuba. Veio para suprir as necessidades de profissionalizar os catadores cooperados, com alternativa... não deu certo... \_ O alface demora muito para crescer, três meses... gosto de ganhar por semana ou por dia... é melhor, dizem eles.

\*\*\*

Vale pensar acerca de uma cronopolítica, um tempo intenso destas “gentes”, e, que difere de outros, sua urgência animal é a presença (não é a pressa excitada, demasiado humana e domesticada da classe média), não há espaço para “espere um pouco” planejamento ou teorias, a fome e a sede acontecem, hoje. *Em suma, é a cada dia, é já.* Talvez algo mais próximo do homem trágico-precário, do que da civilização socrático-racional-preditiva-bem-alimentada.

\*\*\*

De qualquer maneira, o sistema foi montado com verba do Estado, custou por volta de R\$ 50.000,00 e acabou ficando sob a responsabilidade dos funcionários da CODESAVI. Os alfaces, são doados às creches municipais e outros centros que necessitam, para complementar a alimentação... cuidei do sistema por seis anos, driblando as dificuldades pertinentes à atividade, ventos que derrubaram a estufa, fungos e vírus que infectaram as alfaces, insetos que predavam as plantas, deficiência de macro e micro nutrientes... muitos problemas, mas tínhamos uma coleta cheia e ficávamos felizes quando a perua saía cheia para as creches... um alface saboroso, sem agrotóxico, sem contaminação de solo...

O pessoal da comunidade elogiava, mas não cuidava, pelo menos não todos... difícil entender já que os vegetais iam para a salada das creches e os filhos deles frequentavam estes locais... de vez em quando a hidroponia era

depredada... quebravam as calhas, derrubavam alfaces, urinavam na água e chegaram até a defecar em cima dos vegetais. Noutra época, roubavam as travas de metal (para vender) que seguravam o sombrite, uma tela que reduzia a luminosidade e evitava que as plantas queimassem com a luz solar.

O monitoramento e a colheita dos vegetais eram como um ritual, levado muito à sério por nós, pois o Prefeito tinha isto como a “menina de seus olhos”. O jornal ia ao local, mostrava as crianças na hidroponia, nossa colheita, tudo perfeito. Medíamos o PH e a condutividade da água duas vezes ao dia e adicionávamos nutrientes uma vez por semana na caixa d’água. Qualquer erro, as plantas davam sinal... murchavam, amarelavam, estiolavam... sensíveis, diferente de tudo que estava ali, tudo tão rústico...

Esta rotina era a parte de tudo que acontecia, exigia paciência, persistência, técnica apurada, ajustes finos e atenção... mas, só nós fazíamos... a comunidade não...

Cansado de ver a hidroponia ser depredada, pedi para erguer um muro, pequeno, mas, suficiente, que impedisse a passagem da favela para a porta principal da estufa e que dificultasse a entrada de pessoas estranhas... caso houvesse atos de vandalismo, teriam que dar a volta para sair do local. Pedi que fizessem o muro, decidido que aquilo resolveria... claro, quem se atreveria a pular um muro para simplesmente, quebrar ou estragar o que cultivávamos para eles?

O muro foi erguido e, por uns dias, tudo ficou calmo, sem a entrada na hidroponia... aliás passamos a deixa-la sem cadeado... quem quisesse alface, entrava e pegava, mas não podia depredar.

Numa daquelas tardes, onde nada funcionava, faltava água, o telefone parou (roubaram os cabos), a energia elétrica oscilava, deixando o ventilador lento... muita mosca e cheiro de lixo... os catadores passam, arrastando a bota ou o chinelo, passando em frente ao escritório... \_Oi Seu Fábio... um deles vem e pede que eu vá falar com o Bebê....

\_Sobre o que? Pergunto eu... \_Ele quer falar com o senhor sobre o muro... lá dos alfaces... ele quer derrubar...

\_ Não vai derrubar\_ falei\_ se derrubar eu levanto de novo...

\_ Fala com ele, é melhor! argumenta o rapaz.



Entrei e comentei com o Reinaldo e com o Paulo, funcionários da CODESAVI... \_ O Bebê é chefe do tráfico... "tá" no lugar do Ritchie, que tá preso... é melhor derrubar o muro, ou ir lá.

\_ Não vou \_ falei \_ e não vou derrubar... ele não tem esse direito... por que querem derrubar? Não há motivo!!!

Fui embora para casa, pensando porque ele quer derrubar o muro... a hidroponia não é dele, não trabalha lá e nem conversa conosco... No dia seguinte, o muro estava quebrado... fizeram um arco, ao contrário, arrancando os blocos aparentes... fiquei com raiva... voltei ao escritório e falei... \_ Reinaldo, quebraram o muro... pede para os meninos arrumarem... pegue, por favor, mais blocos, massa pronta e refaçam o muro...

\_ Não adianta chefe, eles vão quebrar...(dizem, parecendo que estão se divertindo com meu nervoso...)

\_ Volta lá e refaz, por favor...

\_Tá bom chefe, não fica nervoso.. .(eles dão risada...ironia, humor?).

\*\*\*

(...) humor é esta arte da superfície [vidas de superfície no Sambaituba (?), contra a velha ironia, arte das profundidades ou das alturas. Os Sofistas e os Cínicos já tinham feito do humor uma arma filosófica contra a ironia socrática, mas com os Estóicos o humor encontra sua dialética, seu princípio dialético e seu lugar natural, seu puro conceito filosófico (...)<sup>61</sup> preciso saber "descer" - o humor, contra a ironia socrática ou a técnica da ascensão [subir para a luz asséptica, pose civilizada? Modelos de saúde? Mundos das ideias de Platão e conferências de saúde ?]. Mas, para onde nos precipita semelhante descida? Até ao fundo dos corpos e ao sem-fundo de suas misturas (...) Pois se a ironia é coextensividade do ser com o indivíduo ou do Eu com a representação, o humor é a do senso e do não-senso. O humor é a arte das superfícies e das dobras, das singularidades nômades e do ponto aleatório sempre deslocado da arte da gênese estática, o saber-fazer do acontecimento puro a "quarta pessoa do singular" - suspendendo-se toda significação, designação e manifestação, abolindo-se toda profundidade e altura.<sup>62</sup>

\*\*\*

A psico-neuro-endócrino-imunologia (PNEI) é um dos mais interessantes campos de pesquisa biomédica, criado em meados do século XX, onde diversos experimentos demonstraram de

---

<sup>61</sup> DELEUZE, Gilles. Logica do Sentido. Trad. Luiz Roberto Salinas Fortes. São Paulo: Perspectiva, 1974. Segunda Série: De Paradoxos (Página 12).

<sup>62</sup> DELEUZE, Gilles. Logica do Sentido. Trad. Luiz Roberto Salinas Fortes. São Paulo: Perspectiva, 1974. Segunda Série: Do Humor (Página 77).

forma categórica a íntima ligação entre nossas emoções, o cérebro e o sistema imunológico. O primeiro estudo, de Ader e Cohen, em 1975, é referência obrigatória, onde alimentaram ratos de laboratório com água, açúcar e uma droga quimioterápica (a Ciclofosfamida), que ataca o sistema imunológico. Prova incontestável da conexão entre mente e corpo foi que, mesmo após a retirada da Ciclofosfamida da mistura, os ratinhos continuaram, **por condicionamento psíquico**, a apresentar diminuição de sua imunidade.<sup>63</sup>

Os principais meios de comunicação o eixo Hipotálamo-Pituitária-Adrenal (HPA) e o Sistema Nervoso Simpático (SNS) têm sido estudados, desde então buscando explicar fenômenos complexos como o aumento da mortalidade durante o luto de um conjugue, a elevação do risco em cardíacos com depressão, e a relação entre o stress a rapidez da progressão de HIV para AIDS.

Um dos últimos estudos foi realizado na Ohio State University, por Kiecolt-Glaser et al. (2009) e aponta para a ligação entre o estresse e a ansiedade com a Rinite Alérgica, condição que afeta aproximadamente 20% da população e está entre as 5 doenças crônicas mais frequentes

Reflete se algo, no humor e na visão de mundo destas pessoas, os ajudam a suportar a carga biológica de micro-organismos e outros patógenos, contida naqueles monturos de lixo e no ambiente incrustado, há mais de trinta anos de sujeira e outras insalubridades.

Claro que, como profissional de saúde, fui formado a pensar os sistemas integrados, mas agindo de forma separada. O sistema imune que, quanto mais estimulado, mais eficiente (em tese), era o único responsável pelas minhas respostas, na primeira fase da investigação. Percebo que a maneira como encaram as agruras da vida e como promovem suas soluções podem ser estimulantes de uma condição de saúde diferente (nem melhor, nem pior... diferente).

\*\*\*

Poucas horas depois entra um rapaz no escritório e diz: \_ Seu Fábio, o Bebê quer falar com o senhor... (incrível [ironia?] como não conheço ninguém, mas todo mundo me conhece lá...).

\_ Onde ele está? Pergunto.

\_ Lá no muro, te esperando...

Bem, pensei que não seria bom ir lá sozinho, no fundo do Sambaiatuba... os funcionários perceberam... \_ Vamos lá chefe... a gente vai junto...

---

<sup>63</sup> (In) A relação entre as alergias, o estresse e a ansiedade. Disponível em: <https://bruabra.wordpress.com/category/psico-neuro-endocrino-imunologia/>. Texto sobre a psico-neuro-endócrino-imunologia (PNEI) e o estudo "Como o estresse e a ansiedade podem alterar as respostas imediatas e tardias no teste cutâneo de fase em rinite alérgica. de Kiecolt-Glaser et al, 2009. Disponível em: [http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/19150180?ordinalpos=1&itool=EntrezSystem2.PEntrez.Pubmed.Pubmed\\_ResultsPanel.Pubmed\\_DefaultReportPanel.Pubmed\\_RVDocSum](http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/19150180?ordinalpos=1&itool=EntrezSystem2.PEntrez.Pubmed.Pubmed_ResultsPanel.Pubmed_DefaultReportPanel.Pubmed_RVDocSum)

Fui conversando, tentando esmaecer a preocupação e me enchendo de argumentos, para convencer o tal de Bebê...

Cheguei lá: \_ Olá, eu sou o Fábio...apertei a mão dele ...

\_ E ai... tudo bem com o senhor?

\_ Como é seu nome?

\_ Bebê...

\_ Por que você quer derrubar o muro? Estão quebrando a hidroponia e fiz isso para protegê-la...

\_ Com o muro, fica difícil “dar fuga dos polícia”... aqui pelo meio, a gente entra “prá” favela... com o muro tem que dar a volta... sem o muro é só a gente gritar e todo mundo dá pista... a gente avisa...

\* \* \*

A formação de bandos mistos não é difícil de se observar na natureza, uma vez que dessa fusão os participantes é que são beneficiados de alguma forma. No caso dos urubus de cabeça preta e caracarás, os urubus permitem a interação na hora de dividir a carcaça, pois como não têm uma vocalização desenvolvida como os caracarás, acabam se beneficiando destes para se resguardarem no caso de perigo, pois os caracarás sim possuem esse sistema de auto-defesa em grupo (**gritos de alerta**).<sup>64</sup>

\* \* \*

Fiquei sem ter o que falar... o argumento dele era forte e não tinha como propor um acordo entre ele e a polícia... ou pedir que não fujam...

\_ Tão quebrando as plantas? Quem tá fazendo isso? Ele pergunta.

\_ Não sei...não conheço ninguém e é a noite... respondo

\_ Seu Fábio, ninguém mais vai quebrar nada... se alguém mexer, a gente “quebra no caibro”, quebra “as perna” e “os braço” e leva ele lá na sua sala...

\_ Não, respondo eu, não precisa... se quebrarem, eu arrumo... não quero que batam em ninguém...

Paulo ri... \_ É a lei da favela, chefe....

\*\*\*

Não ter comunidade significa não ter proteção; alcançar a comunidade, se isto ocorrer, poderá em breve significar perder a liberdade. A segurança e a liberdade são dois valores igualmente preciosos e desejados que podem ser bem ou mal equilibrados, mas nunca inteiramente

---

<sup>64</sup> Urubú de cabeça preta. Disponível em: <http://www.wikiaves.com.br/urubu-de-cabeca-preta>

ajustados e sem atrito. De qualquer modo, nenhuma receita foi inventada até hoje para esse ajuste. O problema é que a receita a partir da qual as “comunidades realmente existentes” foram feitas torna a contradição entre segurança e liberdade mais visível e mais difícil de consertar.<sup>65</sup>

\*\*\*

Livre é o estado daquele que tem liberdade. Liberdade é uma palavra que o sonho humano alimenta, que não há ninguém que explique e ninguém que não entenda.<sup>66</sup>

\*\*\*

\_ Não\_ respondo... não precisa... vou abandonar tudo isso... pode tirar o muro Paulo... se depredarem, não tem alface... eu não como aqui...

\_ Seu Fábio... não vai mais ter “zueira” com “os alface”... fala aqui com o Richie...

Ele toca o Nextel e respondem do outro lado... \_ Fala!

Ô Richie, é o Bebê... o caro do muro, “dos alface”, vai falar... ele me entrega o rádio...

Falo: \_ Bom dia!

\_ Quem tá falando! O Bebê falou contigo sobre o muro?

\_ Sim, já falou... respondo... vou tirar...o pessoal está entrando e destruindo tudo... vou desistir... por favor, não se preocupe... vamos retirar o muro...

\_ Deixa eu falar com o Bebê... valeu!!!

Bebê pega o rádio... fala com ele... saio de perto... me sinto um perdedor... parece que há um certo ar de compaixão por mim por conta dos funcionários... consigo uma coisa, perco duas... tem sido assim ... me sinto uma voz, sozinha...

\_ Bebê vem até onde estamos e fala... \_ Olha, ninguém entra mais lá... pode tirar o muro...

Só olhei para o Paulo e o Reinaldo... eles entenderam... foram buscar as ferramentas, carrinho de mão... Fim de tarde, não havia muro... derrubado como a maioria das coisas que acreditava...

---

<sup>65</sup> BAUMAN, Zygmunt. **Comunidade. A busca por segurança no mundo atual.** Tradução: Plínio Dentzien. Jorge Zahar Editor. Rio de Janeiro. 2003 (página 10).

<sup>66</sup> FURTADO, Jorge. Ilha das Flores (roteiro original em dezembro/1988). Produção: Casa de Cinema de Porto Alegre – Trecho do filme. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=e7sD6mdXUyg>

Passou muito tempo, mais de dois anos e ninguém mais mexeu na hidroponia... não houve depredação (e nem violência) ... os funcionários diziam: \_ Não falei? É só “os cara” darem a ordem...

\*\*\*

“internamente” muita antipatia minha, isto me desagradava muito... afinal mostravam que não posso nada, e ou, que posso pouco, talvez só não atrapalhar essas vidas..

\*\*\*

(...) contra a moral europeia da salvação e da caridade, uma moral da vida em que a alma só se realiza tomando a estrada, sem outro objetivo, exposta a todos os contates, sem jamais tentar salvar outras almas, desviando-se das que emitem um som demasiado autoritário ou gemente demais, formando com seus iguais acordos/acordes mesmo fugidios e não resolvidos (...) "todas as sutis simpatia as da alma inumerável, do mais amargo ódio ao amor mais apaixonado<sup>67</sup>".

\*\*\*

Aos poucos, o Parque foi sofrendo invasões e a hidroponia e outros equipamentos foram desativados... pereceram, apodreceram... viraram sucata... eu também fui embora, sou visitante...

Em janeiro deste ano de 2015...fui ao Sambaiatuba, de novo... percebi a movimentação diferente... conheço algumas pessoas, muitos sorrisos... alguns novos rostos... vem o Buteko falar comigo: \_ Fábio, bom dia!

\_ Bom dia, como você está?

\_ Bem... vem cá, quero te apresentar um cara...

\_ Esse aqui é o Richie... ele “táva” no sistema (preso) ... agora “tá” aqui “cum nós”!!!

O rapaz aperta minha mão... tem um defeito em uma das pernas, manca muito...ele pergunta: \_ Você que é o cara do muro?

Lembrei...

\*\*\*\*

---

<sup>67</sup> DELEUZE, G. Crítica e Clínica. Trad. Peter Pál Pelbart. São Paulo: 34, 1997 p. 101 .

A alma não deve acumular defesas à sua volta. Não deve retirar-se para procurar o céu dentro de si, em êxtases místicos. Não deve clamar por um Deus transcendente, pedindo para ser salva. Deve fazer-se à estrada larga, à medida que a estrada vai se abrindo ao desconhecido, na companhia daqueles, cuja alma os leva para junto dela, nada realizando além da viagem, e das obras inerentes à viagem, à longa viagem de uma vida inteira rumo ao desconhecido, através da qual se realiza a alma, nas suas subtis simpatias.<sup>68</sup>

\*\*\*



Fig. 19: Local onde existia o muro que separava minhas prioridades daquelas do tráfico  
Fonte: Arquivo pessoal

---

<sup>68</sup> LAWRENCE, D. H. Walt Whitman (trad. Ana Luísa Faria). Lisboa, Relógio D'Água Editores, 1994, p. 27

## 6. UMA CERTA ETOLOGIA POLÍTICA: APOSEMATISMO.

*Allopreening* é o comportamento social onde indivíduos de determinada espécie executam a limpeza em outro indivíduo pertencente ao seu grupo social. Os motivos mais aceitos para este comportamento são: remoção de ectoparasitos, posicionamento hierárquico e reestabelecimento do bom convívio. O Allopreening entre estas duas espécies de famílias diferentes, (*cathartidae* e *falconidae*), uma necrófaga e a outra predadora, torna o entendimento deste comportamento, além de difícil, ainda mais belo.<sup>69</sup>

\*\*\*

Fazem poucos dias que estou no Parque Ambiental Sambaiatuba. Vim porque não me deixaram fazer o Mestrado na Secretaria de Saúde de São Vicente... apesar de ser funcionário público concursado, ter passado na seleção pública, o fato de pretender estudar educação continuada e permanente no Núcleo de Controle de Zoonoses não agradou a alta gestão... insisti, me “convidaram” a ser transferido para outro setor... quando falei que gostaria de vir para o Sambaiatuba, diziam: “Vai para o “lixão”? Você está louco! Desde o início, a impressão de que tudo aquilo que ninguém quer, que não tem mais valor serventia, vai para o antigo lixão, sendo constantemente reafirmado no discurso de todos que não estão lá.

\*\*\*

Estranho eco com um acontecimento singular na escrita de Anton Tchêkhov (1860-1904), no livro *Ilha Sacalina* que é resultado de exaustivo trabalho de pesquisa e de penosa viagem (da saúde frágil e potente) do médico e escritor por carruagem e barco ao extremo leste da Rússia. Nas 350 páginas do livro lançado em 1895, Tchêkhov documentou as condições da colônia de **degradados** e forçados instalada nessa ilha pelo governo tsarista. Ao leitor habituado aos contos curtos de **vidas infames** (sem fama) do escritor russo, surpreende a riqueza de detalhes estatísticos e bibliográficos, coletados em visitas a quase todos os povoados da colônia, onde Tchêkhov, após percorrer cada casa, anotava em fichas o nome e sobrenome dos moradores, idade, estado civil, classe social, sexo, local de nascimento, tempo de residência na ilha, atividade profissional, grau de instrução e meio de vida que, às vezes, não é mera sobrevivência. Precisei visitar alguns contos deste autor...

\*\*\*

---

<sup>69</sup> Urubú de cabeça preta. Disponível em: <http://www.wikiaves.com.br/urubu-de-cabeca-preta>

Apresentei-me em uma terça feira, explicaram-me as responsabilidades, horário, limitações etc. Dentre as atribuições de auxiliar na escolha de espécies vegetais para confecção de praças e jardins do município, ajudaria na hidroponia, revegetaria o manguezal, cultivando espécies como as *Rhizophora mangle* (mangue vermelho); *Avicennia schaueriana* (mangue siriuba); *Laguncularia racemosa* (mangue branco). Após cultivarmos estas espécies em canteiros, aos poucos, adicionávamos sal na água, num processo chamado de “rustificação”... tornar mais rústico, **como tudo no Parque**, para o ambiente futuro, com água salobra e cheio de matéria orgânica em decomposição. Este manguezal, muito poluído por atividades antrópicas (esgoto *in natura* e resíduos de toda a natureza), margeia o Parque, como a moldura de um quadro, fazendo parte de sua história...

\*\*\*

Se as ecologias são uma multiplicidade (subjativa, social, ambiental, biotecnologica etc) estava neste momento tomado pelo fundamentalismo das “boas almas” da ecologia estritamente ambiental

\*\*\*

Com o passar de exatas três semanas, fui chamado pelo superintendente da CODESAVI, para uma reunião, com a diretoria e representantes da comunidade. Em princípio achei, sinceramente, que iriam me agradecer pela disponibilidade de vir estudar o Parque, auxiliar nas atividades de educação ambiental e revegetação... enfim, “coisas boas”.

Às 9 horas o Parque estava com muitas pessoas, vindas da CODESAVI, de empresas de fero velho e reciclagem que margeiam o Parque, alguns representantes da comunidade... sentamo-nos em uma grande mesa, de doze lugares, na sala de educação ambiental. O superintendente me apresenta:

\_Bem, este é o Fábio, é funcionário de carreira da Secretaria de Saúde, veio para trabalhar no Parque, vai controlar os cavalos, os guardas, entrada de caminhões, cuidar da revegetação... tudo que for necessário...

Todos me olhavam, como uma espécie diferente, conhecia poucas pessoas, mas já era cumprimentado por muitos... um bom dia, ou \_E aí? mas, já me observavam bastante.



Comecei falando sobre meu projeto de pesquisa, que havia recentemente mudado, para construir um programa de educação em saúde para aquela comunidade, quais os principais pontos... fui interrompido. Celso, um moço gordo, sem os dentes incisivos superiores, camisa semi-aberta, me olha, põe a mão pesada na mesa, enfeitada com uma grossa pulseira e pergunta: \_Eu quero saber **se você é folgado?**<sup>70</sup>

Até aquele momento estava seguro, não via ameaça em estar ali e respondi, olhando fixo para ele: \_Não **sou concursado!**

Ele não riu e disse: \_Irmão, vou perguntar de novo: Você é folgado? Agora, inclinando o corpo para frente, em minha direção. \_Porque se for, não vai “se criar” aqui... deixa eu te explicar: Aqui a gente amarra de dia, “prá” bater a noite... você sabe o que é apanhar de pinto de jegue... com o couro dele? Eu quero saber se você vai querer mandar aqui, se vai gritar com alguém, como é que vai ser?

\*\*\*

Percebi, **pela primeira vez**, onde estava... terreno novo e ele, o Celso, estava me explicando quem mandava e que ele era perigoso. Aliás, ele fazia questão de mostrar que era perigoso e que eu deveria manter distância dele e de seus negócios, a reciclagem de plástico e *tetrapak* que funciona em um galpão, dentro do Parque. Ele me explicou que era rico, que tinha comido lixo, mas que venceu e exportava seu material... falava de um jeito manso e arrastado, mas com olhar agressivo, mão fechada em cima da mesa... um aviso claro<sup>71</sup> para mim, que vim de um lugar diferente, com outras linguagens auditivas, visuais... entretanto, reconheci o risco.

\*\*\*

Muitos animais que possuem atributos perigosos ou desagradáveis anunciam isso com cores fortes e padrões contrastantes. Marcas, tipicamente em branco, preto, vermelho e amarelo, avisam os predadores do mecanismo secundário de defesa da presa e assim desencorajam o ataque. O fenômeno é chamado aposematismo e existem muitos exemplos familiares disso. As

---

<sup>70</sup> O filósofo francês Jacques Derrida discorre sobre o conceito de hospitalidade e apoia-se no livro de Jean-Luc Nancy, **O intruso (2000)**, no qual o autor versa sobre o transplante de coração a que foi submetido. Nancy liga o intruso ao estrangeiro, na medida em que a chegada do estrangeiro é carregada de intrusão. O intruso está no estrangeiro, assim como o estrangeiro está no intruso. Uma chegada que não se dá amistosamente nem é recebida com preparativos antecipados, mas uma chegada que não cessa, que não cansa de chegar e, ao chegar, desestabiliza, por meio da falta de familiaridade e de direito, o centro da intimidade.

<sup>71</sup> **"Não, não há de ser impunemente que uma pessoa delicada, impressionável e permeável receberá essa desagradável mistura de mil coisas viciadas, viciosas, que sobem da rua até ela: o halo de espíritos imundos, a confusão de fumaças, de emanções ruins e de sonhos ruins que plana sobre nossas sombrias cidades!"** (Jules Michelet, *A mulher, 1859*) in: Saberes e odores : o olfato e o imaginário social nos séculos XVI II e XIX / Alain Corbin ; tradução Ligia Watanabe. -- São Paulo: Companhia das Letras,1987 (Prefácio).

marcas preto e branco das jaritatas listradas e pintadas (*Spilogale* e *Mephitis*) são verdadeiramente excepcionais dentre os mamíferos de coloração marrom. As marcas servem, em parte, para avisar o predador do repelente de cheiro horrível que pode ser liberado das glândulas de cheiro da jaratataca se a provocação continuar. Muitos insetos, como as vespas sociais (*Vespa*) tem um padrão corporal amarelo e preto para avisar da sua picada dolorosa. As cores fortes de várias espécies de borboletas avisar sobre sua impalatabilidade. Rãs do gênero *Dendrobates* e especialmente do gênero *Phyllobates*, produzem secreções tóxicas pela pele. Um único indivíduo da colorida espécie *Phyllobates terribilis* possui toxina suficiente na pele para matar cerca de 20.000 camundongos domésticos ou vários humanos adultos.<sup>72</sup>

\*\*\*

Durante a conversa com o superintendente, ele levanta, entra no banheiro... minutos depois sai, e diz, olhando para mim: \_Mijei que nem um cavalo... (sorri, olhando para mim) Já estava me sentindo muito desconfortável com aquilo tudo... para que tanto incômodo com minha presença? Não fiz nada! O telefone dele toca e uma conversa, paralela à nossa começa com ele... não pude deixar de escutar:

\_Irmão, o dinheiro é meu... “tá” bom, vou esperar aqui... tá bom... espero até a hora do almoço... ah, tá vindo... pede “prá” não ir em casa... é, no Parque...

Ele desliga...fala para todos, interrompendo a conversa sobre as prioridades do Parque: \_Um menino meu estava no banco, no Bradesco... saiu com um pacote de dinheiro na mão... foi assaltado... os caras roubaram ele e estavam fugindo... o que dava cobertura com a moto conheceu o menino... falou: É gente do Celso... ele vai vir buscar...ligaram para mim, avisando o engano... vão devolver aqui...já pediram até desculpa... se me roubar, já sabe irmão... (ele ri com vontade, outros também, eu, só sorrio)... Sabe irmão\_ ele continua\_ aqui é assim... você já viu o Seu Ari, que não tem a mão? Pois é, fui eu que cortei... ele roubou um carrinho de mão, meu, me avisaram, eu mandei buscar ele... ficou amarrado em uma árvore de dia, e à noite... apanhou... depois cortei a mão dele... peguei a mão no chão e disse: Agora vai lá, costurar esta merda... e sabe... quando ele vem me vender plástico, eu pago em moeda e jogo em cima do balcão, só “prá” ver ele puxar as moedinhas com o toco do

---

<sup>72</sup> Ecologia USP. Capítulo XIII. Comportamento anti-predatório. Disponível em: [ecologia.ib.usp.br/bie212/aulas2015/comportamento.pdf](http://ecologia.ib.usp.br/bie212/aulas2015/comportamento.pdf)

braço “prá” palma da outra mão (ele imita o gesto na mesa) ... ai o filho da puta lembra que me roubou... (mais risadas em conjunto)

\*\*\*

... e eu só queria ir embora... o que eu fazia ali?... um projeto de mestrado? Tempos depois, na escrita da dissertação, lembrei-me do episódio do Projeto de Ajuda Judicial e Extrajudicial à Imigrantes Afro-descendentes Clandestinos, onde um Africano disse ter medo de perder sua mão e, por isso, arriscou sua vida atravessando o Atlântico dentro de um compartimento do convés do navio.

\*\*\*

O telefone toca de novo, o sinal é o de “três arrotos”, gravados... (quem teria um sinal de telefone e rádio assim?).

O dinheiro chegou... ele pede para buscar na portaria do Sambaiatuba... me olha e diz: \_ Anota meu rádio... (me passa o número) ... chama ai...

Chamei o número e a identificação dele aparece no visor: SÓ DEUS É DEUS! (Acho que é porque ele não respeita ninguém... soube depois que só presta contas ao seu Deus, e a mais ninguém...).

\*\*\*

D”eu”s o “eu”, e, nem tanto no Sambaiuba? Talvez nem a morte os queira? Ninguém humoristicamente acima? Nada de ironia?

\*\*\*

O Superintendente e o gerente frisam, que cuidarei da guarda do Parque... estão contratando pessoas para fazer a ronda no Parque, 24 horas... para protegerem o patrimônio da Prefeitura ... eu falo: \_ Vamos selecionar as pessoas, tem que ser maior, ter cpf, rg, carteira de trabalho, atestado de antecedentes criminais, curso de vigilante ou portaria... o Celso me interrompe: \_Que antecedentes criminais, o que? Vai ser gente da comunidade, eu já escolhi os doze... todo mundo já tem passagem no sistema...

\*\*\*

(...) chama especial atenção a famosa Sofia Bliuvchtein – a Mãozinha de Ouro, condenada a três anos de trabalhos forçados por ter fugido da Sibéria. É uma mulher pequena, magrinha, que já começa a ficar grisalha; tem rosto de velha. Nos punhos, algemas; sobre a sua tarimba apenas um casaco cinza grosseiro, de pele de ovelha, que lhe serve de agasalho e colchão. Ela anda pela cela de um canto a outro, e parece que todo o tempo fareja o ar, como um rato

na ratoeira, e a expressão do seu rosto é a de um rato. Olhamos para ela e costumamos acreditar que há pouco tempo era bonita a ponto de encantar os guardas da prisão, como, por exemplo, em Smolensk, onde o carcereiro a ajudou a fugir e ele próprio foi junto<sup>73</sup>.

\*\*\*

... já foi preso(a), mas já pagou! O único que não tem é um “sinhorzinho” que eu atropeliei... ele já “tá” bom e vou ajudar ele... esquece estes documentos... só toma conta deles... não deixa fumar maconha quando estiver na ronda... não quero caminhão entrando correndo aqui... devagar por causa da “molecada”... é “prá” eles olharem meus materiais no pátio, entendeu?...se tiver algum problema, me chama no rádio... (todos se levantam, apertam as mãos...eu apertei aquelas que se dirigiram mim, inclusive a do Celso...).

O Gerente me diz: \_ Bem-vindo ao Sambaiatuba.



Fig. 20: Parque Ambiental Sambaiatuba (letreiro no talude)

Fonte: Google imagens

\*\*\*

Um animal de território seria aquele que dirige sua agressividade contra outros membros de sua espécie; o que dá à espécie a vantagem seletiva de se repartir num espaço onde cada um, indivíduo ou grupo, possui seu próprio lugar. Essa tese ambígua, com ressonâncias políticas perigosas, parece-nos mal fundada. É evidente que a função agressiva toma um novo aspecto quando se torna intra-específica. Mas essa reorganização da função supõe o território, e não o explica. No seio do território, há inúmeras reorganizações, que afetam tanto a sexualidade, como a caça, etc; há até mesmo novas funções, como construir

---

<sup>73</sup> TCHÉKHOV, Anton. Sobranie Sotchinieni [Obras reunidas]. Moscou: Khudojestvennaia Literatura, 1963.

um domicílio. Mas essas funções só são organizadas ou criadas enquanto *territorializadas*, e não o inverso. O fator T, fator territorializante, deve ser buscado em outro lugar: precisamente no devir-expressivo do ritmo ou da melodia, isto é, na emergência de qualidades próprias (cor, odor, som, silhueta...) <sup>74</sup>

---

<sup>74</sup> DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs, Capitalismo e Esquizofrenia, vol. IV, página 119.** Tradução Aurélio Guerra Neto, Ana Lúcia de Oliveira, Lúcia Cláudia Leão e Suely Rolnik. Coordenação da tradução Ana Lúcia de Oliveira. Editora 34. 1 a Edição 1997.

## 7. PARA NÃO SER EMBAIXADOR DE UMA SAÚDE TRISTE E ASSÉPTICA: ODE AOS RATOS.

“Hofmannsthal”<sup>75</sup> (que se dá um pseudônimo inglês) já não pode escrever quando vê a agonia de um monte de ratos, pois sente que é nele que **a alma do animal mostra os dentes**. Um belo filme inglês, Willard, apresenta o irresistível devir-rato do herói, que se agarrava, entretanto, à cada ocasião de humanidade, mas se encontrava levado nessa conjugação fatal. Tantos silêncios e tantos suicídios de escritores devem ser explicados por essas **núpcias contra natureza**, essas participações contra natureza. Ser traidor de seu próprio reino, ser traidor de seu sexo, de sua classe, de sua maioria – que outra razão para escrever? E ser traidor da escritura”.<sup>76</sup>

\*\*\*

Um dia como outro qualquer e chego ao escritório, no meio do lixo, ou melhor, suspenso a 17 metros de altura, pensando como será o dia. Logo na entrada, o Sérgio (Boca), um velho conhecido, da comunidade das favelas, mais precisamente do México 70 (uma outra favela de São Vicente), hoje urbanizada em grande parte. Ele está concentrado em seus estudos, no CESIN, pois pretende acabar o segundo grau, com seus 48 anos... se esforça, tem muitas dificuldades...é usuário do NAPS (Núcleo de Assistência Psicossocial), entretanto é um dos que mais **presto a atenção** (e sei que ele presta em mim também).

\*\*\*

Disse que presto atenção, e, não se trata de uma relação assistencial ou de “empreiteirar” sua vida. Novamente um jogo mais animal que humanista?

\*\*\*

“É frequente certa “impetuosidade humanista e personalista [que] advém da necessidade em reagir; a ideia de uma meta traçada antes de estar diante de alguém. A tentação em empreitar a vida do outro, em fazer dela um grande projeto faz o pensamento restringir-se às finalidades dos gestos depois de terem sido feitos, ignorando que quaisquer conclusões que levem a certos gestos em relação a outrem, mesmo diante dele, são provisórias e insuficientes, quando não equivocadas. **Não fazer nada. Simplesmente estar com alguém e estranhá-lo**. É um grande desafio para os que trabalham na clínica: atuar no deslizamento das superfícies [...] as empreitadas, essas alavancas vorazes que muitas vezes nos autorizamos acionar em relação à vida alheia, está referida em quê valores? Talvez haja uma briga com a ambivalência de não

---

<sup>75</sup> Hugo Laurenz August Hofmann, Edler **von Hofmannsthal** (Viena, 1 de fevereiro de 1874 — Rodaun, perto de Viena, 15 de julho de 1929), foi um escritor e dramaturgo austríaco e um dos instituidores do Festival de Salzburgo.

<sup>76</sup> DELEUZE, Gilles, PARNET, Claire. Diálogos. Editora Escuta, São Paulo P. 36 e 37 Grifos meus.

fazer nada e de nada fazer, **entre o desejo de melhorar outrem e a percepção e a vontade de acompanhar sua estranheza.**<sup>77</sup>

\*\*\*

Ele, além de usuário (ou cliente), faz parte do Conselho municipal de saúde e, do jeito dele, opina, defende sua posição... sem brigar com ninguém...conhece todos, fala com todos. Aliás, tem uma memória para algumas coisas, impressionante... sabe a chapa de meu veículo e de muitos outros, decora fisionomia e nome de qualquer pessoa que tiver contato.

Segundo diz, teve problemas em sua adolescência pelo uso contínuo de seladora, uma substância para tratamento de móveis de madeira, portas e guarnições, sem o uso de equipamento de proteção individual. Até hoje fala disso:

\_ Fábio, me mandaram embora de um serviço porque eu lustrei e dei cor em uma porta... a dona não gostou!

\_ Por que? Pergunto eu.

\_ É que eu mudei a cor ... ficou melhor a que eu escolhi... ela queria muito clara mas não ia ficar bom... ela não sabe combinar.

\_ Mas Sérgio, a porta é dela...

\_ Ela não gostou, mas não ia ficar bom...

Tenho dificuldade de entender sua lógica, mas, nem tento discutir pois sei que está convencido. Os assuntos são todos misturados...

\*\*\*

Pensei nesses assuntos, para mim, misturados. Talvez eles preservem outros tempos, modos de vida, andar por eles pode me fazer menos “embaixador de uma saúde triste e asséptica”.

\*\*\*

(...) a possibilidade de uma temporalidade diferenciada, onde a lentidão não seja impotência, onde a diferença de ritmos não seja disritmia, onde os movimentos não ganhem sentido apenas pelo seu desfecho. Pense-se nos balineses, por exemplo, para quem as discussões começam e bruscamente se esfumam. Os assuntos não são levados a uma decisão final. Espetáculos artísticos começam, continuam, param e recomeçam. Os rituais às vezes consistem mais na preparação e limpeza do que no ato propriamente dito. Uma espécie de anticlímax cotidiano, que nós também sentimos no contato com os psicóticos. Do

---

<sup>77</sup> INFORSATO, E. A. Desobramento: constelações clínicas e políticas do comum. Tese (Doutorado). 217f. Programa de Pós-Graduação em Educação, Linha de Pesquisa Filosofia e Educação, da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo - FEUSP, São Paulo, 2010.p. 144 e 55.

mesmo modo, pode-se evocar este tempo muito distante do tempo do relógio, um tempo não espacializado, mais próximo da duração bergsoniana, com instantes que não são pontos numa sequência de pontos formando uma linha reta do tempo, porém instantes intensivos, gordos (...)<sup>78</sup>

\*\*\*

\_ Fábio, minha irmã ligou da Alemanha (ele tem uma irmã, casado com um alemão, Harold, e vive lá) e disse que vai mandar dinheiro para mim... em dólar... ela manda na carta... para minha mãe e minha vó também...

\_ Que bom Sérgio, que bom... (neste momento, percebo que não conseguirei fazer mais nada pois onde eu for, ele irá).

\_ *Ich lieb dich...*

\_ Que quer dizer isto? pergunto...

\_ Eu te amo... eu falo isso “prá” minha psicóloga, Maria Aparecida... eu falei que quero fazer amor com ela... namorar.

O Sérgio é apaixonado pelas psicólogas, pelo menos diz isso pois quando fala que passou por uma, associa a sexo, namoro, amor...já não é a primeira, nem a segunda vez que escuto isso dele ... tem sido frequente.

\_ Minha vó passou mal (continua) e eu levei ela no postinho... não consegue andar direito e eu levo ela no carrinho de pedreiro. Ela passou na consulta com o médico... essa semana o médico foi...

Fico imaginando ele levando a vó em um carrinho de mão, numa rua sem asfalto, de uma viela... fico constrangido por não ter o que falar...e também sou jogado em um silêncio... não me expressar me dava tempo para só permanecer na vizinhança dele.

\*\*\*

“O problema não é mais fazer com que as pessoas se exprimam, mas arranjar-lhes vacúolos de solidão e de silêncio a partir dos quais elas teriam, enfim, algo a dizer. As forças repressivas não impedem as pessoas de se exprimirem, ao contrário, elas as forçam a se exprimir. Suavidade de não ter nada a dizer, direito de não ter nada a dizer; pois é a condição para que se forme algo raro ou rarefeito, que merecesse um pouco ser dito”<sup>79</sup>.

\*\*\*

---

<sup>78</sup> PELBART, Peter Pál, A Nau do Tempo-RRR -7 Ensaios sobre o Tempo da Loucura, Rio de Janeiro: Imago, 1993. P .40 e 41

<sup>79</sup> Deleuze Gilles. Conversações, Trad. Br. de Peter PálPelbart, São Paulo, Ed. 34, 1992, p. 162



\_ Eu levei ela cedo, levantei, tomei café, comi a metade de um pão, tomei banho frio... só tomo banho frio... amarrei o sapato... sapato não, tênis, não tenho sapato.

\_ Faz bem para a saúde...disse (o banho frio).

Ele responde: \_ Não tem chuveiro quente em casa... dá choque também ... nunca tive chuveiro quente... gasta luz...

Uma moça passa, pergunta sobre as aulas de computação na comunidade...

\_ Por favor, bata nesta porta e veja se o pessoal está aí, respondo.

Ela bate, nada... digo: \_Por favor, volte depois, o pessoal da cooperativa ainda não chegou.

\_ Oh, **da minha cor**, ei você, **da minha raça!** ele chama a moça.

\_ Você quer aprender computação?

A moça não responde... ele pergunta de uma maneira incisiva que, às vezes, para quem não conhece, assusta ou ofende... mas é inofensivo... honesto, cheio daquilo que dito como bons valores... não suporta drogas, bebidas alcoólicas...mas com muitas manias... uma delas é perguntar sobre o estado de saúde de alguém que acaba de conhecer, ou mesmo velhos conhecidos: \_ Bom dia, como vai seu pâncreas? Seu baço está bom? Acredito que aprendeu os nomes e funções de órgãos e sistemas no supletivo (CESIM) e usa-os... fica bastante peculiar quando ele aperta a mão de alguém e pergunta: \_ Como vai seu estômago? Nestes meses, isto tem sido frequente.

\*\*\*

Precisamente enquanto projetado para o exterior numa forma nunca antes experimentada, o homem moderno necessita de uma série de aparatos imunitários destinados a proteger completamente uma vida que, pela secularização das referências religiosas, está completamente entregue a "si mesma". É então que as categorias políticas modernas como a de ordem e também a de liberdade assumem um sentido que as impele cada vez mais até às exigências de segurança. A liberdade, por exemplo, deixa de ser entendida como participação na direção política da polis, para converter-se em termos de segurança pessoal ao largo de uma deriva que chega até nós: é livre aquele que pode mover-se sem temer por sua vida e por seus bens. Vivemos numa sociedade em que emergem muitos fenômenos marcados pelo paradigma imunitário. Se a *communitas* é o que liga os seus membros num compromisso donativo mútuo, a *immunitas*, ao contrário, é o que os livra desse encargo, que os exonera desse ônus. Enquanto a comunidade refere-se a algo geral e aberto, a imunidade, ou

imunização, refere-se à particularidade privilegiada de uma situação definida pela sua exclusão a uma condição comum.<sup>80</sup>

\*\*\*

Outra de suas manias vem de gostar de música e, logo que o conheci, falei que ele poderia ser baterista, por achar que tem ritmo. Percebi, depois, que não respeita o tempo do cronômetro ... sua divisão de tempo é assíncrona, por vezes... tempos fortes e tempos fracos se alternam, sem muita lógica... 2/4, 3/4, 4/4... sua fala também segue padrões diferentes, se associarmos ao andamento de seu compasso interno... o discurso vai de *larghissimo* a *adagio*... de *vivace* a *presto*... ritmo, compasso e volume, sem a preocupação de se fazer entender perfeitamente...

\*\*\*

Talvez habite tempos trágicos em que não há ordenação lógica nem cronológica; ao contrário, um vazio de toda ordenação; e, propriamente falando, o disperso<sup>81</sup>.

\*\*\*

Entretanto, qualquer coisa que faço para ele, responde: \_ Eu é que fico com vergonha de não tocar bateria... e nem arrumei emprego....

Ele continua, agora, arrumando os seus papéis para fazer a lição... é frequente que ratos e ratazanas passem durante o dia, o que é sinal de alta infestação, já que os roedores têm hábitos noturnos... passa uma ratazana, reconhecida pelo formato das orelhas e pela sua cauda mais curta... treinei os funcionários da CODESAVI, lotados no Sambaiatuba, para executarem a desratização. Um treinamento de 20 horas, teóricas e práticas... o Sérgio viu o treinamento, sempre atento, nos acompanhava e perguntava... mais um roedor sai de um monte de entulho e se embrenha em outro...

Sérgio retira preservativos da bolsa, vários e me diz: \_ Estou com impotência sexual... falei para minha psicóloga...

\_ É impressão sua Sérgio...digo...\_ fique tranquilo.

\_ Não, estou sim, ele responde...

---

<sup>80</sup> ESPOSITO, Roberto. Biopolítica e Filosofia, trad. Edgardo Castro, Buenos Aires: Grama Ediciones, 2006. Trata-se de trechos da exposição feita pelo autor na Cidade de Buenos Aires, no dia 25 de setembro de 2006, por ocasião de sua visita à Argentina.

<sup>81</sup> PELBART, Peter Pál. In: A Vertigem por um Fio: Políticas da Subjetividade Contemporânea. São Paulo: Iluminuras/FAPESP, 2000. p 135

- \_ Minha irmã mais velha morreu de AIDS... faz tempo...
- \_ Que coisa, digo (não sei o que falar, dada as misturas).
- \_ Minha mãe pega no meu pé, eu digo, mãe, eu tenho 46 anos, quero namorar... não conheço meu pai...um baiano safado...
- \_ Minha mãe fala: SÉRGIO, respeito!

Sérgio finalmente se acomoda, acaba de retirar seus papéis, da mochila e pega uma caneta... quieto, permanece por minutos, ou talvez uma hora, quieto (isto é raro), sem falar, concentrado.

... Ele para, de repente e me entrega a folha, dizendo ser um poema ou a letra de uma música... leio mais de uma vez, entendo o teor mas tenho dificuldade de saber exatamente o que quer...

\*\*\*

Algo de um devir-rato, um delírio geográfico-político, como saber?

\*\*\*

"Devir é nunca imitar, nem fazer como, nem se conformar a um modelo, seja de justiça ou de verdade. Não há um termo do qual se parta, nem um ao qual se chegue ou ao qual se deva chegar. Tampouco dois termos intercambiantes. A pergunta 'o que você devém?' é particularmente estúpida. Pois à medida que alguém se transforma, aquilo em que ele se transforma muda tanto quanto ele próprio. Os devires não são fenômenos de imitação, nem de assimilação, mas de dupla captura, de evolução não paralela, de núpcias entre dois reinos<sup>82</sup>."

\*\*\*

#### *Rato, ratão, ratazana*

*Ele é assassino aparece transmite-se ele perigoso fiquei durante na madrugada atrás dele cabo de vassoura eu via simplesmente andando ele sente seu cheiro humano vai correndo ao direto esgoto.*

*Sonhei estava no verdadeiro México passaporte entrada permite-se entrada na América do Norte Estados Unidos. Brasil continua sendo uns piores paiz da pobreza, pereferia, bairro, favela em São Vicente tem vinte duas Favelas precárias situações horrorosa.*

*Embora ao outro rumo certo rato e ratazana são assassinos, trata-se, cuide-se saúde em primeiro lugar.*

*Ele é simplesmente ele tem 30 ou 50 centímetro de comprimento ratão ou ratazana ele são assassinos espalha urina sem você ver se você perceber doença leptospirose aparece sem nota. Ele aparece em qualquer hora.*

*Vá procurar seja antensiosamente compreenda significa direito seu e de cada um cidadania área de saúde.*

---

<sup>82</sup> DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. **Diálogos**. Editora Escuta. 1998. São Paulo. Página 3

*Eu muito menos nem sabia, frequentei através determinação dignidade e força de vontade principalmente informações. Através da capacidade e perseverancia juntos com os belos profissionais na área de saúde e tão esquecida trabalhei com dignidade e satisfação que nem sempre as conquista são barbaridade dinheiro sujo.*

*Através da capacidade e perseverancia juntos com os belos profissionais na área de saúde é tão esquecida trabalhei com dignidade e satisfação, que nem sempre as conquista são barbaridade dinheiro sujo.*

*Seres humanos e irracionais o salários são muitos agressivos ainda neste paiz nos veremos.*

*Muito menos nem sabia, o que é saneamento básico esgoto céu aberto ezezir direito cidadania. Os saneamentos baxicos mínimo ainda é o salário agrevissidade de salário mínimo.*

*Rato assassino ele é rápido corre passa corrente elétrico, ratazana é a mais perigosa causa curto circuito ela roe os fios elétricos causa pânico fogo em qualquer canto casa, apartamento, sobrados ou casa velha.*

\*\*\*

Ele pergunta: Tá certo? Foi isso que você disse na aula?

Ofereço um copo de refrigerante para ele, antes de responder... ele diz:

\_ Meu refrigerante preferido é Fanta, gosto mais de Fanta...

\_ Só tenho guaraná, respondo...

\_ Eu tomo, mas prefiro Fanta... laranja, não uva, laranja...

\_ Você pode me ajudar, fale mais sobre o rato ou a ratazana...ele diz

Continuo falando, os mesmos termos técnicos que fizeram parte do treinamento... e ele anotando... do jeito dele.

Me entrega, de novo, o mesmo papel, com um final...

\*\*\*

*Ele nada 800 metros, prende respiração por três minutos ou menos.*

*Possuí pelos tates e memória oufativa e degustativa.*

*Ass.: Sérgio, Antonio Carlos e Fábio.*

\*\*\*

*Rato de rua*

*Irrequieta criatura*

*Tribo em frenética*

*proliferação*

*Lúbrico, libidinoso transeunte*

*Boca de estômago*

*Atrás do seu quinhão*

*Vão aos magotes*

*A dar com um pau*

*Levando o terror*

*Do parking ao living*

*Do shopping center ao léu*

*Do cano de esgoto*

*Rato de rua*

*Aborígene do lodo*

*Fuça gelada*

*Couraça de sabão*

*Quase risonho*

*Profanador de tumba*

*Sobrevivente*

*À chacina e à lei do cão*

*Saqueador da metrópole*

*Tenaz roedor*

*De toda esperança*

*Estuporador da ilusão*

*Ó meu semelhante*

*Rato*

*Rato que rói a roupa*

*Que rói a rapa do rei do morro*

*Que rói a roda do carro*

*Que rói o carro, que rói o ferro*

*Que rói o barro, rói o morro*

*Rato que rói o rato*

*Ra-rato, ra-rato*

*Roto que ri do roto*

*Que rói o farrapo*

*Do esfarra-rapado*

*Que mete a ripa, arranca rabo*

*Rato ruim*

*Pro topo do arranha-céu*

*Filho de Deus, meu irmão*

*Rato que rói a rosa  
Rói o riso da moça  
E ruma rua arriba  
Em sua rota de rato<sup>83</sup>*

\*\*\*

Me diz: \_ Coloquei a letra em nosso nome, meu, do nosso amigo Antonio Carlos e seu. Pode ser de nós três.

Concordei, pensando em tudo aquilo para ele, os roedores, a miséria, a falta de saneamento, e, principalmente, uma grande saúde.

\*\*\*

Com todas essas misturas, algo nele parece ser de uma abertura ao mundo e à multiplicidade de forças que o compõem e decompõem – que Nietzsche talvez chamasse de grande saúde –, e, isso não está dada de antemão. É necessário produzi-la.

\*\*\*

Algo do que vivemos juntos pode ecoar com o que escreveu Nietzsche no Prólogo de *Humano Demasiado Humano*, Prólogo §4. (...) *Desse isolamento doentio, do deserto desses anos de experimento, é ainda longo o caminho até a enorme e transbordante certeza e saúde, que não pode dispensar a própria doença como meio e anzol para o conhecimento, até a madura liberdade do espírito, que é também autodomínio e disciplina do coração e permite o acesso a modos de pensar numerosos e contrários - até a amplidão e refinamento interior que vem da abundância, que exclui o perigo de que o espírito porventura se perca e se apaixone pelos próprios caminhos e fique inebriado em algum canto; até o excesso de forças plásticas, curativas, reconstrutoras e restauradoras, que é precisamente a marca da grande saúde, o excesso que dá ao espírito livre o perigoso privilégio de poder viver por experiência e oferecer-se à aventura: o privilégio de mestre do espírito livre! No entremeio podem estar longos anos de convalescença, anos plenos de transformações multicores, dolorosamente mágicas, dominadas e conduzidas por uma tenaz vontade de saúde, que frequentemente ousa vestir-se e travestir-se de saúde. Há um estado intermediário, de que um homem com esse destino não se lembrará depois sem emoção: uma pálida, refinada felicidade de luz e sol que lhe é peculiar, uma sensação de liberdade de pássaro, de horizonte e altivez de pássaro, um terceiro termo, no qual curiosidade e suave desprezo se uniram.*<sup>84</sup>

\*\*\*

[...]“desses anos de experimento, é ainda longo o caminho até a enorme e transbordante “certeza” e saúde, que não pode dispensar a própria doença como meio e anzol para o

---

<sup>83</sup> BUARQUE, Chico. "Ode Aos Ratos" Cd: Carioca. 2006

<sup>84</sup> NIETZSCHE, Friedrich. Prólogo de "Humano, demasiado humano"; 2000 - escrito em 1886. Tradução de Paulo César de Souza. Disponível em: <http://www.ufscar.br/~revistaolhar/pdf/olhar3/08nietzsche.pdf>

conhecimento, (...) até a amplidão e refinamento interior que vem da abundância, (...) até o excesso de forças plásticas (...) que é precisamente a marca da grande saúde".<sup>85</sup>

\*\*\*

Deu-se uma relação de cuidado mútuo e não era uma promessa de pureza e utopia biotecnocrática, espero. Deram-se pequenos gestos que apesar da tentação crescente, não aceitou o papel exclusivo de "operários da saúde", assumindo os riscos e "sujidades" dos encontros. Embora a impotência me ronde, todas as vezes que converso, principalmente, com ele, percebo aos poucos que não necessita tanto daquilo eu trago... num discurso pronto e acadêmico... obnubilado por tudo que enxergo e pensei não ser possível (incompatível com a vida).

\*\*\*

Embora tenha encontrado muita pobreza, condições precárias, falta de clareza em algumas situações, também admito que encontrei vontade de viver e não mortos-vivos. Mesmo com todas as dificuldades que pude aferir com minha percepção, encontrei pessoas que tinham alegria, espírito livre, menos medo (ou medos diferentes. Com um fragmento do texto de PELBART (2006), permito-me refletir sobre a saúde que tinha trazido, em meu arcabouço de leis, truques e convicções e aquilo que encontrei:

*É preciso começar pelo mais extremo -o "muçulmano". Retomo brevemente à descrição feita por Giorgio Agamben a respeito daqueles que, nos campos de concentração, recebiam essa designação terminal. O "muçulmano" era o cadáver ambulante, uma reunião de funções físicas nos seus últimos sobressaltos. Era o morto-vivo, o homem-múmia, o homem-concha. Encurvado sobre si, esse ser bestificado e sem vontade tinha o olhar opaco, a expressão indiferente, a pele cinza pálida, fina e dura como papel, já começando a descascar, a respiração lenta, a fala muito baixa, e feita a um grande custo...O "muçulmano" era o detido que havia desistido, indiferente a tudo que o rodeava, exausto demais para compreender aquilo que o esperava em breve, a morte. Essa vida não humana já estava excessivamente esvaziada para que pudesse sequer sofrer. Por que os detidos dos campos chamavam de "muçulmano" aqueles que tinham desistido de viver, já que se tratava sobretudo de judeus? Porque entregava sua vida ao destino, conforme a imagem simplória, preconceituosa e certamente equivocada de um suposto fatalismo islâmico: o "muslim" seria aquele que se submete sem reserva à vontade divina. Em todo caso, quando a vida é reduzida ao contorno de uma mera silhueta, como diziam os nazistas ao referir-se aos prisioneiros, chamando-os de "Figuren", figuras, manequins, aparece a perversão de um poder que não elimina o corpo, mas o mantém numa zona intermediária entre a vida e a morte, entre o humano e o inumano: o sobrevivente. O biopoder contemporâneo, conclui Agamben, reduz a vida à sobrevivência biológica, produz sobreviventes.*<sup>86</sup>

---

<sup>85</sup> NIETZSCHE, Friedrich. Obras Incompletas. Seleção de textos de Gérard Lebrun. Tradução e notas de Rubens Rodrigues Torres Filho. Posfácio de Antônio Cândido.1999, Editora Nova Cultura São Paulo- SP. p. 66

<sup>86</sup> PELBART, Peter Pál. **Vida nua, vida besta, uma vida**. Em obras trópico/documenta. 2006. Disponível em: <http://p.php.uol.com.br/tropico/html/textos/2792,1.shl>. Este texto foi escrito a partir de palestra apresentada por ocasião do Festival Alcantara, em Lisboa, no contexto dos encontros propostos pela dançarina Vera Mantero, no Teatro São Luiz, em junho de 2006.

## 8. O OCASO DA INTERIORIDADE - FELICIDADE: UM POUCO DO SOL QUE RESTA

Um mestre Zen e um discípulo. O discípulo perguntava ao mestre: - mestre, o que devo fazer para ser feliz? E o mestre pensa e responde: - “Isso eu não sei, mas lhe digo uma coisa: seja feliz e faça o que você tem vontade, faça o que você quer”. Quer dizer, a questão da felicidade, para Nietzsche, não é uma boa questão, a felicidade é sempre uma coisa que é prometida, e prometida no fim. A questão da felicidade não é uma boa questão, porque quando você pergunta a alguém, ao mestre ou a outra pessoa: “O que devo fazer para ser feliz? “Uma coisa eu posso saber de você, é que você é infeliz”; está querendo ser feliz, então, você está começando mal, já está começando da infelicidade, do negativo e quer chegar lá. Então interessa inverter: “seja feliz”, quer dizer, não é uma coisa que você deve almejar você já deve partir daquele princípio.

Roberto Machado<sup>87</sup>



Fig. 21: Tênis “degradado” na área de taludes (Sambaituba)  
Fonte: Arquivo pessoal

É quase hora do almoço, de um dia muito atarefado... calor, moscas, mau cheiro, falta de água... o de sempre. Como as salas foram construídas em terreno instável (asfalto em cima de lixo, numa pilha de 17 metros), os dutos de condução de água são mangueiras... devem ser flexíveis... parece que a rigidez não tem vez neste lugar... poucas regras. Enfim, continuo meu trabalho,

---

<sup>87</sup> Felicidade Nietzsche. Publicado no Laboratório de sensibilidades. Disponível em: <https://laboratoriodesensibilidades.wordpress.com/2012/02/24/felicidade-nietzsche/>

também fragmentado, resolvendo problemas de roubo de fios de telefonia, cavalos soltos no Parque, excesso de baratas (*Blatella germanica*) na cozinha de panificação, funcionários que usam glifosato (mata-mato) sem o equipamento de proteção, discussões por pequenas coisas como o espaço na esteira de transporte dos recicláveis ou um objeto qualquer achado no lixo...

\*\*\*

Estas lembranças sempre são uma mistura de sentimentos: “superação” (?), angustia, às vezes são sofridas... amargura-me um pouco lembrar cada dia com eles e, que ainda estão lá...

\*\*\*

No meio dos afazeres, entra na sala um rapaz, que me conhece há muito tempo, o Deco... vive da catação, que diz ser só um “bico”, pois tem profissão: conserta guarda chovas na feira... vive desta habilidade há muito tempo. Arruma ou substitui as varetas, costura o pano, recoloca ponteira, de dois ou três, faz um inteiro... Bem, ele entra na sala pedindo... sem cerimônia...  
\_Oi Fábio, e aí? Deixa eu te falar, sei que você calça 40 então me arruma um chinelo, um sapato, qualquer coisa... arruma?

Não me lembro, em outro momento da vida, de alguém, sem cerimônias, e sem contexto, me pedir um calçado... antes que pudesse responder, ele disse: \_ Sei que você calça 40, já vi teu tênis... hoje é meu aniversário... comecei cedo... bebi, já fumei e cheirei... não posso chegar em casa sem sapato... dei meu tênis “prá” um cara... ele fedia, cheirava à merda... fiquei com pena, falei: irmão, pega meu tênis... o cara “tava” **pioor que a gente (ele me inclui na história).**

Continua: \_ Eu “tava” louco nessa hora, o cara “colou” em mim, pedindo dinheiro... eu não tinha mais, mas ele “tava” descalço... o pé sujo e machucado... perguntei, quer meu tênis... ele disse: \_Quero! aí eu dei... Agora tô pensando, já tinha prometido “prá” minha mulher que não ia mais aprontar, mas é meu aniversário... não dava “prá” não fazer... ela já me colocou fora de casa, não deixava eu ver minha filha... ela me conheceu na doideira, também era como eu, mas parou de vez... depois que minha filha nasceu, ela parou.... agora não posso chegar em casa sem o tênis... ela vai saber que eu me endoidei... você me arruma um chinelo... ou um sapato?

\*\*\*



Foi difícil argumentar dentro deste contexto... eles, os catadores, parecem ter esta habilidade (ou a inabilidade de lidar com isso é minha), de pedir as coisas com argumentos absurdos, mas dentro do contexto deles, tornam-se muito justificáveis...

\*\*\*

Pedi que aguardasse um pouco, que viria o que posso fazer. Tinha a esperança que ele mesmo desse um jeito ou esquecesse o que me pediu... em vão, ele encostou no batente da porta de saída do escritório e disse: \_ Tá bom, eu espero... para cada um que entrava na sala ele contava a mesma história, enfatizando a condição do outro, que recebeu seu tênis, o qual ele dizia estar velho, rasgado, mas o outro nem chinelo tinha... ele falava e olhava para mim... \_ O cara “tava” todo sujo, dei meu tênis “prá” ele, agora o Fábio vai arrumar um chinelo para mim... ou sapato!

Percebi que não tinha jeito... resolvi ir até o meu carro, que está sempre cheio de coisas de serviço da Prefeitura e da Universidade... ele fala:

\_Eu vou contigo até lá, se você tiver o chinelo, eu já saio de lá do pátio... tenho que ir para casa... (não tinha jeito de demovê-lo da ideia e acho que temia que eu fosse embora).

Caminhamos o pátio todo, com aquele calor que amolece o piche do asfalto, poças com chorume borbulhando, urubus e seus passos desajeitados, crianças e cachorros, pipas no ar, carretas cheias de lixo transbordando e vazando líquido malcheiroso pelas frestas da caçamba, risadas e gritos de muitos timbres diferentes, pessoas com andar arrastado de cansaço indo e vindo, mas, mesmo que vão, sempre voltam...

Abri o carro, nada que pudesse lhe oferecer para calçar, abri o portamalas e, entre as coisas estava uma caixa de papelão, com um tênis que havia ganho... um tênis bem simples, com sola plástica fina, branco com listras azuis, ainda sem o cadarço transpassado nos furos e com o papel manteiga dentro dele, para manter o formato...ele viu... pensei: tudo bem, tenho outros, nunca usei, nem lembrava dele, vou dar-lhe de presente.

Fechei a caixa e entreguei-lhe o volume... ele pergunta: \_ É 40? Calço 40? Antes que eu respondesse, abre a caixa, retira o tênis, senta no chão do pátio, ao lado da pouca sombra que o carro faz e calça os dois pés... primeiro calça, depois começa a passar o cadarço, como que quisesse garantir o presente não tirando-lhe dos pés...

\_ Gostou? Pergunto. \_ Claro, ele diz. Não ganho muito presente... valeu... agora posso ir “prá” casa. Com o cadarço desigual, amarrado com um nó apertado e desajeitado ele pisa, de pé, para testar o tênis... esboça um sorriso... me olha: \_ A gente não leva nada desta vida... o cara “tava” pior que eu e que você, ai ajudei ele.. e você me ajudou agora.. Ele continua: \_ Te garanto que não vou passar ele no prato (depois aprendi que era trocar por cocaína)... vou usar até rasgar... apertou minha mão e foi pisando, olhando para o tênis, com a alegria de uma criança que acabou de abrir o presente que estava debaixo da árvore... me senti bem, misturando a sensação de que sou bom, desapegado de bens materiais, e que tive uma boa educação... acho que lhe dei o tênis e ele me deu esta sensação... fui para o outro lado, naquele momento, convencido de que mudo a vida das pessoas de lá (mas, acho que não, mudei mais a minha que a deles).

\*\*\*

*“A escravidão permanecerá por muito tempo como a característica nacional do Brasil. Ela espalhou por nossas vastas solidões uma grande suavidade; seu contato foi a primeira forma que recebeu a natureza virgem do país, e foi a que ele guardou; ela povoou-o como se fosse uma religião natural e viva, com os seus mitos, suas legendas, seus encantamentos; insuflou-lhe sua alma infantil, suas tristezas sem pesar, suas lágrimas sem amargor, seu silêncio sem concentração, suas alegrias sem causa, sua felicidade sem dia seguinte...É ela o suspiro indefinível que exalam ao luar as nossas noites do norte.”<sup>88</sup>*

\*\*\*

Chamou-me a atenção este trecho de Caetano Veloso, onde diz: *...suas tristezas sem pesar, suas lágrimas sem amargor, seu silêncio sem concentração, suas alegrias sem causa, sua felicidade sem dia seguinte...* Lembra-me o dia a dia dos catadores... que não reclamam...a hora do café... os sorrisos em cima da pilha de lixo... as histórias da infância, comendo embutidos vencidos cozidos na fogueira de gás metano... e tinha alegria, sempre... ele dizem isto ... nas gravações do grupo focal... isto tudo ainda me surpreende.

\*\*\*

O dia transcorreu normalmente, embora alguns viessem me perguntar se dei o tênis para o Deco... respondia sem muita ênfase, achando que me

---

<sup>88</sup> VELOSO, Caetano. Música sobre texto de Joaquim Nabuco: Noites do Norte, do CD homônimo (2000).

pediriam um também... a esta altura ele estava em casa, contando uma história para sua mulher, justificando ter saído com um tênis e voltado com outro...

\*\*\*

Os dias passam e, por vezes, sinto-me como um monturo de lixo, daqueles que vêm em caminhões com coisas de supermercado ou metal, ou seja, aquilo que é possível aproveitar... eles me vêm como alguma coisa que chega, todos os dias, que pode trazer algo de fora... notícias, melhorias, histórias, inseticida e raticida, informações... eles “catam” tudo me escalando ou me cavando, sem medo, culpa e às vezes, sem pedir licença... isto me incomodava muito, mas depois percebi que é a maneira como se defendem, se relacionam... não tem nada a ver comigo, mas com eles. Fui para minhas aulas na Universidade, sempre ao cair da tarde, vendo os urubus de asas abertas e o cinza do pátio de transbordo, salpicado pelas pessoas em cima da pilha de lixo, visto do espelho do retrovisor do carro... no caminho, o cheiro melhora, diminuem as moscas, começa o asfalto, diminuem os buracos... Uma das maneiras, já antigas que achei de lidar com minhas impressões e emoções, foi a de escrever músicas... a minha maneira de me “defender” daquilo que é grande demais para mim, que não dou conta, ou que não compreendo...

\*\*\*

(...) por que existem literatos com saúde fraca? São os mesmos pelos quais passa uma enxurrada de vida. É justamente por isso. Em relação à saúde fraca de Spinoza ou à de Lawrence, o que os unia? (...) eles viram alguma coisa grande demais para eles. Eram visionários. Viram algo grande demais e não foram capazes de suportá-lo. Deixou-os arrasados<sup>89</sup>.

\*\*\*\*

É bem, talvez um pouco essa seja a tarefa atual de pensar. Hoje a humanidade se sente como se tivesse introduzido dentro de si mesma uma quantidade de intrusos, por exemplo: os organismos modificados geneticamente. Tudo o que nos agrava desde o interior da nossa própria civilização e cultura, então como podemos fazer? É necessário entender que não seria

---

<sup>89</sup> DELEUZE, G. L de Literatura. In: DELEUZE, G. L'Abecedaire de Gilles Deleuze. Entrevista concedida à Claire PARNET, realizada em 1988 e transmitida em série televisiva a partir de novembro de 1995, pela TV-ARTE, Paris. 2008. Disponível em <http://www.oestrageiro.net/esquizoanalise/67-o-abecedario-de-gilles-deleuze>. Acesso em: 30 mar de 2015.

o fim da humanidade, como podemos gerar imunidade mais frágil? Para poder suportar esses intrusos que estamos injetando permanentemente<sup>90</sup>?

\*\*\*

Como uma invasão, enxurrada, às vezes, primeiro a harmonia, ou a melodia, mas, desta vez, comecei lembrando do Deco, de sua história e do que poderia tirar de tudo aquilo, que ainda não estava acomodado em mim...comecei pela letra... insistia nas rimas, sem quere perder a veracidade-força da história... resolvi chama-lo de Zé Louco, pois queria perguntar para mim mesmo se Deus é louco... achei uma forma... fiquei satisfeito... Eis meus escritos, transformados em música:

\*\*\*

### **Mazela**

*Bm Cmaj7*

*O buraco no asfalto, a bolha do dedo, o teu*

*Bm Cmaj7*

*Eu sozinho e tu, Zé Louco, abraçado com Morfeu*

*C#º Eº Bm*

*Tu me chamas, eu te atendo, venho atento a tua história*

*Cmaj7 C#º Eº Bm*

*A conversa me fascina, já levastes o tênis meu...*

*Bm Cmaj7*

*Tu completas mais um ano, com velinhas de incerteza*

*Bm Cmaj7*

*Minha rima, teu sorriso, insistência sem destreza*

*C#º Eº Bm*

*Tu me explicas sem clareza, porque destes o tênis teu*

*Cmaj7 C#º Eº Bm*

*A outro infelizmente, bem pior que tu e eu.*

*Bm Cmaj7*

*E eu pergunto: deu Zé Louco (Deus é louco?)? Porque destes teu calçado?*

*Bm Cmaj7*

*Tens tão pouco e ainda divides, em migalhas, teu calvário*

*C#º Eº Bm*

---

<sup>90</sup> O fragmento transcrito acima é de uma entrevista com Jean Luc Nancy (legendas em espanhol) ao programa Por una Nueva Belleza. Disponível in: <http://www.youtube.com/watch?v=St6f6-Sy0Hk> Acesso em 09/11/2013. Na entrevista Nancy afirma que o aberto insiste no contemporâneo e que: "(...) é um chamado a estar a altura do que não tem mais limites." Diz que isso se dá quando o deserto avança, segundo a expressão de Nietzsche, e os valores superiores (e substitutivos) como progresso, conhecimento científico, natureza humana, e, dicotomias modernas como público versus privado, natural versus artificial, individuo versus sociedade, não se sustentam ou enfrentam seu declínio. Nesta ambiência contemporânea segundo Nancy: "Somos interpelados a estar à altura do aberto", do sem limites com o deserto (do nihilismo terminal) que cresce.

*Tu respondes pouco louco, dirimindo tua pena*

*Cmaj7 C#º Eº Bm*

*Se mortalha não tem bolso e caixão não tem gaveta*

*Cmaj7 C#º Eº Bm*

*Na ironia do destino, só se leva o que se deixa...*

\*\*\*

Sem a música, a vida seria um erro.<sup>91</sup>

\*\*\*

Depois de algum tempo, tomei coragem e o chamei para mostrar-lhe a música... quando citei o acontecido, ele mostrou o tênis no pé: \_ Ó, tá aqui... vou usar até acabar...

\_ Eu sei, respondi, escuta... Fiz esta música, naquele dia que conversamos, o dia do tênis... você está na música... comecei a tocar...

Ele ouviu atento, às vezes me olhava, às vezes sorria, mas, na maioria do tempo olhava meus dedos correndo pelas cordas e casas do violão... parecia que queria entender a habilidade de apertar as cordas, percorrendo casas e mudando a altura e combinação das notas... achei que não prestou atenção na letra... queria que opinasse, que pedisse alguma mudança ou questionasse o que escrevi... nada... entreguei-lhe a letra com a cifra...\_ Veja...

Ele passou o olho e falou: \_ Posso levar? Vou mostrar em casa... levantou e fez o caminho contrário, olhando a folha aberta como se tivesse “catado” (garimpado) mais alguma coisa que pudesse valer o dia de hoje... fui para o escritório, voltar aos mesmos problemas do Parque... na porta, urubus de asa aberta aproveitam um pouco do sol que resta... Acordos e acordes, mesmo fugidios.

---

<sup>91</sup> Friedrich Nietzsche. (in) Crepúsculo dos Ídolos.



Fig. 22: Um pouco do sol que resta no fim de tarde (Sambaiatuba).  
Fonte: Fábio Lopes

## 9. SAÚDES EXTRAORDINÁRIAS E ENCONTROS COM O NÃO SABIDO: UMA FACA.

O tipo do criminoso é o tipo do homem forte, colocado em condições desfavoráveis, é o homem forte tornado doente. O que lhe falta é a selva, uma natureza e um modo de vida mais livres e mais perigosos, que legitime tudo o que, no instinto do homem forte, é arma de ataque e defesa. Suas virtudes são proscritas pela sociedade. As mais ardentes das suas inclinações inatas são, de imediato, inextrincavelmente misturadas com sentimentos depressivos, suspeita, medo, desonra. Mas, eis aí, quase literalmente, a receita da degeneração fisiológica ... É a sociedade, nossa sociedade policiada, medíocre, castrada, que, fatalmente, faz degenerar em criminoso um homem próximo da natureza, vindo das montanhas ou das aventuras do mar.<sup>92</sup>

Nietzsche

\*\*\*

Dentre os urubus, o *Coragyps atratus* é o de menor envergadura. Apesar de seu tamanho, é o mais agressivo dos urubus menores, disputando avidamente uma carcaça com as outras espécies.<sup>93</sup>

\*\*\*

Acredite no extraordinário. As aventuras de Pi<sup>94</sup>

\*\*\*

O movimento dentro do transbordo é intenso, muitos caminhões, chegando e despejando resíduos de toda sorte... cachorro em estado de decomposição, plástico, pedaços de madeira, papel, metal, restos de alimento, papel higiênico usado... os catadores, menos favorecidos, muitos deles não cooperados, fazem a catação nos monturos despejados no pátio, **em quadrantes imaginários**... cada um sabe da regra....

\*\*\*

“Tudo que é imaginário tem, existe, é”<sup>95</sup>

\*\*\*

---

<sup>92</sup> NIETZSCHE, Friedrichi. O crepúsculo dos ídolos ou a filosofia a golpes de martelo Tradução: Edson Bini Márcio Pugliesi (Universidade de São Paulo). *Do Original Alemão: GÖTZEN-DÄMMERUNG*. 2.001 by Hemus S.A. Página 88.

<sup>93</sup> Urubú de cabeça preta. Disponível em: <http://www.wikiaves.com.br/urubu-de-cabeca-preta>

<sup>94</sup> MARTEI, Yann. As aventuras de Pi / Yann Martel ; tradução Maria Helena Rouanet. – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.

<sup>95</sup> PRADO, Marcos. Filme: Estamira - 2004 (fala de Estamira no trecho entre 01:52:59,000 à 01:53:03,676). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=jSZv8jO9SAU>



Fig. 23: Filme Estamira  
Fonte: Google imagens

\_ Vai descarregar!!! grita um deles e toneladas de material caem no pátio, há alguns metros dos catadores... acho muito arriscado este procedimento e observo de longe, com a impotência de quem não consegue convencê-los de que devem estar mais afastados da descarga... muitas histórias são contadas... crianças presas na roda de caminhões, amputações, acidentes... entretanto, nada os convence ou motiva.

\*\*\*

Mais um fragmento do grupo focal:

FÁBIO: \_Então aí... Todo mundo tem uma história de vida aqui dentro do Sambaiatuba, né? Alguém quer falar disso? Alguém quer falar como começou?

ARIANE: \_Eu comecei aqui com 8 anos de idade. No meu serviço, eu nunca tinha boneca. Minha primeira bonequinha foi de pano, eu catei em cima de uma árvore. Aqui só tinha árvore. (Inaudível) Aí fazia sopa aqui, fazia comida, brincava.

FÁBIO: \_Aqui dentro?

ARIANE: \_Aqui dentro.

AÍLTON: \_Com tanto gás que fazia quando chovia, ficava borbulhando o chão, a gente cavava um buraco, riscava o fogo e tocava fogo. Pegava lata, fazia sopa.

ARIANE: \_Nós comia 2, 3 dias aqui. Nós dormia aqui no lixo.

FÁBIO: \_Mas por quê dormia aqui?

ARIANE: \_Era até gostoso. Era aquela infância gostosa de criança.

\_ Era costume.



ARIANE: \_Era gostosa, até.

AÍLTON: \_Prá poder ganhar mais, né? Poder ganhar mais.

FÁBIO: \_Mas, gente! E o pai de vocês? E a mãe de vocês? Ficavam...

\_ Também vinha pro lixo.

AÍLTON: \_A família toda vinha aqui. Passa de geração prá geração.

(Risos)

GABIRÚ: \_Mas eu tava vendo aí de histórias, não só do lixão, mas de histórias do governo hoje. Acho que daria prá escrever um livro com trecho desse aí, porque... Só que no nosso tempo, nós tínhamos optado trabalhar, só que a gente sabe o valor de que a gente ter dignidade. Porque a gente sabe que um... Hoje eu vejo coleguinhas meus aí, colegas que era pequenininho aí, hoje molecadinha que não tem trabalho. Eles querem trabalhar. Chego ali, na cooperativa, vejo moleque de 12, 13 anos, chega e fala prá mim assim: Eu quero trabalhar! E são moleques que tão na vida do crime. Eles me perguntam prá sair. Às vezes a gente fala prá eles, a gente fica com o coração duro porque a gente não pode deixar eles trabalhar, porque a lei não deixa eles trabalhar. Nesses dia, veio uma meia dúzia de moleque pedir prá trabalhar que queria sair da vida do crime. Não posso te dar trabalho porque a lei me obriga a não te dar trabalho. E outra, o governo, ele não tem programa suficiente prá dar trabalho pro moleque. Os moleque quer R\$ 100,00. Eles sabe que se eles trabalhar que nem um adulto ele vai arrumar R\$ 500,00 / R\$ 600,00, se ele não arrumar isso, ele vai assaltar você que não quer dar emprego prá ele hoje. Daí você questiona: Pô, hoje eu fui roubado pelo moleque, mas você já parou prá perguntar pro moleque por que você foi roubado se ele queria trabalhar? Ninguém nunca pergunta prá ele. Tem muito moleque que a mãe alimenta aí que é da vida do crime e se você parar é pessoas gente boas. Porque teve muitos por (inaudível) trabalhando com a gente aí ou ta trabalhando em outro lugar e se arrepende do que faz? Mas porque a sociedade não dá espaço pro moleque trabalhar. Que acha que o moleque tem que estudar. Só que o moleque, ele acha que ele tem que ter o dinheiro dele, ele tem que se vestir. Às vezes a família dele ganha R\$ 600,00 / R\$ 700,00, ninguém vévi hoje em dia com salário miserável. Eu costume falar, não é porque eu sou soberbo que eu acho que com R\$ 500,00 / R\$ 600,00 ninguém se vévi com 5, 6 filho. Então dentro desse contexto, hoje, é o governo que cria o bandido e a sociedade. Eu tenho dentro disso daí. Hoje é a sociedade que cria o bandido. Indiferente de... Eu vou falar prá você... Tem a criminalidade. Eu não... Eu não sou à favor do crime. O crime dá mais oportunidade pro jovem hoje do que a sociedade. Me mostra qual que é a sociedade que quer pegar um moleque de 13 anos prá trabalhar. Ou de 11 ano. Tem moleque de 11 ano que tem a cabeça de gente grande, pô. Então cê tem de ver isso aí...

AÍLTON: \_Então, o governo tem que ver que por não acontecer isso do moleque procurar emprego. O governo ta dando a bolsa escola porque a molecada tem que estudar. Porque é o seguinte, tem muita molecada que não quer estudar. E o que acontece também, esse bolsa família, esse negócio de também... Não é repassado certo. Porque a gente vê que tem pessoas, cara, que tem uma pá de filho, nem tanto assim, tem pessoas que moram perto da praia que tá recebendo essa bolsa... E que ta tirando da boca de outra pessoa. Que nem, a

gente vai na creche ali. Tu quer trabalhar, quer colocar teu filho na creche prá estudar e você não tem vaga, sendo que a mãe tem 2 filhos lá na creche, ela ta lá o dia todo dentro de casa, o marido trabalha... E sendo que você tem que trabalhar, a sua esposa tem que trabalhar e não tem a creche prá ele ir trabalhar, prá deixar as crianças. Então eu acho que é esse programa aí. Ele não ta sendo repassado direito.

\_ De jeito nenhum!

FÁBIO: \_Só um minutinho. Ele vai trocar. (Sobre a filmagem, o operador a fita).

AÍLTON: \_Tinha que ter um fiscal prá ta fiscalizando isso daí porque a molecada recebe, continua faltando escola e continua vindo prá cá<sup>96</sup>...

\*\*\*

O que me parece sem valor, é acrescido de valor por eles... valor agregado (?), não sei, mas é intensa a catação, sem luvas ou somente com uma, rasgada e suja, muitos de chinelo, sem máscara, alguns até comendo algo que encontram... \_ Dentro do vidro está limpo...dizem eles... conserva, embutidos... prazo de validade então, não se considera... se está fechado, tudo bem...

Alguns deles trabalham em pilhas de quase cinco metros de altura, instáveis, escorregadias, próximos da esteira da máquina, que gira 360°, como um monstro... cava com uma força imensa e levanta mais de 500 quilos (às vezes, uma tonelada, dependendo da acomodação na caçamba), em cada investida contra o lixo... Por vezes, um roedor passa, dividindo restos com pessoas e urubus... estes últimos tão frequentes... também percebem valor agregado ao lixo... alimento, disputa hierárquica, convívio social... acho parecido o que roedores, aquelas pessoas e os urubus veem no lixo... enquanto nos afastamos dele (do lixo), estes seres se aproximam, vasculham, garimpam, estratificam e, por vezes, chegam a festejar achados, quase que se esquecendo de sua condição... trabalhar em cima de monturos de lixo, aquilo que ninguém quer...

“Ecologicamente” falando, o lixo é uma invenção humana, o próprio nome vem do latim “*lix*”, que quer dizer cinzas... os resíduos eram simples e os micro-organismos evoluíram com eles para poder degradá-los... com a invenção de novas substâncias, combinando moléculas e formando produtos que não são reconhecidos pelos micro-organismos, criou-se o lixo... na natureza não existe lixo... se uma árvore cai, serve de morada para répteis,

---

<sup>96</sup> Fragmento transcrito do grupo focal (transcrição das páginas 33 e 34)

serve de alimento para cupins e outros insetos xilófagos, nada se perde, tudo se transforma... a matéria cicla...Lavoisier<sup>97</sup>

\*\*\*

Os Mbyá-Guarani, de seu lado, desenvolveram recentemente uma escatologia na qual a recriação do mundo e da humanidade após a catástrofe não incluirá, como incluiu na recriação anterior, os Brancos (Pierri 2013a,b). A Terra atual não será exatamente destruída, como da primeira vez, **apenas sofrerá uma faxina em regra**: a espessa camada de solo que recobre as fundações imperecíveis de pedra do patamar terrestre será raspada por Nhanderu (a divindade maior dos Mbyá) e jogada ao mar, **limpando o mundo de todo o lixo, o veneno e a maldade que os Brancos foram depositando na terra**. A humanidade inteira perecerá nesta varredura purificadora; os Mbyá, porém, serão recriados por Nhanderu, para repovoar um mundo renovado; já os Brancos perecerão definitivamente, desta vez não sobrará ninguém dessa espécie maldita para recomeçá-la.(...) O fato é que, para muitos povos ameríndios, que nunca parecem ter imaginado que o mundo fosse durar para sempre, nem que seu presente etnográfico pudesse de fato tornar-se eterno, menos ainda ir-se transformando em um futuro crescentemente glorioso, a destruição do mundo atual é cada vez mais vista como algo iminente. Na verdade, ela é algo que já começou<sup>98</sup>.

\*\*\*

Da porta de meu escritório vejo a pilha ser removida de um lugar para outro e a máquina “mordendo” o monturo cinza, mudando a sua forma, emoldurado pelo céu azul e sem nuvens daquele dia... um dia normal... pessoas em cima do lixo, sob condições precárias... e eu assistindo tudo...

---

<sup>97</sup> Antoine Laurent de Lavoisier (Paris, 26 de agosto de 1743 — Paris, 8 de maio de 1794) foi um químico francês, considerado o pai da química moderna.<sup>1</sup>É reconhecido por ter enunciado o princípio da conservação da matéria, apesar de o russo Mikhail Lomonossov tê-lo feito 14 anos antes. Além disso identificou e batizou o oxigênio, refutou a teori flogística e participou na reforma da nomenclatura química. Célebre por seus estudos sobre a conservação da matéria, mais tarde imortalizado pela frase popular: *Na Natureza nada se cria, nada se perde, tudo se transforma*.

<sup>98</sup> DANOWSKI, Déborah; de CASTRO, Eduardo Viveiros. Há mundo por vir? Ensaio sobre os medos e os fins. Desterro [Florianópolis]. Cultura e Barbárie: Instituto Socioambiental, 2014. P. 104 e 105

Paulo entra na sala, e pede ajuda... \_Chefe, a coisa tá ruim lá fora... o Saruê tá discutindo com o Edson, lá no transbordo... o caminhão despejou no espaço do Edson e o Saruê foi lá catar...

Levantei rápido e fui ver o que acontecia... a cada passo em direção do transbordo, podia escutar os dois, braços abertos, falando alto, o monturo recém despejado ao fundo, o motivo da briga...

\_ Cê sabe que aqui é meu espaço, dizia Edson...Saruê enfrentava \_ Meu irmão, aqui num tem espaço... vou catar aqui... você também já catou no meu espaço e não falei nada... discussão infundada, percebia que nada ia sair dali...

Edson dá as costas e sai para a pilha... Saruê corre e dá um soco pelas costas, em gancho, no rosto de Edson... um soco forte... Saruê deve ter por volta de 120 kg e Edson, uns 70 kg... Edson sente o soco, cai mas apoia a mão no chão...

\*\*\*\*

Com esse embate seria preciso imaginar um lugar em que forma-homem, forma do homem-branco-macho-racional-europeu, padrão majoritário da saúde e da cultura do ocidente civilizada, não “pegou” muito bem.

\*\*\*

Justamente neste ponto ferido e tornado débil é, por assim dizer, *inoculada* alguma coisa de novo para toda a comunidade; a sua força deve ser, no entanto, suficientemente grande, no fim de contas, para acolher no sangue e assimilar o que é novo. As naturezas degenerativas são da máxima importância onde quer que deva vir a um progresso... (...)Mas a *lógica* que lhe subjaz não é dirigida à conservação identitária ou a **simples sobrevivência, mas sim a inovação e a mudança**. A diferença entre os dois planos de discurso, e o deslizamento *de um* para o outro, está no modo de entender a relação com o “negativo” - **e, ainda antes, na sua própria definição. Aquilo cuja inoculação Nietzsche recomenda não é um antígeno destinado a ativar os anticorpos e também não é uma espécie de anticorpo suplementar destinado a robustecer o aparelho defensivo do sistema imunitário. Não é, em suma, um negativo menor usado com o escopo preventivo de barrar o caminho a um negativo maior.**<sup>99</sup>

\*\*\*

---

<sup>99</sup> ESPOSITO, Roberto. **Bios: biopolítica e filosofia**. Trad. M.Freitas da Costa. Lisboa. Edições 70. 2004. Páginas 152 e 153.

Imaginar com todo vigor até que ponto a crueldade constituía o grande prazer festivo da humanidade antiga, como era um ingrediente de quase todas as suas alegrias; e com que ingenuidade se apresentava a sua exigência de crueldade, quão radicalmente a "maldade desinteressada" (ou, na expressão de Spinoza, a *sympatia malevolens*[*simpatia malévola*]) era vista como atributo normal do homem -: logo, como algo a que a consciência diz Sim de coração! Um olhar penetrante percebe ainda hoje traços desses prazeres tão antigos e profundos do homem; em Além do bem e do mal, § 229 (e antes em Aurora, § 18, 77, 113) aponte com dedo cauteloso para a crescente espiritualização e "divinização" da crueldade, que atravessa toda a história da cultura superior (e até mesmo a constitui, num sentido significativo). Em todo caso, não faz muito tempo que não se podia conceber casamentos de príncipes e grandes festas públicas sem execuções, suplícios ou talvez um auto-de-fé, nem tampouco uma casa nobre sem personagens nos quais se pudesse dar livre vazão à maldade e à zombaria cruel (...) Ver-sofrer faz bem, fazer-sofrer mais bem ainda - eis uma frase dura, mas um velho e sólido axioma, humano, demasiado humano, que talvez até os símios subscrevessem: conta-se que na invenção de crueldades bizarras eles já anunciam e como que "preludiam" o homem. Sem crueldade não há festa: é o que ensina a mais antiga e mais longa história do homem - e no castigo também há muito de festivo! (...)naquela época, quando a humanidade não se envergonhava ainda de sua crueldade, a vida na terra era mais contente do que agora, que existem pessimistas. O ensombrecimento do céu acima do homem aumentou à medida que cresceu a vergonha do homem<sup>100</sup>

\*\*\*

(...) escorrega no lixo, a pasta constante e mal cheirosa que forra o pátio de transbordo... ele (Edson), levanta e vira de frente... o olho muito machucado, parece ter saído da órbita, muito inchado... ele corre para o galpão e todos correm atrás... já seguraram Saruê e eu já não sei mais com quem falo... quero interferir mas não sei como... peço calma, mas todos gritam, uns a favor, outros contra, mas ninguém deixa de tomar uma posição definida (só eu)...

Acho melhor acudir Edson, peço que mantenham Saruê longe... entro no galpão e Edson está com uma faca sem cabo, uma faca grande, suja, enrolada em um pedaço de pano... ele me olha e diz: \_ Vou matar ele... eu digo: \_Por favor, não, pense bem, (peço eu)... sua família, você vai ser preso... em vão... ele quer vingança, se sente injustiçado... os rapazes ao lado, incentivam... \_Não se bate assim em ninguém, nem levou uma ideia com ele... é o seguinte... a gente ajuda, joga ele no chão e tu enfia a faca....eles falam.

---

<sup>100</sup> NIETZSCHE, F. Genealogia da moral: uma polêmica. Tradução, notas e posfácio Paulo César de Souza. — São Paulo : Companhia das Letras, 2009. Páginas 22 e 23.

Peço que se sente um pouco... ele me atende... peço por favor... que me escute e argumento, dizendo que sei que foi injusto... que ele tenha um pouco de calma, vou resolver... não deixarei que isto aconteça de novo... (sei que não posso garantir, mas prometo...).

O olho direito, que levou o soco está piorando... ainda escuto a voz de Saruê dizendo que ele pode vir... mas, de frente, que ele não o pegue distraído... \_Quero ver a faca entrar, diz \_Não vem pelas costas..

\*\*\*

Quer ver a faca, quer ver pela frente, parece haver uma relação forte e sem vergonha com a crueldade, a vida e a morte, vejam, é uma maneira da gente se comportar diante da morte, Nietzsche não gostava das palavras de Sócrates diante da morte; Nietzsche diria “só morre bem quem vive bem”; Deleuze se matou, pensei numa frase fundamental do Nietzsche, ele dizia no Zaratustra: “Uns morrem cedo demais, outros morrem tarde demais”, o Zaratustra de Nietzsche diz: morra a tempo, nem cedo demais nem seja um morto vivo, se você já morreu não tem sentido continuar, mas é difícil saber a hora de morrer e ele diz: mas só morre a tempo quem vive a tempo. O que Sócrates diz - Nietzsche não gostava do platonismo - , quais foram as últimas palavras, que segundo Platão, Sócrates disse antes de morrer: devo um galo a Esculápio, Asclépio, era o deus da medicina e os gregos sacrificavam, ofereciam um galo a Esculápio quando eles tinham sido curados de uma grave doença. Pois bem, segundo interpretação do Nietzsche, Sócrates mandando o discípulo fazer oferenda a Esculápio porque ia morrer, isso teria significado: que a vida é uma doença e, agora, que a morte vai levá-lo para a verdadeira vida, ele foi curado dessa doença; deve, portanto, pagar esse ato de cura ao deus da medicina que é o Esculápio. Nietzsche diz: péssima palavra<sup>101</sup>.

\*\*\*

Não vejo lógica pois ele bateu em outro, bem mais fraco e pelas costas... qual o sentido do apelo... depois vejo que tento entender algo do qual não faço parte... não *reconheço*....

\*\*\*

Como encontrar e não meramente re-conhecer ou re-encontrar o já visto e sabido? Essa é uma questão para a saúde, a dos encontros. Nesse caso poderia ajudar a ideia de François Zourabichvili, que escreveu: “encontrar não é reconhecer: é a própria prova do não reconhecível, o que põe em xeque o mecanismo de reconhecimento”<sup>102</sup>

\*\*\*

---

<sup>101</sup> Trecho da transcrição da palestra de Roberto Machado (UFRJ) realizada no PPGeducação –UFRGS no segundo semestre de 1995.

<sup>102</sup> ZOURABICHVILI, F. Deleuze: une philosophie de l'événement. PUF, Paris, 2004. P.41

Com essa experiência seria preciso entender que em todos os movimentos do pensamento, a forma da *reconhecimento* é a que vai menos longe e que se ela é necessária à sobrevivência (é um corredor, é uma briga, é quadro, é uma faca) também estabeleceu seu suposto “direito” na extrapolação e generalização de certas experiências e na própria banalidade cotidiana. A *reconhecimento* não pode ser tomada como uma aposta interessante para o que significa pensar, não é nela que está em jogo o pensamento.”<sup>103</sup>

\*\*\*

Edson está mais calmo, o sangue esfriou e ele percebe que sua visão está muito prejudicada... ele me deixa tocar em volta e reforço que necessita de ajuda médica... peço para que os funcionários o levem ao Pronto Socorro da Náutica... ele entra na perua Kombi, olhando Saruê de longe, que agora também tem uma faca... eles se olham, mesmo com Edson dentro da perua....

\*\*\*

O *Coragyps atratus* não possui o olfato apurado do gênero *Cathartes*, localizando a carniça pela visão direta ou observando os outros urubus pousando para comer.<sup>104</sup>

\*\*\*

Vou até Saruê... pergunto: \_Tudo bem? Está mais calmo? Ele responde: \_Não tô nervoso...

Começo a conversa pedindo que não faça mais isso, que temos que cultivar um ambiente tranquilo, que posso resolver as coisas sem briga...

Ele responde: Isso aqui é nosso... vocês chegaram depois... passei minha vida aqui... esse “muleque” é de outra favela, veio catar aqui... nem é daqui... veio depois... tem que toma pau mesmo... folgado...

\*\*\*

(...) então se apreendia tudo como poeta, era um tipo de educação totalmente diferente, pois bem, a impressão que eu tenho é que era assim que eles estudavam anatomia, porque era o golpe da espada que entra por aqui, ai ele descobre o órgão, depois sai por aqui, quebra tal

---

<sup>103</sup> A *reconhecimento*, diz Virginia Kastrup: “se polariza em duas posições. A primeira evidencia uma “atitude realista”, que faz com que lidemos com o mundo como se ele pré-existisse. A segunda é atitude idealista e individualista. Agimos como se tivéssemos um eu fixo, como se fôssemos o centro, a fonte e o piloto do processo de conhecimento. O que prevalece é a crença de que o conhecimento é configurado pelos esquemas *reconhecimentos*, pelas regras e pelo saber anterior. Seja fundamentando o conhecimento nas formas de um mundo pré-existente, seja na forma do eu fixo, sujeito *connoscente*, a atitude realista e a idealista/individualista apresentam-se como duas faces da *reconhecimento*, que toma o conhecimento uma questão de representação. Acerca desta questão, ver especialmente KASTRUP, V. Políticas cognitivas na formação do professor e o problema do devir-mestre. Educ. Soc., Campinas, v. 26, n. 93, p. 1273-1288, Set./Dez. 2005. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/es/v26n93/27279.pdf>> Acesso em: 15 agosto. 2014. P. 1281

<sup>104</sup> Ecologia USP. Capítulo XIII. Comportamento anti-predatório. Disponível em: [ecologia.ib.usp.br/bie212/aulas2015/comportamento.pdf](http://ecologia.ib.usp.br/bie212/aulas2015/comportamento.pdf)

osso, ai você tinha a descrição perfeita, detalhada do corpo humano. Mas haja fôlego para você aguentar, sem ficar sufocado com aquelas descrições terríveis, entende, sem complacência que você encontra. Pois bem, a constatação que o Nietzsche faz, o grego exultava com essas cenas de combates, então ele pergunta, por quê? A resposta seria a seguinte: Porque a Epopéia é uma apologia do Agon. Porque a Arte Épica, porque as poesias épicas são justas, são combates contados, porque a Arte Épica transforma a crueldade em disputas, a má na boa Eres. Cito Nietzsche, em outro texto chamado "Estado Grego" que trata desta questão, se a repetição incansável das cenas de combate e de horror da guerra de Tróia é contemplada por Homero com delícia, ele fala: os gregos ouviam aquelas histórias exultando e aquelas histórias são contadas por Homero se deliciando. Razão: - É porque a Epopéia é uma legitimação do combate e da alegria de combater. Vejam bem, os deuses homéricos são deuses de alegria, e logo mais nós veremos, são deuses da beleza, não são nem bons, nem verdadeiros, mas são belos (...)

\*\*\*

Fico sem argumentos justos, até porque ele ainda segura a faca...  
\_Posso levar a faca? Pergunto... \_Gosta de faca? Responde... prá que você quer a faca?

Deixo a faca com ele... ele me mostra que ela tem utilidade na mão dele... eu só ia guardá-la...

Poucos metros dali, um grupo discute, inflamado, o que seria justo... paro prá escutar... \_Mano, só tem um jeito... o Saruê põe a mão prá trás e o Edson dá um soco no olho dele... ai fica mano a mano... eles podem sair na mão... mas tem que ter o soco, com a mão prá trás... sem reagir... todos falam ao mesmo tempo... descalços, agitados, convictos, sem medo.

\*\*\*

(...) Conhecemos a admiração que (Dostoiévski) demonstrou pelos seus companheiros de prisão na Sibéria, que cometeram os piores crimes por vezes apenas pelo prazer de matar, e a quem ele se refere, no dia de sua liberação, da seguinte maneira: "Quanta juventude aqui enterrada, que grandes forças pereceram em vão entre esses muros! Pois é preciso dizer tudo: esses homens eram verdadeiramente homens extraordinários! Talvez sejam os homens mais ricamente dotados, os mais fortes de todo nosso povo". Muitos constatam com surpresa que o autor prefere mil vezes esses tipos a um Bielinski, Nekrássov, Turguêniev. Dostoiévski jamais se livrou do fascínio por esses homens monstruosos, e **talvez a fronteira decisiva não seja entre os bons e os maus, mas como o diz o artigo de Raskolnikov em Crime e Castigo, entre os ordinários e os extraordinários, entre os que se submetem em sua mediocridade às leis morais, e os homens que criam para si mesmos as leis, e para**



quem ‘tudo é permitido’, e cuja consciência sanciona até o crime – com o que os termos bem e mal deixam de ter importância. Por um lado o ordinário, associado à banalidade, platitudo, e por outro o extraordinário – a grandeza.. Raskolnikov se colocava já para além do bem e do mal, quando Nietzsche ainda era estudante e todavia sonhava com ideais sublimes, comenta Chestov<sup>15</sup>. Eis uma concepção original de Dostoiévski, que nem Shakespeare possuía, em quem o crime e o mal ainda estão rodeados de remorso.. Ora, diz Chestov, Dostoiévski lutava contra essa teoria do homem extraordinário, mas o primeiro e único teórico dessa perspectiva, elevada a uma dimensão moral, era ele mesmo – ele lutava contra si mesmo. Dostoiévski só conseguia descrever e só se interessava pelos espíritos revoltados, aventureiros, os inquietos experimentadores. Quando se punha a descrever os bondosos, caía numa banalidade decepcionante<sup>105</sup> (...)

\*\*\*

Volto para o escritório e sinto que os funcionários e alguns cooperados esperam que eu faça algo... eu também... escrevo um memorando a minha chefia, pedindo que haja a contratação de um apontador, que controlaria o fluxo de entrada e descarga dos caminhões, além do carregamento das carretas... um dos funcionários diz... \_ Tem que ser alguém daqui, senão não vão respeitar....

Volto a me sentir impotente, diante de tanta complexidade... tantas costuras a serem feitas...

Dias depois vem a resposta do memorando, dizendo que não há recursos para a contratação e que estou autorizado a fazer palestras sobre convivência, educação em saúde e meio ambiente, motivando os cooperados a trabalhar dentro de parâmetros de civilidade, fraternidade e produtividade.... de qualquer maneira, os dois, Edson e Saruê, estão catando em pilhas próximas, sem conversar, mas se tolerando... acho que não há outra maneira de ser... os dois necessitam daquilo... eu só observo...

\*\*\*

O *Allopreening* ocorre como uma forma de melhorar o convívio e mesmo aproximar as duas espécies, pois durante a necrofagia da carcaça é possível que ocorra algum enfrentamento entre as espécies.<sup>106</sup>

\*\*\*

---

<sup>105</sup> Trechos da palestra de PELBART. Peter Pál. Vida e morte em contexto de dominação biopolítica. Conferência realizada no IEA-USP em três de outubro de 2008. Disponível em [https://www.youtube.com/watch?v=3QrgXF0\\_5Ac](https://www.youtube.com/watch?v=3QrgXF0_5Ac)  
Acesso em 07/04/2015

<sup>106</sup> Urubú de cabeça preta. Disponível em: <http://www.wikiaves.com.br/urubu-de-cabeca-preta>

Este fato aconteceu em 2012, perto da semana Santa e me marcou muito pois sempre consegui gerenciar conflitos, seja na sala de aula, seja na Secretaria de Saúde ou mesmo no Exército, onde fui Sargento por quatro anos... nestes lugares, anteriores a esta experiência, haviam regras postas, estabelecidas, estatuto do funcionário público, estatuto da Universidade, Regulamento Disciplinar do Exército (RDE)... ali não, ou pelo menos não escrito, os quadrantes são imaginários, os limites também e o estímulo para um soco, uma facada, um sorriso ou **um presente** são incompreensíveis para mim..

\*\*\*

Em 2014, dois anos depois, perto do fim do ano, meu rádio toca e um amigo, funcionário da CODESAVI, lotado no Sambaiatuba diz: \_ Fala chefe (ainda me chamam assim, apesar de não o ser mais...), tá por onde?

\_ Estou na Secretaria, respondo...

\_ Passa aqui, tem uma coisa "prá" ti...

Vou até a Sambaiatuba, no final de tarde daquele dia e sempre me emociono quando subo a rampa e vejo os urubus de asas abertas, carros queimados e amassados... juntos: crianças, cães e cavalos... mosca, azedume de metano... mas me sinto um pouco dali...

\_ Fala Reinaldo, tudo bem?

Ele me recebe com um café nas mãos, acabou de fazer (sempre me recebem assim) e enquanto tomo o café a abraço todos, ele puxa uma adaga chinesa, enrolada em um pano e abre-a em minha frente... \_ Acharam no transbordo, tá novinha, só o cabo tá solto, mas dá prá arrumar... O Saruê deixou prá você... **de presente**... falou que gosta de faca...

Esta adaga enfeita meu escritório...

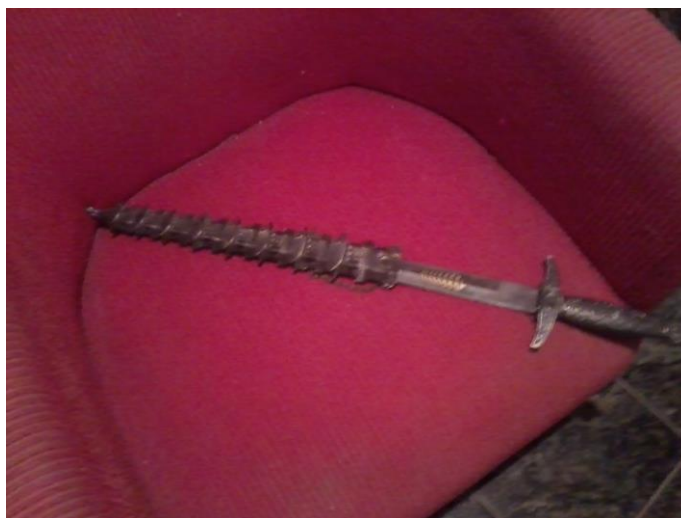


Fig. 24: Adaga chinesa (Presente do Sambaiatuba)

Fonte: Arquivo pessoal

## 10 - SOMOS FEITOS DE ELEMENTOS, COMO O LIXO O É.



Fig. 25: Monumento ao coletor (Sambaiatuba)  
Fonte: Arquivo pessoal

### ELEMENTAL

Porque as pessoas não deixam de ser amáveis ou de pensar que são amáveis, ou de querer ser amáveis, e não são um pouco elementais em vez disso? Desde que o homem é feito dos elementos fogo, e chuva, e ar, argila viva e nada disso é amável, mas elemental, o homem é inclinado para o lado dos anjos. Gostaria que os homens recuperassem seu equilíbrio entre os elementos e fossem um pouco mais ardentes tão incapazes de dizer mentiras como o fogo o é. Gostaria que eles fossem fiéis às suas próprias mudanças, como a água, que atravessa todos os estágios de vapor e fluxo e gelo sem perder a cabeça. Estou cansado de pessoas amáveis de certo modo elas são uma mentira.

**D.H. Lawrence (1885-1930)**

\*\*\*

O dia começou chuvoso e o cheiro de lixo, moscas entrando na boca e pousando nos olhos, fazem parte da rotina, mas a atmosfera é pesada... não só pela presença de moléculas de CH<sub>4</sub> presentes nas terminações nervosas de nossos aparelhos olfativos, mas, particularmente, havia um “nervoso” presente. O antigo lixão do Sambaiatuba, transformado em Parque Ambiental(?) Sambaiatuba, estava deteriorando mais, a cada dia, como se fosse possível... um local que funcionou trinta e dois anos, recebendo resíduos a céu aberto, de toda a natureza, estava, mais uma vez, em crise.

Embora houvessem sinais nítidos de que tudo piorou no Parque, os cooperados continuam fazendo o mesmo caminho, como formigas, do transbordo ao pátio e vice-versa... o trabalho continua, as pilhas de lixo, agora, são imensas... maiores que prédios de 3 andares, com muito lixo velho, de mais de um mês, já que, por falta de pagamento à empresa que gerencia o resíduo, poucas carretas têm saído carregadas do Parque.

Na entrada do pátio, sempre avisto o monumento ao coletor... uma estátua grande, com um trabalhador carregando um saco nas costas, simbolizando um serviço que ali, poucos realizaram, o qual homenageia totalmente a CODESAVI (os coletores de rua) do que a própria comunidade (os catadores, cooperados).

Esta estátua, em minha opinião, já é uma forma de exclusão... o monumento ao trabalho com registro em carteira, que é subsidiado pela prefeitura... o catador, entretanto, não é lembrado...

As pilhas de lixo, agora, não estavam mais confinadas somente a área de transbordo... não, elas invadiam, úmidas e escorregadias, o pátio do Sambaiatuba... não era possível andar sem passar por cima do chorume fétido acumulado no asfalto. Não havia mais ordem (já houve?), no Sambaiatuba... a ideia de que tudo tende ao caos se materializou no dia a dia daqueles trabalhadores, insistindo em tirar do lixo, o valor necessário para viver o dia. O acúmulo de resíduos também mudou a velocidade das coisas... andava-se mais devagar, sem levantar muito os pés, pois era fácil escorregar nos sacos de lixo amassados, com resto de comida, papel higiênico usado, embalagens diversas, animais mortos, plástico e papel...

Olhava tudo aquilo e conversava com os funcionários da CODESAVI, que reclamavam do aumento do número de rato, barata, lacraia, minhoca. Incrível como não distinguem o que pode causar doenças e o que é, praticamente inofensivo como uma minhoca... parece que não reconhecem o risco, muito mais do que o desprezam...

Um deles diz: \_ Tem que tomar cuidado “prá” não pegar uma micose... acho que no serviço que a gente “tá”, tem que ter uma segurança.

Penso que uma micose é o mínimo que podem contrair... (não sei também o que querem dizer com segurança, já que estiveram, alguns, a vida

toda neste ambiente. A única diferença, agora, é que está cheio... (com muito, muito lixo). Eles dizem que colocam a mão sem a luva e andam sem bota por cima de urina de rato e que, mesmo quando têm o equipamento, não usam porque ele incomoda.

Um deles diz: \_ Eu não uso por que tenho alergia, mesmo que eu leve bronca “prá” usar, não gosto de ficar com alergia por causa da luva... não sou obrigado a usar uma coisa que me faz mal! Quando tem que usar a gente divide entre o grupo, quem não tem empresta “pro” outro.

Depois de conversar um pouco, sou convidado a tomar o café de sempre... gritam da porta do escritório, agora próxima do lixo...\_ Saiu o café! Seja como for, o que parece é que o café é um ritual... os problemas somem dentro do escritório, parecendo que estão (ou estamos, pois passei a sentir isto também) protegidos... por alguns minutos, tirando o [odor](#)<sup>107</sup> ruim ([mefítico](#)<sup>108</sup>), esqueço onde estou... café tomado, casos contados, estou de volta ao pátio... nesta mistura de odores de lixo e café...

\*\*\*

(...) A única coisa que importa para o nosso propósito é a acentuação da vigilância. Os sentidos “tornam-se cada vez mais analistas, refinam-se quanto aos graus de agrado ou de importunidade do meio físico”. (...) discernimos aí o primeiro dos paradoxos do olfato. Sentido de animalidade, ele é também, e pela mesma razão, o sentido da conservação. Ora, eis que a missão do olfato-sentinela se reveste de uma importância nova. Vanguarda do paladar, o nariz avisa sobre o veneno.<sup>109</sup>

\*\*\*

De repente, a carreta cheia de lixo, com 45 toneladas, engata a primeira e vem rodando, ou melhor, deslizando, por cima do lixo... instável, subindo e

---

<sup>107</sup> O rebaixamento do limite de tolerância olfativa constitui um fato histórico muito bem ressentido, muito bem descrito. Louis-Sébastien Mercier analisa, não sem alguma contradição, mas com muita lucidez, os seus mecanismos; e atribui a responsabilidade disso aos “quimistas”. ~, “Bebíamos água há vinte anos sem prestarmos muita atenção nisso; mas, desde que a família dos gases, a raça dos ácidos e dos sais apareceram no horizonte ( . . . ), nos armamos em toda parte contra o mefitismo. Essa palavra nova ressoou como um sinal de alarme formidável; em todos os lugares viam-se gases maléficos, e os *nervos olfatórios* tornaram-se de uma sensibilidade surpreendente. *In: Saberes e odores: o olfato e o imaginário social nos séculos XVI II e XIX / Alain Corbin ; tradução Ligia Watanabe. -- São Paulo: Companhia das Letras, 1987 (página 81).*

<sup>108</sup> Cf. Dicionário Online de Português s.m. Corrupção do ar atmosférico por emanções mefíticas. Qualidade ou estado do que é mefítico: o mefitismo das fossas sanitárias.

<sup>109</sup> CORBIN, Alain. **Saberes e odores: o olfato e o imaginário social nos séculos XVI II e XIX / Alain Corbin**; tradução Ligia Watanabe. -- São Paulo: Companhia das Letras, 1987. (Páginas 12 e 13).

descendo de pequenas pilhas, enquanto converso, noto que ela tem força para continuar, mas, a instabilidade da cobertura do solo (lixo), confere a mesma instabilidade perigosa para o veículo... carregado... foi a conta... como em câmera lenta, a caçamba começa a torcer em seu eixo... a carroceria resiste, uma das rodas da frente levanta do solo e todo o conjunto começa a virar, lentamente... escorregando e o barulho do material batendo na caçamba e caindo ao chão começa... sinto meu coração gelar (é possível) e a sensação do sangue saindo rapidamente das vísceras e indo para as extremidades, mãos e pernas... justamente o que faz a adrenalina, para nossa defesa... lutar ou correr.

\_ Sai, sai, sai... tá virando!!! Muitos gritos, de diversos timbres, ecoam no pátio do Sambaiatuba... e a carreta, finalmente tomba e escorrega para a parte mais baixa... haviam catadores ao lado da carreta, para onde ela virou... achei que haveriam pessoas esmagadas... todos correm para o local... felizmente, ninguém ficou debaixo... a carreta tombou devagar...

Dentro do veículo, o motorista tenta sair, mas a comunidade já quebrou o vidro, com os pés, chutam a cabine, e puxam o motorista, sangrando... carregam ele, que diz que está bem... não precisa de ajuda... ninguém ouve... carregam segurando braços e pernas e o põe sentado na porta da cozinha... vou até lá:

\_ O senhor está bem? Pergunto.

\_ Tá, tá tudo bem... não consegui segurar a carreta, freava e ela continuava (eu entendi, pois vi cada momento do incidente, como em *frames* que, jamais esquecerei).

\_ Como é seu nome? Quantos anos tem? Penso em testar sua memória e seu raciocínio, prevendo algum trauma...

\_ Francisco, 56 anos... eu tô bem... não fiquei louco... a carreta é que tombou...

A comunidade está excitada, muitos comentários, um pouco de revolta, um pouco de dó do motorista, muitas reclamações e uma moça grita: \_ Quando você estava aqui, Fábio, estas coisas não aconteciam! Muitos concordam: \_ É, é isso mesmo, o Fábio não deixava isto acontecer... Senti um misto de orgulho e potência, mas, ao mesmo tempo, uma vontade de negar, pois não era

verdade... nunca conseguiria impedir isto e pouco fiz por eles... mas me calei, escolhi colher os louros de algo que não fiz... ainda hoje me sinto mentiroso e orgulhoso, mas foi um dos episódios que mais me emocionaram ali. Só faltaram bater palma... alguns gritavam: \_Volta Fábio, a gente quer você aqui... isto tudo ainda me emociona, mesmo estando distante de lá (ou não).

Chega o SAMU para atender o motorista... muita gente revoltada ainda gritando, falando das más condições do transbordo (quando foram boas?), então resolvem levar o motorista para avaliação no Pronto Socorro Central.

Sentada a porta da cozinha, encontro Vera, paralisada, olhar cristalizado, respiração ofegante, feições de pavor... \_Oi Vera, tudo bem? Pergunto... sem resposta, está em choque... bato levemente em seu rosto, os olhos piscam, mas ela não responde... não me olha... só mira o horizonte cinza do transbordo, com lixo revirado e odor fétido impregnado... que não sai de minha memória.

\*\*\*

Dez mil, cem mil odores peculiares e específicos ele havia reunido, mantendo-os à sua disposição tão nitidamente, tão sob controle, **que não só se recordava deles quando voltava a cheirá-los como de fato os cheirava quando recordava deles**; sim, ainda mais do que isso, sabia combiná-los de um modo novo entre si apenas em sua fantasia e, assim, criava em si mesmo odores que nem sequer existiam no mundo real.<sup>110</sup>

\*\*\*

\_Vera (falam os outros) ... fala com o Fábio, responde!

Nada, nenhuma resposta... começo a ficar preocupado... a viatura do SAMU já partiu, não tenho apoio médico e estou no meio de pilhas de lixo, *bags* de plástico e papel... os gritos de revolta ainda ecoam...uns gritam: \_Vamos tocar fogo no caminhão... ai eles aprendem... deixam a gente aqui, jogado...

\* \* \*

Parece-me que, para tudo que é muito complicado, ali no Sambaiatuba, a solução é quebrar, queimar (falam muito em “tocar” fogo), eliminar, enterrar... existe uma animalidade pungente naquelas pessoas, que não se envergonham disso... acreditam nesta solução (?), sem a preocupação do verniz, da polidez... lá, é assim...

\* \* \*

---

<sup>110</sup> Süskind, Patrick, O perfume, 1985, página 26. Grifo nosso

\_Vamos Vera, vou te levar em casa... vamos, vamos, confie em mim... (falo já levantando ela da cadeira quebrada que se sentava, a porta da cozinha... outros me ajudam). \_Vai Vera, ele vai te levar, dizem. Ponho ela no carro, parece-me assustada... preocupo-me de algo acontecer a ela e não saber como socorrê-la... entram, no banco traseiro, duas moças, com as botas cobertas de lixo, a roupa suja... moscas as acompanham e entram no carro, pousando, acomodadas, no vidro... ninguém pediu nada... eu aceito, não tenho muito o que fazer... \_Vamos lá Vera, vai “prá” tua casa, fica com teus filhos, vai ver teus gatos... descansa... amanhã você volta “pro” lixão (elas dizem)...

\_ Fábio, entra nesse beco, ela mora perto, ali na maré.... isso, vira “prá” lá... naquele portão de ferro ali... para aqui... Vera, a gente vai abrir a porta... (uma delas grita e bate palmas) \_ Fabianaaaa! Fabiana! Vem aqui buscar tua mãe... Aparecem dois adolescentes, a filha e o namorado... Uma delas explica o que aconteceu... Vera não dá uma palavra... nada... ainda cristalizada...entra em sua casa...

\_Tchau Vera, até amanhã... estimo suas melhoras... digo. Nenhuma resposta, aceno de mão ou cabeça, nada... ela entra, parecendo segura em sua casa, à beira da maré.

Levo as duas meninas para o Sambaiatuba, sentadas no banco traseiro... ao deixá-las, sinto-me extenuado com tudo aquilo... vou almoçar e tentar ficar quieta em algum canto... saio rápido do Av. Sambaiatuba (um canal com um dique artificial) ... sinto-me aliviado...

Ao parar na porta do restaurante, ainda sinto o cheiro de lixo dentro do carro e, incrivelmente, ainda existem moscas pousadas no vidro... observando-as, limpam seu aparelho bucal lambedor (probóscide e palpos maxilares), com as patas... vou almoçar sentindo que trouxe um pouco do Sambaiatuba comigo...



## 11. O QUE VICEJA E O QUE FENECE NA SAÚDE DO SÉCULO XXI.



Fig. 26: Vacinação anti rábica no Sambaiatuba (ao fundo, a maior Bandeira Brasileira a ser hasteada em mastro, com 630 m<sup>2</sup> e 110 quilos, senpre “costurada/arrumada” no Sambaiatuba)  
Fonte: Arquivo pessoal

\*\*\*

Às vezes um "pequeno" conceito pode ajudar na análise dos dados que estamos produzimos. A noção de Foucault de “homem infame” (DELEUZE, 1992) (que quer dizer “homem sem fama”, ANÔNIMO) poderia ser uma peça na análise (já em curso) deste trabalho, e, inclusive da nossa implicação? O artigo sobre " La vie des hommes infâmes" é uma concepção cheia de uma alegria discreta e etimologicamente o homem comum, o homem qualquer, o INFAME é aquele bruscamente iluminado por um fato “corriqueiro”, queixa dos vizinhos, doença-trabalho, escravo, presença da polícia, conselho tutelar, processo, vigilância sanitária ...O homem infame é o homem confrontado ao poder (sanitário e assistencial, inclusive), intimado a falar e a se mostrar.

\*\*\*

Fomos recebidos com fogos de artifício, acompanhados pela Polícia, Promotoria Pública, Assistente Social e nós, Vigilância Sanitária (VISA) e Núcleo de Controle de Zoonoses, com a missão de retirar um grande número de cães, além de outros animais (aves, coelhos, gatos) de uma residência, em área limítrofe da periferia com o Centro. Chegamos cedo e a vizinhança, que já sabia de nossa vinda, nos recebe com rojões, demonstrando o quanto tempo esperaram pela ação para retirada destes animais, do interior da casa.

Tocamos a campainha, ninguém nos recebe, insistimos e uma vizinha diz: \_ Eles estão ai, mas não atendem... ninguém... entram e saem, vão de

mãos vazias e voltam com um cachorro ou um gato da rua... tudo que eles vêm, eles trazem, bicho doente, com sarna, atropelado... venha ver por cima do meu muro, o cheiro é insuportável... agente reclama e ninguém faz nada... já coloquei minha casa “prá” vender, mas, quando alguém se interessa e vem olhar, vai embora... ninguém aguenta tanta sujeira... e rato então, cada um do tamanho de uma cotia...

Vejo que há bastante angústia na fala dela, que cobra do poder pública uma ação mais incisiva, como a retirada dos animais, multa ao proprietário, ou até mesmo prisão.

\_ Esse casal deveria ser preso... é um risco tê-los como vizinhos .. e olha que aqui não é favela... logo ali (aponta o início dos barracos da Avenida Sambaiatuba), é só barraco, mas aqui não... se querem criar um monte de bichos, vão “prá” favela... lá pode, não tem regra nenhuma, ninguém paga água e luz... lá é taxa...

\_ Outro munícipe ajuda no “coro”: \_ Imagina quando a gente traz uma visita aqui em casa .. e eu não moro muro com muro com eles, mas o cheiro é horrível... a gente fica com vergonha... encho meu quintal com creolina, “prá” disfarçar o cheiro... é uma “murrinha” só. Às vezes penso em pegar gasolina e “tacar” fogo na casa deles... já acabam os problemas...

A polícia, por ordem do promotor, começa a quebrar o cadeado do portão, que está pelo lado de dentro, o que mostra que, provavelmente, tem alguém em casa. Quando o portão abre, um homem idoso, em meio a muitos cachorros, num chão de terra batida, levanta-se ... tem uma aparência descuidada, com barba grande, cabelo mal cortado, roupa suja e calça uma sandália de couro sintético... observo seus pés, com unhas grandes, amareladas e com sinais de micose entre os dedos e na base das unhas... nunca vi algo assim. O homem vem em nossa direção, confiante e fala: \_ Vocês não podem entrar aqui... é minha casa!

Entra primeiro o Promotor, que se identifica e explica porque estamos lá: \_ Bom Sr. Alexandre, estamos aqui para cumprir uma ordem judicial, referente a retirada de animais do interior de sua residência. As reclamações são muitas e o senhor já foi intimado, mas não compareceu em nenhuma das audiências,

por isso vamos retirar os animais e encaminhá-los ao Núcleo de Controle de Zoonoses.

Ele resiste: \_ Ninguém vai levar meus bichos, estou ajudando a Prefeitura que não faz nada...estes animais estão abandonados nas ruas, sofrendo, eu os recolho e, junto com minha mulher, cuidamos deles...

O Promotor faz um sinal com a cabeça e entramos na casa ... latidos, muitos latidos, como protestos à nossa presença, muitos cães... dez, vinte ... quarenta, cinquenta cães, alguns marrecos, patos e galinhas, coelhos soltos, gatos em cima de muros e de caixas d'água desativadas no quintal... o cheiro é insuportável, fezes por todos os lados... muitos cômodos são somente de bloco aparente, uns colados aos outros, sem planejamento, sem amarração das paredes, alguns até com inclinação, sem iluminação e sem janelas... entramos, mais cães, o ar "viciado", cheiro de fezes velhas, mofo, matéria orgânica em estado de decomposição... percebemos que, em vários ambientes, existem "bombonas" de 50 litros, daquelas que armazenam hipoclorito de sódio, com a tampa cortada.

\_ Tá cheio de comida velha, misturada (fala um dos agentes de saúde).

Chego próximo ao recipiente e a vontade de vomitar é quase incontrolável...é comida, em estado de decomposição, como uma sopa fétida. O cheiro é horrível e quando olho, o aspecto torna-a mais repugnante... saímos todos de lá com os olhos lacrimejando... vamos ao Promotor.

\_ Dr. existe um monte de recipientes com comida velha, estragada...

O Sr. Alexandre nos interrompe: \_ É comida boa, de restaurante, nós ganhamos todos os dias... é boa, quando chega nós também comemos... o que está velho vai ser jogado fora... todo dia eu troco...

\*\*\*

Na época de que falamos, reinava nas cidades um fedor dificilmente concebível por nós, hoje. As ruas fediam a merda, os pátios fediam a mijó, as escadarias fediam a madeira podre e bosta de rato; nas cozinhas, a couve estragada e gordura de ovelha; sem ventilação, salas fediam a poeira, mofo; os quartos, a lençóis sebosos, a úmidos colchões de pena, impregnados do odor azedo dos penicos. Das chaminés fedia o enxofre; dos curtumes, as lixívia corrosivas; dos matadouros fedia o sangue coagulado. Os homens fediam a suor e a roupas não lavadas; da boca eles fediam a dentes estragados, dos estômagos fediam a cebola e, nos

corpos, quando já não eram mais bem novos, a queijo velho, a leite azedo e a doenças infecciosas. Fediam os rios, fediam as praças, fediam as igrejas, fediam sob as pontes e dentro dos palácios. Fediam o camponês e o padre, o aprendiz e a mulher do mestre, fediam a nobreza toda, até o rei fediam como um animal de rapina, e a rainha como uma cabra velha, tanto no verão quanto no inverno. Pois à ação desagregadora das bactérias, **no século XVIII**, não havia sido ainda colocado nenhum limite e, assim, não havia atividade humana, construtiva ou destrutiva, manifestação alguma de vida, a vicejar ou a fenecer, que não fosse acompanhada de fedor.<sup>111</sup>

\*\*\*

Chega a sua esposa, entra pelo portão com um cachorro no colo... tem a roupa suja, aspecto tão desleixado quanto o do marido... diz: \_ “Bem” (como se diz, “querido”...), eles vão levar os nossos filhos, não deixa... (ela chega com mais um cachorro recolhido da rua e a vizinhança na porta, já se acumula num grande número de pessoas, como se quisessem garantir que aquela ação não fosse interrompida).

Por favor, recolham os animais, diz o Promotor, que entra na viatura e sai com o carro lentamente, pela rua estreita.

O Sr. Alexandre tenta impedir, entra e volta com uma carteira, mostrando que é policial da reserva, sargento da Polícia Militar do Estado de São Paulo... impede a entrada dos soldados, inclusive empurrando um deles para fora da casa. Voltamos à “estaca zero”. Do lado de fora, todos nós aguardamos... ligamos na Promotoria Pública, o Promotor ainda está em trânsito, recebemos a orientação de ligar para a Polícia e requisitar a presença de um oficial... fazemos como instruídos... a vizinhança começa a tomar partido, dizendo que temos que invadir, à força ... sinceramente, tenho dúvidas do que fazer... sanitariamente eu sei, mas, eticamente... tenho dúvidas.

\*\*\*

## **Título II - Dos Direitos e Garantias Fundamentais**

### **Capítulo I - Dos Direitos e Deveres Individuais e Coletivos.**

**Art. 5º** Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade, nos termos seguintes:

(...) XI – a **casa é asilo inviolável do indivíduo**, ninguém nela podendo penetrar sem consentimento do morador, salvo em caso de flagrante delito ou desastre, ou para prestar

---

<sup>111</sup> Süskind, Patrick, O perfume, 1985, página 5. Grifo nosso.

socorro, ou, durante o dia, por **determinação judicial**; (Vide Lei nº 13.105, de 2015) (Vigêntes)<sup>112</sup>.

\*\*\*

Chega outra viatura e, de seu interior, sai um policial, um tenente, que se apresenta... bate palmas na porta da casa, toca a campainha e vem a esposa do Sr. Alexandre... ela entra de novo e chama o marido... ele vem, com “dedo em riste”, xingando e ameaçando... bastou... recebeu voz de prisão: \_ O senhor está preso por desacato à autoridade, impedimento do cumprimento de ordem judicial e desacato a funcionário público no exercício da função.

Ele resiste: \_ Não vou ser preso e ninguém vai entrar! Um soldado o segura pelo pulso, ele resiste, mas, outro já lhe puxa para fora da casa... seu corpo torce e ele cai na calçada, é idoso, muito magro, xinga, mas é algemado... braços para traz, uma das sandálias lhe saiu do pé... este que sangra, a pele fina, já prejudicada pelos fungos, não resiste ao arraste no solo, e se rompe... levantam-no, a mulher sai, grita com os policiais... agora temos policiais femininos que a afastam: \_ Senhora, afaste-se ou será, também, conduzida!

O Sr. Alexandre tenta manter a altivez, não se “verga” aos policiais, xinga inclusive o oficial. Não aguento, tenho que interceder: \_ S. Alexandre, por favor, tenha calma, queremos ajudá-lo, não vamos machucar o senhor nem os animais...

Ele responde: \_ Você é que é um animal, todos vocês, desgraçados, se eu me soltar vou pegar minha arma e matar todos vocês... ele entra na viatura, forçado, um dos policiais abaixa sua cabeça para que se acomode no banco traseiro... mais uma algema liga a corrente daquela que limita seus movimentos à uma barra de ferro em cima do banco traseiro... a viatura sai... a senhora pede que a levem junto mas é informada que deve acompanhar a retirada dos animais.

Entramos de novo na casa, os latidos voltam e pegamos os animais com cambão, um instrumento que envolve o pescoço deles, limitando seus movimentos e sua distância de nós. Os animais parecem desesperados, desconfiados, como que antevendo a mudança em seus destinos, mesmo que

---

<sup>112</sup> BRASIL. Constituição da república federativa do brasil. Texto promulgado em 05 de outubro de 1988.

anteriormente sofridos, com aspecto de moribundos, resistem se escondendo, latindo, uivando, rosnando, defecando e urinando, freneticamente.

\*\*\*

(Sobre Konstantin Makárytch)... Durante o dia, dormia na cozinha dos empregados ou gracejava com as cozinheiras, e à noite, enrolado num longo tulup<sup>113</sup>, andava ao redor da casa senhorial batendo sua matraca. Atrás dele, de cabeça baixa, iam a velha cadela Kachtanka e o cachorrinho Viún<sup>114</sup> que recebeu esse nome por ter cor escura e corpo comprido como o de uma doninha. Viún é extraordinariamente respeitoso e amigável, tem um olhar humilde, tanto para os seus como para os estranhos, mas não goza da confiança de ninguém. Por baixo do seu ar respeitoso e submisso, esconde-se uma dissimulação de jesuíta. Ninguém melhor do que ele para se aproximar sorrateiramente e dar uma mordida no pé de alguém, meter-se na despensa fria ou roubar uma galinha de um camponês. Já quebraram em várias ocasiões suas pernas traseiras, já o enforcaram umas duas vezes, surraram-no semanalmente até deixá-lo semimorto, mas ele sempre se safou.<sup>115</sup>

\*\*\*

Nem começamos o serviço e já estou muito cansado... a todo momento tenho dúvidas de como proceder... alguns vizinhos vêm ajudar, pegando os animais com as mãos: \_ Este aqui é manso, não precisa enforcar (não enforcamos, só contemos, fico desconfortável com a visão que têm de nosso serviço).

Os fogos voltam a ser ouvidos, o caminhão começa a encher, um caminhão baú, improvisado. Lá dentro, um agente de saúde abre e fecha a porta rápido, para que nenhum animal fuja...foram horas fazendo isto... três viagens, onde, na última, levamos as aves e coelhos... quanto mais tirávamos coisas, mais roedores (ratos urbanos) saiam do interior da casa.

As bombonas cheias de comida estragada começam a ser retiradas pelos coletores de lixo e a casa começa a mostra seus espaços, uma espécie de masmorra, cheia de meandros. Vamos embora... são 15:30 h., aproximadamente, e chegamos os Núcleo de Controle de Zoonoses. Foram contabilizados 101 cães (alguns brincam e falam dos 101 dálmatas, desenho de *Walt Disney*), amontoados devido ao pouco espaço que temos... são

---

<sup>113</sup> Capote comprido feito de pele, geralmente de ovelha, com o pêlo para dentro e apertado com cinto. (Nota do autor)

<sup>114</sup> Viún significa "enguia" em russo. (Nota do autor)

<sup>115</sup> TCHÉKHOV, Anton. A dama do cachorrinho e outras histórias. Tradução de Maria Aparecida Botelho Pereira Soares. Porto Alegre, RS: L&PM, 2010. Recurso digital. (L&PM Pocket v. 749). Página 24

separados por condição de saúde, avaliada clinicamente... ictericos, com sarna ou dermatites, caquéticos, com tosse, conjuntivite, são separados ... difícil missão... quase todos apresentam problemas.

Recebemos a visita das entidades de proteção animal que afirmam que somos assassinos, que infringimos direitos civis, que somos carrascos, veterinários discutem, aqueles das entidades de proteção e os nossos, da Secretaria de Saúde... não há consenso. Com a chegada do Promotor, fim de tarde, ao Núcleo, as discussões cessam... fechamos a Zoonoses, desta vez com os latidos de final de tarde “amplificados”.

No outro dia, logo cedo, percebemos que o odor também foi “amplificado”, e encontramos um “mar de fezes liquefeitas” nas celas coletivas. Por não estarem acostumados com o consumo de ração, o intestino, desregulado, produz fezes pastosas ou liquefeitas, e nos impressiona alguns animais eviscerados (abertos na região das vísceras, que foram consumidas pelos outros), fruto do confinamento, estresse, disputa por espaço, hierarquia, superpopulação (motivos não faltam).

Começamos a limpeza, com mangueira e desinfetante, mas, quanto mais retirávamos, mais eles produziam, continuavam defecando, urinando e, alguns, brigando pelo simples fato de que outro o encoste ou esteja deitado em um canto que aquele deseje. Separamos as brigas com banhos de água de mangueira e, aos mais incisivos, com gritos e contenção com o cambão. No primeiro dia, meia dúzia morreu e, ao final do segundo dia, sacrificamos mais dezesseis, que não sobreviveriam mesmo.

O Senhor Alexandre foi inúmeras vezes ao Núcleo, requerer seus animais (filhos como ele chamava) e soubemos que vendeu sua casa. Comprou uma propriedade na área continental da cidade, um pouco mais afastada, quando finalmente, recebeu autorização para retirar seus animais.

\*\*\*

Diante do desencadear até o momento irresistível mas negado, diante da negação organizada dessa tortura, algumas vozes se levantam (minoritárias, fracas, marginais, pouco confiantes em seu discurso, em seu direito ao discurso e na efetivação de seu discurso em um direito, dentro de uma declaração de direitos) para protestar, para apelar, voltaremos a isso, ao que se apresenta de maneira tão problemática ainda como os *direitos do animal*, para nos acordar para nossas responsabilidades e nossas obrigações em relação ao vivente em geral, e

precisamente a essa compaixão fundamental que, se fosse tomada a sério, deveria mudar até os alicerces (e é destes alicerces que eu queria me ocupar atentamente hoje) da problemática filosófica do animal.<sup>116</sup>

\*\*\*

Muitos dos recolhidos, além de morte natural ou eutanásia, foram adotados. Filhotes que sobreviveram foram todos adotados, inclusive tivemos dois casos de cadelas e inúmeros de gatas que geraram ninhadas, oriundos desta apreensão, dentro das celas do Núcleo.

Ao final, ele levou, menos de dez cães, nenhum dos gatos, aves ou coelhos. Sua esposa se agarrava aos remanescentes, chorava e chamava cada um pelo nome. Os animais foram todos castrados, sem exceção, inclusive os filhotes receberam um “vale castração” e foram monitorados, até o procedimento, além de vermifugados e vacinados contra a raiva. Esta experiência nos marcou muito, pois foi intensa e também prolongada. Todo o procedimento durou meses, e eu ainda não estava na Vigilância Sanitária Municipal.

Num salto de tempo, passam-se quatro anos e, na Vigilância sanitária, recebo um processo, da Promotoria Pública, intitulado “remoção de animais de residência da área continental de São Vicente”... abro e vejo o nome do Sr. Alexandre e de sua esposa... continuo a folhear o processo e parece uma cópia daquele que nos motivou a retirar os 101 cães e outros tantos animais. Ainda não tivemos ordem para execução, mas, as lembranças nunca me deixaram...



Fig. 27: cães acumulados em cômodo  
Fonte: Google imagens

<sup>116</sup> DERRIDA, Jacques, 1930- . O animal que logo sou (A seguir) / Jacques Derrida; tradução Fábio Landa. - São Paulo: Editora UNESP. 2002. Página 52



## 12 - UMA VIDA QUALQUER ENTRE OUTRAS QUE, DE TODO MODO, IMPORTA

O ser que vem é o ser qualquer  
Giorgio Agamben.<sup>117</sup>

\*\*\*

O urubú-de-cabeça-preta (*Coragyps atratus*) é uma ave cathartiforme da família Cathartidae. Seu nome científico vem do (grego) *korax* = corvo; e *gyps* = abutre, urubu; e do (latim) *atratus*, *ater* = **vestido de luto, preto, abutre preto**. Pertencente ao grupo dos abutres do Novo Mundo. Conhecido também como urubu-comum, corvo, urubu-preto e apitã.<sup>118</sup>

Faz algum tempo que não vou ao Sambaiatuba... da mesma maneira que me sinto aliviado, sinto que estou fazendo algo errado... não ir mais lá, compartilhar os problemas, tomar café, criticar... mesmo que seja para, no final da conversa, sentir que nada foi resolvido e que, do que foi tratado, quase nada ficará, além do odor frequente em todos os cantos do Parque...

\*\*\*

Na época de que falamos, reinava nas cidades um fedor dificilmente concebível por nós, hoje. As ruas fediam a merda, os pátios fediam a mijó, as escadarias fediam a madeira podre e bosta de rato; as cozinhas, a couve estragada e gordura de ovelha; sem ventilação, salas fediam a poeira, mofo; os quartos, a lençóis sebosos, a úmidos colchões de pena, impregnados do odor azedo dos penicos. Das chaminés fedia o enxofre; dos curtumes, as lixívias corrosivas; dos matadouros fedia o sangue coagulado. Os homens fediam a suor e a roupas não lavadas; da boca eles fediam a dentes estragados, dos estômagos fediam a cebola e, nos corpos, quando já não eram mais bem novos, a queijo velho, a leite azedo e a doenças infecciosas. Fediam os rios, fediam as praças.<sup>119</sup>

\*\*\*

O livro “ O perfume” retrata o século XVIII, a época da revolução industrial, reconhecida como aquela que mudaria os hábitos da humanidade, provocando mudanças geo-hidro-fito-morfológicas, causando consequências nos eventos climáticos, para alguns, irreversíveis. O quadro me parece atual, na descrição desta Europa antiga, tudo muito familiar.

\*\*\*

---

<sup>117</sup> **Giorgio Agamben** - filósofo italiano, autor de obras que percorrem temas que vão da estética à política. Seus trabalhos mais conhecidos incluem sua investigação sobre os conceitos de estado de exceção e *Homo sacer*.

<sup>118</sup> Urubú de cabeça preta. Disponível em: <http://www.wikiaves.com.br/urubu-de-cabeça-preta>

<sup>119</sup> SÜSKIND, Patrick. **O Perfume**. Editora Record. Rio de Janeiro/ São Paulo. 1985. Pg. 5 e 6.

Cheguei cedo, muito cedo naquele dia, poucos funcionários estavam no Parque, o cheiro de café na porta do escritório, os funcionários dizem: \_Oh, chefe, tudo bem? Como vai esta força? (eles já trazem o meu café, “pelando”, num copo de plástico de 250 ml, cheio... aliás, só o meu é cheio... sinto que me compensam, se tivessem que compensar algo, em café... meço a estima que têm por mim, pelo tanto de café em meu copo... é frequente que, quando acabe de tomar, eles venham com a cafeteira de vidro, já inclinada, falando: \_Pega mais chefe!!!).

Um deles fala: \_Você soube o que aconteceu aqui... do funcionário que morreu... coberto por lixo? Soube?

\_ Não \_ respondo, não soube... o que aconteceu?

Todos falam ao mesmo tempo, como se eu pudesse resolver algo, numa lamúria conjunta e quase uníssona, como um mantra ou canto gregoriano: \_ O cara morreu, era boa gente, “tava” aqui para fazer um “bico”, estourou ele todo por dentro, eu vi o cara morrer, olhei nos olhos dele...

Senti um frio incômodo e resolvi sentar para escutar... peço que alguém me explique...

\_ Olha, o cara era da CODESAVI, veio aqui “catar”, “prá” tirar um dinheiro extra... “tava” difícil “prá” ele. Chegou no final de tarde, falou com o pessoal e entrou na pilha... tava “catando”... de repente a pá virou “prá” ele e jogou todo o lixo em cima dele... enterrou ele, mais de uma tonelada... a gente escutou o grito e correu, todo mundo... eu vi a cara dele, assustado, “tava” morrendo... a gente começou a cavar no lixo, todo mundo, homem, mulher... veio gente do transbordo, das esteiras, da cooperativa... até da CODESAVI... tiramos ele em uns 10 minutos...

\_ “Tava” todo estourado por dentro... “tava” torto, com esta parte (põe a mão nas ancas), toda amassada... não conseguia respirar direito... tinha sangue saindo da boca mas não sei se era da cabeça também... os olhos “esbugalhados”, não conseguia falar, mas gritava de dor... o SAMU demorou um pouco, mas tiraram ele daqui, levaram, mas, não deu “prá” salvar...

\_ O cara era gente boa (diz outro)... eu vi ele outro dia no jogo... “tava” indo “prá” casa... a mulher dele teve filho há pouco tempo...

\_ Foi um monte de erros juntos... o Cavalheiro (operador da máquina), “tava” de férias, um dia antes... não sabia que “tava” de férias... “tava” na máquina e veio o encarregado dizendo que ele não devia estar ali, “prá” ir “prá” casa... a máquina parou e, no dia seguinte, do acidente, veio um cara novo... logo cedo ele bateu o cotovelo no vidro (na verdade, acrílico) da máquina e quebrou... colocaram um pedaço de acrílico por dentro, mas cinza escuro... o cara não tinha mais visão...

\_ O cara é um “nó cego”... o pessoal queria linchar ele e “por” fogo na máquina... só não fizeram porque tiraram ele daqui,, mas merecia... o cara não sabia operar a máquina direito... tem que olhar se tem alguém antes de virar a pá... eu mesmo, já subi na máquina, “só de onda” e dirigi... tem que ter prática... tem gente do lado... o cara não escuta se gritarem...

\_ Agora a família do Diego tá lá... quero ver quem vai sustentar a mulher e o filho... agora não vem ninguém ajudar... o Sambaiatuba é esquecido mesmo... os políticos não lembram da favela, mas daqui há pouco vêm “prá” pedir voto... vão subir no Parque prometendo um monte de coisas...

\_ Eu não voto nestes “porras”... se vier aqui, ainda vou xingar... vou falar do Diego... morreu ai, no lixão... conseguiu passar no concurso da CODESAVI, não vivia mais do lixão e, no dia em que vem fazer um “bico”, morre no lixão... é foda!

\_ É, viveu do lixão e morreu aqui...

\_ Quer mais café, chefe? pergunta Paulo.

\_ Quero... quero sim... (talvez para me sentir seguro... com aquele café que me diz que sou aceito ali).

\_Caramba, continuo, que coisa... quanta coisa em um só dia... o que ficou resolvido na CODESAVI... apuraram as responsabilidades... quem vai responder por isso?

Uma gargalhada só, de todos: \_ Isso aqui é Sambaiatuba... ninguém liga “prá nós”... o cara já morreu, já enterrou... o Cavalheiro voltou no dia seguinte... cancelaram as férias dele, pagaram em dinheiro...

\_ É, ficou tudo certo... (diz outro, desanimado).

Aos poucos, as pessoas dispersam, é hora de trabalhar... cada um com seus afazeres... fico eu e Paulo na sala...penso em saber um pouco mais, detalhes, entrelinhas do acontecido...

\_ Paulo, posso falar contigo? Me conta como foi em detalhes... você viu o acidente? Na hora em que aconteceu? Conhecia bem o rapaz?

Paulo tenta e, pela primeira vez (e única), vejo-o chorar... um choro sem som... para dentro, angustiado... começo eu a chorar também...

\_ Fábio, me desculpe, mas não vou falar (a voz dele quase não sai...).

Peço desculpas a ele, pela minha insensibilidade e minha insensatez, ao querer registrar o fato, como um jornalista... nunca mais falamos sobre isso...

Eu não conhecia o Diego

Durante muito tempo, antes da interdição da área, continuei vendo crianças, adolescentes e pessoas sem prática alguma, entrarem na pilha para “catar”...

\*\*\*

(...) pensar cada um, cada quem, tomado como o qualquer proposto por Agamben enquanto “o ser tal que, seja qual seja, ele importa” - o ser tal que de todo modo ele importe. Furtiva e aparentemente contraditória, esta enunciação de Agamben, à primeira vista, confronta uma posição de indiferença (qualquer) e uma outra de distinção (que importe), o que a tornaria insustentável. Entretanto, numa outra leitura, entrevê-se nesta formulação a aposta numa espécie de impessoalidade como elemento de diferenciação vital e suficiente, explicitada quando “a singularidade renuncia ao falso dilema que depreende o conhecimento a escolher entre o inefável do indivíduo e a inteligibilidade do universal”. Nesta acepção, o qualquer prescinde das qualificações e especificidades para determinar sua importância. Este qualquer migra seu entendimento para o qualquer um, que seria um outro modo, não homogeneizante e diferenciante, de dizer que são 'todos', cada um singularmente, sem depender de propriedades<sup>120</sup>

---

<sup>120</sup> INFORSATO, E. A. Desobramento: constelações clínicas e políticas do comum. Universidade de São Paulo - FEUSP, São Paulo, 2010. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-22042010-104547/pt-br.php>



Fig. 28: Talude no Parque Sambaiatuba – chorume e água  
 Fonte: <http://www.tribuna.com.br>

\*\*\*

Eu joga pérolas aos poucos ao mar	Lua cheia
Eu quero ver as ondas se quebrar	O tempo se apura
Eu joga pérolas pro céu	Maré cheia
Pra quem pra você pra ninguém	A doença traz a dor e a cura
Que vão cair na lama de onde vêm	E semeia
Eu joga ao fogo todo o meu sonhar	Grãos de resplendor
E o cego amor entrego ao deus dará	Na loucura
Solto nas notas da canção	Eu joga ao fogo todo o meu sonhar
Aberta a qualquer coração	Eu quero ver o fogo se queimar
Eu joga pérolas ao céu e ao chão	E até no breu reconhecer
Grão de areia	A flor que o acaso nos dá
O sol se desfaz na concha escura	Eu joga pérolas ao deus dará <sup>121</sup>

<sup>121</sup> WISNIK, José Miguel. Pérolas aos poucos (letra e música), do Cd homônimo - 2003.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sou mais a palavra ao ponto de entulho.

Amo arrastar algumas no caco de vidro, envergá-las pro chão, corrompê-las, - até que padeçam de mim e me sujem de branco.

Manoel de Barros

Em função do acúmulo de lixo, da falta de controle de acesso, que resulta principalmente na deposição de material de origem não conhecida, a Área de Transbordo foi interditada em 23 de janeiro de 2015 pela CETESB. Foi assinado Termo de Ajustamento de Conduta (TAC), onde foram impostas as seguintes obrigações ao município: Cessar, em definitivo, a disposição de resíduos no local, remover todo o resíduo existente no local e impedir novas disposições clandestinas de resíduos, o acesso de pessoas não autorizadas e animais domésticos.

Atualmente, o Pátio de Transbordo do Sambaiatuba ainda se encontra interditado, pela Cetesb e pela Promotoria Pública, devido às más condições do local. Incrivelmente, o poder público conseguiu piorar o que nunca foi apropriado e as condições do Parque são as piores possíveis. Mais nenhum equipamento funciona (cozinha industrial, projetos de reciclagem de casca de coco, informática, costura...) e o pior: não entra mais material algum no local

Em minha visão anterior, isto seria bom pois somente “lixo limpo”, seco, entra lá. Somente os recicláveis podem ir ao galpão (cujo telhado caiu), entretanto somente 4% do material potencialmente reciclável chega à cooperativa, havendo um prognóstico (otimista), de chegarmos a 15% em 20 anos. Hoje entendo que, de repente, retirar a possibilidade de “catar” na pilha, sem promover qualquer outra alternativa para os catadores é um ato nefasto.<sup>122</sup>

Hoje, revendo a situação, penso que tudo isto deveria ter tido a discussão do município com os catadores, que deveriam ter sido alertados

---

<sup>122</sup> Nefasto: *adjetivo* 1. *ant.* entre os antigos romanos, dia em que não se podia tratar de negócios públicos e tb. dia de luto em memória de algum acontecimento trágico. 2. de mau agouro; funesto. **"a imagem n. de urubus sobrevoando a carniça"**. 3. que evoca ou simboliza a ideia de morte; fúnebre, lutuoso. "a suástica é um símbolo n." 4. **que pode trazer dano, prejuízo; desfavorável, nocivo, prejudicial. "o poder n. do dinheiro"**. Fonte: <http://www.dicionarioinformal.com.br/>

desta possibilidade e soluções como a melhora da coleta seletiva, deveriam ter sido planejadas e implantadas. A dúvida permanece em mim: melhor antes, com as condições insalubres de catação (mas com possibilidade de renda) ou agora, com a presença de uns poucos cooperados em um ambiente pouco menos insalubre (com muitos sem renda). Anterior a esta pesquisa, não teria dúvidas, melhor a atual situação: “*As condições são insalubres e devem fazer outra atividade*” pregaria eu.

Sempre tive a impressão de que, ao estudar esta população, deveria estudar também outros seres que convivem com estes, entretanto, com uma visão diferente. Observar o comportamento de disputa, cooperação, hierarquização de urubus e roedores, de fato, me fez compreender um pouco mais de nossa natureza animal e, talvez, aceita-la.

A minha constante insegurança relativa a visitar tantos autores, filósofos, historiadores, pensadores, contadores de histórias, na escrita desta dissertação, foram, por vezes amenizadas, quando encontro no texto “Anotações a respeito de Deleuze e ética” (Orlandi, 2008), estes pensamentos:

**Abrindo minha caixinha de segredos: Joaninha**

Primeiramente, observem que essa caixinha, não tão pequena, tem uma superfície povoada por imagens de besouros, que são, conforme o Dicionário “Houaiss”, da família dos coccinelídeos, de pequeno tamanho, corpo semi-esférico, cabeça escondida pelo protórax e élitros de cores vivas em desenhos variados; tartaruguinha, tatuzinho **1.1** ENT joaninha (*Rodolia cardinalis*), originária da Austrália, que apresenta élitros de coloração vermelho-sanguínea decorados com manchas pretas; joaninha-australiana [Foi introduzida em várias partes do mundo para combater cochonilhas que atacam os pomares.] **1.2** ENT joaninha (*Cycloneda sanguinea*), de ampla distribuição nas Américas, que apresenta corpo quase redondo, coloração geral vermelha clara, com a cabeça e o protórax pretos; joaninha-vermelha **1.3** ENT joaninha (*Ciccinella septempunctata*), da Europa, que apresenta ger. de uma a sete manchas pretas sob fundo vermelho em cada élitro; a larva é azul com pintas amarelas. **Coccinelídeo**: ENT **3** fam. de besouros, da subordem dos polífagos, com cerca de 5.000 spp. conhecidas vulgarm. por joaninha, que apresenta corpo arredondado, convexo e freq. provido de coloração brilhante; adultos e larvas são ativos predadores de afídios. **Polífago**: ECO que ou aquele que se utiliza de uma ampla variedade de tipos de alimentos **Afídio**: Que não merece confiança. **Élitro** gr. *élutron*, ou 'invólucro, estojo; bainha (de espada

*Notem que, não sendo especialistas na matéria, somos obrigados a recorrer ao dicionário para podermos acompanhar a caracterização da 'Joaninha' do ponto de vista de uma simples*

*classificação biológica. Imaginem quão mais complexo é o conhecimento dos que praticam cotidianamente esta ou aquela das ciências ligadas às pesquisas biológicas. Também em filosofia, e mesmo no estudo cotidiano de um único filósofo, mergulhamos numa complexidade não menos exigente.*

*Isto me preocupa num encontro como este, pois é quase certo que, nem eu e nem vocês, sairemos daqui com um conhecimento suficientemente seguro do campo conceitual implicado no pensamento deleuzeano. **Tentemos capturar pelo menos algum aspecto desse pensamento.**<sup>123</sup> E teremos de fazer isso sem ao menos o socorro de um dicionário que nos situaria Deleuze do ponto de vista da sua distribuição em gêneros, espécies, famílias, reinos etc, pois não é assim que funciona uma séria pedagogia dos conceitos filosóficos.*

Este pequeno fragmento de texto me trouxe a reflexão de como eu poderia utilizar, tantos outros fragmentos, de autores cujo pensamento eu não conheço densamente e, ainda assim, apresentá-los em minha pesquisa. Compreendi, com esta jornada, que estes autores poderiam me acompanhar e comparecer aos problemas, aqueles que encontrei e/ou que me foram apresentados durante a pesquisa, para auxiliar-me na aproximação do que se passou.

Muitas falas de outros ecoavam com aquilo que estudava, que procurava compreender e, como um “catador de experiências”, coloquei-os em meu saco, também.

Minha formação está muito mais próxima a taxonomia de invertebrados, particularmente aos artrópodes, pois ainda trabalho com entomologia aplicada, estudando o comportamento destes seres e como controla-los, se forem de interesse médico (poder-saber). Esta dicotomia que acreditava existir, entre o que está escrito por um autor (ciência, supostamente da “realidade dos fatos” no modelo positivista) e o que poderia ser referido em uma experiência de pesquisa (produção de experiências como “ficção” portanto, uma “não seria” ciência), guardadas as devidas proporções de métodos e validades, “caiu por terra”. Paradigmas diferentes não precisam ser, necessariamente opostos, é preciso habitar paradoxos, ecos e complementaridades em teias, redes (com seus “nós em nós”), constelações ou qualquer outra imagem que enuncie relação entre diferentes perspectivas de ciências.

---

<sup>123</sup> Grifo nosso



A minha relação com a comunidade do Sambaiatuba, na tentativa de identificar suas vontades, saúdes, prioridades, ecologias, através de uma relação intencionalmente (de minha parte) “colada” a eles, só conseguiu se estabelecer (em parte) por uma relação com a devida “frouxidão”, sem perder o *rigor* da pesquisa e dos encontros se estabelecido, quando solicitado, por ambas as partes. Enquanto tentei *rigidamente*, à força, estabelecer discursos e retirar aquilo que acreditava tanto, fracassei, e, evolvi-me com ironia, desobediência e uma certa violência implícita nas suas falas. Um desafio foi ser rigoroso, sem ser rígido. No decurso da pesquisa desloquei-me um tanto da rigidez (dos primeiros movimentos) em favor do rigor conceitual e de pesquisa<sup>124</sup>,

A produção de dados, antes chamada de coleta de dados, tinha a prerrogativa de que colheria os dados puros, que estes já estavam lá, me esperando para serem desvelados/descobertos. Com a nova perspectiva de reconstrução/produção dos dados da fase de estudo entre 2007 e 2009, transformando-os em narrativas e utilizadas posteriormente como disparadores de pensamentos, pude então extrair algo que também me reconstruiu e a própria pesquisa ao modo de peças de madeira atadas umas às outras com uma consistência viva e somente com o liame necessário. Uma imagem que ressoa com esses movimentos e tentativas de investigação encontrei no que Fernand Deligny<sup>125</sup> chamou de Jangada:

*Usei a imagem da jangada para evocar o que está em jogo nessa **tentativa**, nem que seja para dar a ver que ela deve evitar ser sobrecarregada, sob pena de afundar ou de virar, caso a jangada esteja mal carregada, a carga mal distribuída [...] Uma jangada, sabem como é feita: há troncos de madeira ligados entre si de maneira bastante frouxa, de modo que quando se*

---

<sup>124</sup>Muitas vezes usadas indistintamente, vale a pena matizar as possíveis diferenças entre rigor e rigidez. Rigor aponta para tenacidade, persistência, obstinação, preocupação com a exatidão (mesmo sabendo que ela não é alcançável). Rigidez aponta para o estado daquilo que não cede à flexão ou à pressão, que é duro, inflexível e intransigente. Mesmo que suas raízes etimológicas sejam as mesmas, é fácil compreender que “ser rigoroso no uso de uma teoria” não é o mesmo que “ser rígido no uso de uma teoria”.

<sup>125</sup> Fernand Deligny foi escritor, cineasta, pedagogo, sobretudo um obstinado e solitário experimentador de modos de existência coletiva, que ele chamava de “tentativas”, ou “jangadas”. Dedicou parte de sua vida à construção de um lugar de vida para crianças autistas, na França. Sua obra, constituída de textos, fotos, mapas e desenhos, foi reunida por Sandra Alvarez de Toledo em *Oeuvres* (L’Arachnéen). In: Cadernos de subjetividade (2013), pág. 90. Disponível em: <https://cadernosdesubjetividade.wordpress.com>

*abatem as montanhas de água, a água passa através dos troncos afastados. Dito de outro modo: não retemos as questões. Nossa liberdade relativa vem dessa estrutura rudimentar, e os que a conceberam assim – quero dizer, a jangada – fizeram o melhor que puderam, mesmo que não estivessem em condições de construir uma embarcação. Quando as questões se abatem, não cerramos fileiras – não juntamos os troncos – para constituir uma plataforma concertada.*

*Justo o contrário. Só mantemos do projeto aquilo que nos liga. Vocês veem a importância primordial dos liames e dos modos de amarração, e da distância mesma que os troncos podem ter entre eles. É preciso que o liame seja suficientemente frouxo e que ele não se solte.*

O desconforto da coleta/produção de dados, entre o forte e característico odor, ainda habita minha memória olfativa, entre os urubus-de-cabeça-preta e roedores, moscas entrando em nossas bocas e narizes e a disputa inicial entre a prioridade deles (de “catar” algo de valor no monturo de lixo) e a minha (de conseguir algo que pudesse compor uma linha de pensamento no discurso deles/meu).

Dentro deste cenário, tive que subir nas pilhas, buscá-los entre os urubus, ouvir suas queixas, separar suas brigas e tomar de seu café, quando me mostraram necessidades e prioridades diferentes, tempos e ecologias diferentes.

Desses monturos que fazem parte da paisagem do Sambaiatuba e que se movimentam constantemente (como as dunas de um deserto), surgem sempre eles, com suas dores, suas alegrias, suas necessidades, seus medos e certezas... vão e voltam, todos os dias, como que renascendo na esperança de um “hoje” melhor... parece que o amanhã é muito distante (a fome é hoje) e, talvez, ontem seja difícil demais para lembrar.

Nietzsche, em seu livro *Humano demasiado humano – Um livro para espíritos livres* (2000). diz:

*(...) quando a dor e a necessidade tiverem assim aparecido, então algo de novo e nobre poderá ser inoculado nos pontos feridos. Toda a sua natureza o acolherá em si mesma e depois, nos seus frutos, fará ver o enobrecimento.*

Posso afirmar que encontrei nobreza também na comunidade do Sambaiatuba. Na **pobreza** encontrei *usos de tudo sem terem não*, valores invertidos (em minha concepção), encontrei **nada de próprio**, tristezas, alegria

no fato de estar vivo. Encontrei o problema contemporâneo de que: (...) **o contrário da pobreza não é a riqueza, mas a miséria** e que, das três, somente a pobreza tem o sentido de uma perfeição. **A pobreza** designa o estado daquele que pode usar tudo não tendo nada como próprio e a **miséria** o estado daquele que não pode usar nada, seja porque tenha em excesso, seja porque o tempo lhe falte, seja porque seja sem comunidade<sup>126</sup>.



Fig. 29: Nascimento, descansando de trabalhar, mesmo com a mão ferida  
Fonte: Arquivo pessoal

Entendemos que o “modelo” de saúde apresentado inicialmente a esta comunidade não produzia efeitos em ressonância com eles, sua organização diferia, em muito, daquelas preconizadas pelas normatizações. Como fazer uma prática sem um modelo de prática e saúde? Mais do que abrir mão dos modelos — o que não quer dizer afundar na mera intuição ou espontaneidade — talvez nesse percurso de investigação tenha problematizado o estatuto do modelo (uma espécie de desvio no jogo do modelo e da falta.) em tensão com uma operação de desgarramento pela via das ações no Sambaiatuba e suas precariedades, uma descrença em ato, por deserção, das alternativas ideais que nos rodeiam e dos moldes de possibilidades que nos são apresentados.

A necessidade de transpassar e ser transpassado pelos modos de viver daquela comunidade, foram essenciais, para discutir este trabalho que só foi

---

<sup>126</sup> TIQQUN. *Théorie du Bloom*. Paris: La Fabrique, 2000. pp. 88-92. (Trad.: Vinícius Nicastro Honesko. Disponível em <http://flanagens.blogspot.com.br/2012/06/partilhemospobreza-nao-miseria.html>. Acesso em 07/08/2015)

possível, quando uma disponibilidade de pesquisa, permitiu-me passear com um “saco” e “catar” saúdes e singularidades com os olhos de quem quer enxergar no escuro do contemporâneo e avizinhar-se de seus mundos.

Surpreendentemente, na fase de conclusão de escrita desta dissertação, senti um desconforto similar, ao adentrar em áreas do pensamento e da alma. Sentia outros odores e sons, dos quais a minha biologia ainda não se apropriou. Permitir-me olear o corpo ou aceitar as sujidades que surgem a cada nova leitura, colocar em dúvida a minha “casta” formação biologicista e minhas certezas metódicas, construídas em cima de legislações, manuais e treinamentos.

Dentro destes conceitos, sei que ainda não piso firme, a exemplo da pasta, escorregadia, que é o pátio da Sambaiatuba... assim sou eu, nestes novos conceitos: tento andar por eles, escorrego muito, mas insisto em caminhar neste novo terreno.

Trabalhei com muitas figuras de linguagem e, inclusive as figuras (fotos) que utilizei neste trabalho, nem sempre, estavam “diretamente contextualizadas, mas sinto-as conectadas às situações, de maneira que produzam interesse em pensar acerca de tais questões. Se tivesse que iniciar um novo trabalho, na mesma comunidade, iria com um “saco”, figura bastante utilizada na linguagem da dissertação, como também no dia-a-dia de coletores e catadores...saco este cheio de ideias, normas, dúvidas, desejos, forças, medos e os convidaria a despejar o conteúdo de seus sacos, para juntos, fazermos a catação... pensei muito nisto.

Utilizando outra figura, aquela de que as abelhas são indispensáveis à polinização de mais de 80% das espécies vegetais, este trabalho pretende, às vezes, operar mais por polinização do que por produção de mel. O que quero dizer é que, hoje, não tenho a pretensão de um produto final acabado, mas de polinizar, com pensamentos, fragmentos, provocações... levar em minha “corbícula”<sup>127</sup> do pensamento, algo que possa trazer “material” para produção futura, minha e de quem mais possa se interessar. Segundo PELBART (2014):

---

<sup>127</sup> A corbícula ou cesta de pólen é a parte da tíbia da perna traseira da abelha, presente em quatro tribos de *Apinae* (subfamília da família *Apidae*): abelhas melíferas, mamangava, abelhas sem ferrão e abelhas-das-orquídeas. Devido a isto, elas também são chamadas de abelhas corbiculadas.

“Se a imagem da polinização convém a Deleuze, é antes aquela operada pelo vento anônimo do que pelo inseto industrioso” ... é deste vento que sinto, poder fazer parte.

Cheguei ao Sambaiaatuba, em 2007, com tudo muito pronto, muito organizado... discursos, prioridades e normatizações de saúde...da única saúde que conhecia... logo “esvaziei” e depois de muito tempo, percebi que haviam outras saúdes a catar. Como trabalhei com palavras e conceitos, sinto que a *etimologia* das palavras (estudo da origem e do significado de palavras) e a *etologia* (estudo dos padrões de comportamento) foram mais importantes que a *etiologia* das doenças (estudo das causas), esta última, minha única companheira, por anos.

Tenho que registrar de que não se trata somente da palavra, da etimologia pelo significado, mas, também, e principalmente, de conceitos, onde estão implicadas questões éticas, de mundos de visões, de intenções.

Segundo Foucault (1994, pág. 211), “*Faire la critique, c’est rendre difficile les gestes trop faciles*”, que em tradução livre: “*Fazer a crítica é tornar difíceis os nossos gestos demasiadamente fáceis*”, me faz refletir acerca da responsabilidade dos conceitos éticos, políticos, atitudinais que assumimos.

Houve, durante muitas investidas à aquela comunidade, a tentativa de retirar as sujidades de seus discursos, mas foram nestas que surgiram as preciosidades que me motivaram a pensar. Fui para catar e acabei, **também**, por garimpar... nada claro ou só escuro. Espero que este trabalho possa colaborar com outros pesquisadores que se aventurem a subir os monturos, sejam eles quais forem pois, provavelmente, lá estará o que precisam saber, mas nem sempre o que esperariam encontrar.



Fig. 30: Pontos no céu que se fecha (*Coragyps atratus*)  
Arquivo pessoal

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

“Tudo o que sabemos é nada, somos meros cestos cheios de papel usado...a não ser que estejamos em contato com aquilo que ri de todo o nosso conhecimento”.

D. H. Lawrence

AGAMBEN, Giorgio. **A comunidade que vem**. Título original: *La Comunità che viene*. Tradução de: António Guerreiro Editorial Presença. Lisboa. 1993.

AMMAN, Safira Bezerra. **Ideologia do desenvolvimento de Comunidade no Brasil**. Ed. Cortez, 10ª edição, 2003.

BAUMAN, Zygmunt. **Comunidade. A busca por segurança no mundo atual**. Tradução: Plínio Dentzien. Jorge Zahar Editor. Rio de Janeiro. 2003.

BECK, Ulrich. **La Sociedad del riesgo: Hacia una nueva modernidad**. Barcelona: Paidós Básica, 2002. p. 237.

BEZERRA, Benilton jr. “**O Ocaso da Interioridade e Suas Repercussões sobre a Clínica**”. In Plastino (org.). “Transgressões”. Rio: Contra Capa/Rios Ambiciosos, 2002.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Texto promulgado em 05 de outubro de 1988.

BUARQUE, Chico. “**Ode Aos Ratos**” Cd: Carioca. 2006

CALVINO, Italo. **As Cidades Invisíveis**. São Paulo, Cia da Letras: 1991.

CARVALHO, Denise Barros. **A crise dos sentidos: modernidade líquida e o esvaziamento da experiência sensorial**. ISSN 2178-5880. Cadernos do PET Filosofia – Volume 2, Nº 3, 2011.

CASTRO, Eduardo viveiros. Entrevista com Eduardo Viveiros de Castro: “**O que se vê no Brasil hoje é uma ofensiva feroz contra os índios.**” Disponível em: <http://oglobo.globo.com/cultura/livros/eduardo-viveiros-de-castro-que-se-ve-no-brasil-hoje-uma-ofensiva-feroz-contra-os-indios>  
Acesso em 22 08 2015

CORBIN, Alain. **Saberes e odores: o olfato e o imaginário social nos séculos XVI II e XIX / Alain Corbin**; tradução Ligia Watanabe. -- São Paulo: Companhia das Letras,1987.

COSER, Orlando. **Psiquiatria, hereditariedade e genética preditiva**. Estados Gerais da Psicanálise: Segundo Encontro Mundial, Rio de Janeiro 2003. Tema 2: Neurociências e Psicanálise Sub-tema 2.d: A psiquiatria biológica e o controle do social. Disponível em:

[http://egp.dreamhosters.com/encontros/mundial\\_rj/download/2d\\_Coser\\_129161003\\_port.pdf](http://egp.dreamhosters.com/encontros/mundial_rj/download/2d_Coser_129161003_port.pdf)

DANOWSKI, Déborah; de CASTRO, Eduardo Viveiros . **Há mundo por vir? Ensaio sobre os medos e os fins**. Desterro [Florianópolis]. Cultura e Barbárie: Instituto Socioambiental, 2014.

DECLARAÇÃO DE ESTOCOLMO. **Declaração da Conferência de ONU no Ambiente Humano, Estocolmo, 5-16 de junho de 1972, (tradução livre)**. Disponível em: [www.mma.gov.br/estruturas/agenda21/\\_arquivos/estocolmo.doc](http://www.mma.gov.br/estruturas/agenda21/_arquivos/estocolmo.doc)

DELEUZE, Gilles. **Foucault**. Editora Brasiliense S.A. São Paulo. 1998 (4ª impressão). Anexo: Sobre a morte do homem e do super-homem.

DELEUZE, Gilles. **Lógica do Sentido**. Trad. Luiz Roberto Salinas Fortes. São Paulo: Perspectiva, 1974.

DELEUZE Gilles. **Conversações**. Trad. Br. de Peter Pál Pelbart, São Paulo, Ed. 34, 1992.

DELEUZE, Gilles. **Crítica e Clínica**. Trad. Peter Pál Pelbart. São Paulo: 34, 1997.

DELEUZE, Gilles. **Diferença e Repetição**. Trad. Luís Benedicto Lacerda Orlandi e Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

DELEUZE, Gilles. **Espinosa: Filosofia Prática**. Tradução de Daniel Lins e Fabien Pascal Lins. São Paulo: Escuta, 2002.

DELEUZE, Gilles. **Logica do Sentido**. Trad. Luiz Roberto Salinas Fortes. São Paulo: Perspectiva, 1974.

DELEUZE, Gilles; GUATARI, Félix. **Mil Platôs. Capitalismo e Esquizofrenia**. Coleção Trans. Editora 34. Vol. I. 2.000. Disponível em: <http://copyfight.me/Acervo/livros/DELEUZE,%20Gilles%3B%20GUATTARI,%20Fe%CC%81lix.%20Mil%20Plato%CC%82s,%20Vol.%201.pdf>

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs, Capitalismo e Esquizofrenia, vol. IV**. Tradução Aurélio Guerra Neto, Ana Lúcia de Oliveira, Lúcia Cláudia Leão e Suely Rolnik. Coordenação da tradução Ana Lúcia de Oliveira..Editora 34. 1ª Edição. 1997

DELEUZE, Gilles. Transcrição da entrevista: **O abecedário de Gilles Deleuze (1998)** disponível em: <http://www.oestrangeiro.net/esquizoanalise/67-o-abecedario-de-gilles-deleuze> Acesso em 31 03 2015.

DELEUZE. Gilles e GUATTARI, Félix. **O Anti-Édipo, Capitalismo e Esquizofrenia**. Tradução e notas de Luis Orlandi. Editora 34, 2010.

DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. **Diálogos**. Editora Escuta. 1998. São Paulo.



DERRIDA, Jacques. A farmácia de Platão. Tradução Rogério Costa. 3ª edição revista - Ed. Iluminuras. 2005.

DERRIDA, Jacques. O animal que logo sou (A seguir) / Jacques Derrida; tradução Fábio Landa. - São Paulo: Editora UNESP. 100 páginas. 2002.

Ecologia USP. Capítulo XIII. **Comportamento anti predatório**. Disponível em: [ecologia.ib.usp.br/bie212/aulas2015/comportamento.pdf](http://ecologia.ib.usp.br/bie212/aulas2015/comportamento.pdf).

ESPOSITO, Roberto. **Bios: biopolítica e filosofia**. Trad. M. Freitas da Costa. Lisboa. Edições 70. 2004.

FREUD, Sigmund. Obras completas volume 10. Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia relatado em autobiografia (“o caso Schreber”), artigos sobre técnica e outros textos (1911-1913). Tradução Paulo César de Souza. 2011.

FREUD, Sigmund. Obras completas volume 15. Psicologia das massas e análise do eu e outros textos (1920-1923). Tradução Paulo César de Souza. 2011.

FURTADO, Jorge. **Ilha das Flores** (roteiro original em dezembro/1988). Produção: Casa de Cinema de Porto Alegre – Trecho do filme. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=e7sD6mdXUyg>

GARCIA, Óscar Castro. **Jakob von Uexküll: El concepto de Umwelt y el origen de la biosemiótica**. Trabalho de investigação: DEA Doutorado em Filosofia. NIF:43686297M Setembro de 2009.

GRIMBERG, Elisabeth **Coleta seletiva com inclusão social: Fórum Lixo e Cidadania na Cidade de São Paulo. Experiência e desafios**. -- São Paulo: Instituto Pólis, 2007. 148p. (Publicações Pólis, 49).

INFORSATO, E. A. **Desobramento: constelações clínicas e políticas do comum**. Tese (Doutorado). 217f. Programa de Pós-Graduação em Educação, Linha de Pesquisa Filosofia e Educação, da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo - FEUSP, São Paulo, 2010.

KANT, Immanuel. **Começo conjectural da história humana**. Cadernos de Filosofia Alemã nº 13 – jan.-jun. 2009. Disponível em: <http://ficem.fflch.usp.br/sites/ficem.fflch.usp.br/files/Comecoconjetural.pdf>

KASTRUP, Virgínia. Palestra de Virgínia Kastrup: **Produção de dados numa pesquisa intervenção: estratégias, momentos e desafios**, realizada no dia 01 de dezembro de 2014 no Anfiteatro da Unidade Ana Costa da Universidade Federal de São Paulo – Campus Baixada-Santista Organização: LEPETS – Laboratório de Estudos e Pesquisas em Formação e Trabalho em Saúde.

KASTRUP, V. **Políticas cognitivas na formação do professor e o problema do devir-mestre**. Educ. Soc., Campinas, v. 26, n. 93, p. 1273-1288, Set/Dez.

2005. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/es/v26n93/27279.pdf>> Acesso em: 15 agosto. 2014.

KIECOLT-GLASER, J.K.; HEFFNER, K. L.; GLASER, R; MALARKEY W.B.; PORTER K.; ATKINSON C.; LASKOWSKI B.; LEMESHOW, S; MARSHALL GD. How stress and anxiety can alter immediate and late phase skin test responses in allergic rhinitis. 2009 Jun;34(5):670-80. doi: 10.1016/j.psyneuen.2008.11.010. Epub 2009 Jan 15. Disponível em: [http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/19150180?ordinalpos=1&itool=EntrezSystem2.PEntrez.Pubmed.Pubmed\\_ResultsPanel.Pubmed\\_DefaultReportPanel.Pubmed\\_RVDocSum](http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/19150180?ordinalpos=1&itool=EntrezSystem2.PEntrez.Pubmed.Pubmed_ResultsPanel.Pubmed_DefaultReportPanel.Pubmed_RVDocSum)

MACHADO, Roberto. **Trecho da transcrição da palestra de Roberto Machado (UFRJ) realizada no PPGeducação –UFRGS** no segundo semestre de 1995.

MAKISHI, Fausto; SILVA, Vivian Lara dos Santos. **Cooperativas de reciclagem de resíduos sólidos como veículo de desenvolvimento sustentável: o caso da COOPERCIAL e a reciclagem dos resíduos do coco verde**. APRESENTAÇÃO ORAL-Instituições e Desenvolvimento Social na Agricultura e Agroindústria. FZEA/USP, PIRASSUNUNGA - SP - BRASIL. 2010. Disponível em: <http://www.sober.org.br/palestra/15/637.pdf>

MANTERO, Vera. **É preciso olear o espírito**. Laboratório de sensibilidades. Postado em 03/03/2012. Disponível em: <https://laboratoriodesensibilidades.wordpress.com/2012/03/03/e-preciso-olear-o-espírito/>.

MANTERO, Vera. **Elipse – Gazeta Improvável**, Relógio D'água Editores Ltda, Lisboa, Portugal- 1998.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 7ª edição. Editora Atlas, São Paulo-SP. 2010.

MARTEL, Yann. As aventuras de Pi / Yann Martel ; tradução Maria Helena Rouanet. – Rio de Janeiro : Nova Fronteira, 2012. Tradução de: Life of Pi ISBN 978-85-209-3313-8. 318 páginas.

MORAES Jr., José de Assis. **Para uma análise cartográfica da subjetividade na escola a partir de Nietzsche, Deleuze e Guattari**. ISSN 1984-3879, SABERES, Natal – RN, v. 1, n.6. 2011. Disponível em: [ufrn.emnuvens.com.br/saberres/article/download/936/863](http://ufrn.emnuvens.com.br/saberres/article/download/936/863)

NANCY, Jean-Luc. **O intruso**. Tradução: Pricila C. Laignier, com a colaboração de Ricardo Parente e Susan Gugenheim. Paris, Éditions Galilée, 2000.

NANCY, Jean-Luc. Entrevista com Jean Luc Nancy (legendas em espanhol) ao programa “*Por una Nueva Belleza*”. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=St6f6-Sy0Hk>

NIETZSCHE, Frederico. **A Genealogia da moral**. Tradução de Carlos José de Meneses. Guimarães e Companhia Editores. 2009.

NIETZSCHE, Friedrich. **Humano, demasiado humano – Um livro para espíritos livres**. Cia das Letras, São Paulo, 2000.

NIETZSCHE, Friedrich. **Obras Incompletas**. Seleção de textos de Gérard Lebrun. Tradução e notas de Rubens Rodrigues Torres Filho. Posfácio de Antônio Cândido. 1999, Editora Nova Cultura São Paulo- SP

NIETZSCHE, Friedrichi. **O crepúsculo dos ídolos ou a filosofia a golpes de martelo**. Tradução: Edson Bini Márcio Pugliesi (Universidade de São Paulo). *Do Original Alemão: GÖTZEN-DÄMMERUNG*. 2.001 by Hemus.

ORLANDI, Luiz B. L. **Anotações a respeito de Deleuze e ética**. Dep. de Filosofia – Ifch-Unicamp. Núcleo de Estudos da Subjetividade – Puc-SP. 29 de agosto de 2008.

PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia, da ESCÓSSIA, Liliana. **Pistas do método de cartografia. Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Editora Sulina. Porto Alegre. 2009.

PELBART, Peter Pal. **“A comunidade dos sem comunidade”**. In: **Vida Capital**. Ensaios de Biopolítica. Editora Iluminuras, São Paulo,

PELBART, Peter Pál .**A Nau do Tempo-Rei. 7 Ensaios sobre o Tempo da Loucura**. Série Logoteca — Imago. 1993.

PELBART, Peter Pál. In: **A Vertigem por um Fio: Políticas da Subjetividade Contemporânea**. São Paulo: Iluminuras/FAPESP, 2000.

PELBART, Peter Pál. **Da polinização em filosofia** 2014. Disponível em: <http://deleuze.tausendplateaus.de/wp-content/uploads/2014/10/Da-poliniza%C3%A7%C3%A3o-em-filosofia-Artigo-de-Peter-P%C3%A1l-Pelbart.pdf>

PELBART, Peter Pál. **Trechos da palestra: Vida e morte em contexto de dominação biopolítica**. Conferência realizada no IEA-USP em três de outubro de 2008. Disponível em [https://www.youtube.com/watch?v=3QrgXF0\\_5Ac](https://www.youtube.com/watch?v=3QrgXF0_5Ac). Acesso em 07/04/2015

PELBART, Peter. **Vida Capital. Ensaios de Biopolítica**. Editora Iluminuras. São Paulo, 2003.

PELBART, Peter Pál. **Vida nua, vida besta, uma vida**. Em obras trópico/documenta. 2006. Disponível em: <http://p.php.uol.com.br/tropico/html/textos/2792,1.shl>

PMGIRSSV - Plano Municipal de Gestão Integrada de Resíduos Sólidos de São Vicente. Versão preliminar para consulta pública .364 páginas. 2015.

PRADO, Marcos. Filme: **Estamira** - 2004). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=jSZv8jO9SAU>

RABINOW, Paul. **Antropologia da Razão**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1999.

ROLNIK, Sueli. *In*: **Funeral de Michael Jackson é destaque da penúltima mesa do Seminário Internacional Emoção e Imaginação**. Disponível em: <http://administrativocasper.fcl.com.br/>

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de Santana. **Concepções de limpeza (Equipamentos da casa brasileira—usos e costumes. Arquivo Ernani Silva Bruno)**. Disponível em <http://museucasaalcantara.blogspot.com.br/p/vitrine-tematica.html>. Acesso em 01 04 2015.

SÜSKIND, Patrick. **O Perfume**. Editora Record. R i o de Janeiro/ São Paulo. 1985.

TCHÉKHOV, Anton. **A dama do cachorrinho e outras histórias**. Tradução de Maria Aparecida Botelho Pereira Soares. Porto Alegre, RS: L&PM, 2010. recurso digital. (L&PM Pocket v. 749).

TCHÉKHOV, Anton. **Sobranie Sotchinieni (Obras reunidas)**. Moscou: Khudojestvennaia Literatura, 1963.

TIQQUN. *Théorie du Bloom*. Paris: La Fabrique, 2000. pp. 88-92. (Trad.: Vinícius Nicastro Honesko. Disponível em <http://flanagens.blogspot.com.br/2012/06/partilhemos-pobreza-nao-miseria.html>. Acesso em 07 08/2015

VELOSO, Caetano. *Música sobre texto de Joaquim Nabuco: Noites do Norte*, do CD homônimo (2000).

VIEIRA. Padre Antonio. *Sermão do Bom Ladrão (1655)*. Disponível em <http://www.literaturabrasileira.ufsc.br/documentos/?action=download&id=28740>

WEBER, Bernard. **O Império das Formigas- Volume 1 (As Formigas)**.

WISNIK, José Miguel. *Pérolas aos poucos (letra e música)*, do Cd homônimo - 2003.

ZOURABICHVILI, F. *Deleuze: une philosophie de l'événement*. PUF, Paris, 2004.

## ANEXO 1 – Comitê de ética



COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

Data: 24-07-2011 10:13:22

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO/HOSPITAL SÃO PAULO

Página 1/2

id = 2506

São Paulo, 22 de Maio de 2009

CEP 0703/09

Ilmo(s). Sr(a).  
Pesquisador(a) Fábio Lopes Corrêa da Silva  
Co-Investigadores:  
Disciplina/Departamento da  
Universidade Federal de São Paulo/Hospital São Paulo  
Patrocinador (Recursos Próprios)

### CARTA DE APROVAÇÃO E PARECER CONSUBSTANCIADO DO COMITÊ DE ÉTICA INSTITUCIONAL

Ref: Projeto de pesquisa intitulado:

**'O conceito de Saúde na definição de uma comunidade do Parque Ambiental Sambaiautuba- São Vicente/SP'**

ÁREA TEMÁTICA ESPECIAL: Não há necessidade de envio à CONEP para análise

CARACTERÍSTICA DO ESTUDO: Observacional

RISCO PACIENTE: Sem risco, desconforto mínimo, sem procedimento invasivo

OBJETIVOS: Descrever o conceito de saúde, entendido pela população de "catadores" do Parque Ambiental Sambaiautuba e suas necessidades.

RESUMO: Será desenvolvida uma pesquisa de caráter exploratório, descritiva, construída a partir de abordagem quantitativa e qualitativa. Os dados serão obtidos através de sessões de grupo focal e anotações do diário de campo, com o objetivo de delinear os principais aspectos que determinam o conceito de saúde desta população. Serão levantados dados epidemiológicos para possíveis correlações com os dados levantados nos grupos focais. O registro das sessões será feito através de um gravador digital e de anotações no diário de campo. Poderão ser filmados alguns momentos destas sessões, para a produção de um filme de curta metragem.

FUNDAMENTAÇÃO RACIONAL: A prefeitura de São Vicente desativou o antigo "lixão" de Sambaiautuba, promovendo na área, várias ações, a fim de minimizar os impactos causados e transformar o local em um Parque Ecológico. Embora tenha havido mudanças significativas no contexto da população de catadores, estes ainda vivem em condições abaixo das aceitáveis.

MATERIAL E METODO: Estão descritos os procedimentos a serem realizados, apresentando carta de autorização do local onde o estudo será conduzido

TCLE: Adequado, contemplando a resolução 196/96

DETALHAMENTO FINANCEIRA: Sem financiamento externo

CRONOGRAMA: 3 meses

OBJETIVO ACADÊMICO: Mestrado

PRIMEIRO RELATÓRIO PREVISTO PARA: 27/05/2010, os demais relatórios deverão ser entregues ao CEP anualmente até o término do estudo

O Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de São Paulo/Hospital São Paulo ANALISOU e APROVOU o projeto de pesquisa referenciado.

1. Comunicar toda e qualquer alteração do projeto e termo de consentimento livre e esclarecido. Nestas circunstâncias a inclusão de pacientes deve ser temporariamente interrompida até a resposta do Comitê.
2. Comunicar imediatamente ao Comitê qualquer evento adverso ocorrido durante o desenvolvimento do estudo.
3. Os dados individuais de todas as etapas da pesquisa devem ser mantidos em local seguro por 5 anos para possível auditoria dos órgãos competentes.

Atenciosamente,

Rua Botucatu, 572 - 1º andar - conj 14. CEP 04023-062 - São Paulo / Brasil  
Tel.: (011) 5571-1062 - 5539 - 7162



COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO/HOSPITAL SÃO PAULO

Data: 24-07-2011 10:13:22

Página 2/2

id = 2506

**Prof. Dr. José Osmar Medina Pestana**

Coordenador do Comitê de Ética em Pesquisa da

Universidade Federal de São Paulo/Hospital São Paulo

**ANEXO 2 - Termo de Esclarecimento Livre e Consentido (Modelo)**  
São Vicente, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Eu, \_\_\_\_\_ brasileiro (a),  
portador da cédula de identidade \_\_\_\_\_, residente à  
Rua \_\_\_\_\_

no bairro DIQUE DO SAMBAIATUBA, cidade de São Vicente/SP, declaro para os devidos fins que aceito participar como voluntário da pesquisa intitulada “Outras saúdes catadas: experiências com a comunidade de catadores do Parque Ambiental Sambaiatuba- São Vicente/SP”, estando de acordo com as cláusulas que se seguem:

1. Tenho ciência de que nesta pesquisa o pesquisador busca entender o conceito de saúde que entendo, dentro de minha realidade como membro da comunidade do antigo lixão do Sambaiatuba.
2. Participo como voluntário, portanto não receberei qualquer tipo de pagamento;
3. Tenho direito de receber informações referentes à pesquisa a qualquer momento bem como desistir de minha participação a qualquer tempo.
4. Quando o estudo for finalizado, serei informado sobre os principais resultados e conclusões obtidas no estudo
5. Sou responsável por minhas declarações e serei o mais honesto possível para que os resultados da pesquisa sejam confiáveis;
6. Os riscos durante a produção de dados são mínimos e qualquer desconforto decorrente da participação na pesquisa me dá o direito de interromper minha participação.
7. Caso me sinta constrangido ou tenha danos morais decorrentes dessa pesquisa, tenho direito de me desligar imediatamente além de receber acompanhamento psicológico custeado pelo responsável da pesquisa.
8. Caso necessário, tenho direito a retratação pública apregoada pela responsável da pesquisa.
9. Tenho a garantia de que todos os dados obtidos a meu respeito, assim como qualquer material coletado só serão utilizados neste estudo.

10. Como participante da pesquisa receberei uma via do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, assinada pelo pesquisador.

O responsável pela pesquisa é o Biólogo Fábio Lopes Corrêa da Silva, que posso contatar a qualquer tempo pelos telefones (13) 99102-2829, (13) 7824-6670, (13) 3473-5244 (residência) ou pessoalmente no seu horário de expediente na Secretaria de Saúde de São Vicente (segunda à sexta das 8:00 às 12:00 e das 13:00 às 17:00, telefone: (13) 3569- 5713. Se tiver alguma consideração ou dúvida sobre a ética da pesquisa, poderei entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Unifesp – Rua Botucatu, 572 – 1º andar – cj 14, 5571-1062, FAX: 5539-7162 – E-mail: [cepunifesp@unifesp.br](mailto:cepunifesp@unifesp.br).

**FIRMO O PRESENTE EM:** \_\_\_\_ / \_\_\_\_ / \_\_\_\_

**VOLUNTÁRIO DA PESQUISA**

**PESQUISADORA RESPONSÁVEL:**

---

Fábio Lopes Corrêa da Silva  
RG: 17.949.973-7  
Programa de Mestrado Profissional  
Ciências da Saúde - UNIFESP



## APENDICE 1 – Produto Técnico



### FILME: *Coragyps atratus*

Devido às reflexões que foram propostas por este trabalho, relativas à complexidade de pretensos programas de saúde, desenvolvidos em comunidades e pela necessidade de fomentar novas rotas para pensar tais problemas, resolvemos contribuir com a produção de um filme.

O material produzido nas sessões de grupo focal é heterogêneo e permitiu a construção de um filme, denominado *Coragyps atratus*, feito a partir de compilações de outras produções que ecoavam com aquilo que se investigava, juntamente com material filmado no local (Sambaiatuba).

Entendemos que as demandas produzidas por aquela comunidade são múltiplas e complexas, e muitas vezes extrapolam as questões de saúde, havendo a necessidade de pensá-las considerando a autonomia de cada um, pertencente aquele território.

Este projeto, como produto técnico, objetivou produzir um material, com densidade suficiente para demonstrar o que foi o trabalho “**Outras saúdes catadas: experiências com a comunidade do parque ambiental Sambaiatuba – São Vicente/SP**”. A exemplo da metodologia utilizada na dissertação, numa perspectiva cartográfica, diagramática, rizomática, tem-se a intenção de permitir, nesta produção (o filme), uma reflexão simultânea, a partir de todos os pontos, sob a influência de diferentes observações e conceitualizações.

### METODOLOGIA

Foi utilizado a compilação de filmes da área, ligados a problemática ambiental e social dos resíduos e sua destinação, como os produzidos por grandes nomes como Marcos Prado (Estamira – 2004) e Ilha das Flores (Jorge Furtado – 1989), Lixo extraordinário (Vik Muniz – 2010), Trash. Outros, como Animismo maquínico, oriundo de um projeto de pesquisa audiovisual de Angela Melitopoulos e Maurizio Lazzarato, que faz um passeio esquizofrênico pelas

novas formulações propostas por Félix Guattari para se pensar os sujeitos, as sociedades e as subjetividades também fazem parte. Juntamente a este material, imagens capturadas durante o trabalho de pesquisa são utilizadas.

O filme foi produzido com ferramenta de edição NERO®, com recorte dos filmes e superposição de músicas, textos e imagens. Edição de vídeo é o processo de corte e montagem de imagens em movimento captadas por meio eletrônico vídeo e registradas de forma analógica ou digital, podendo ocorrer de forma linear ou não linear.

### **DIFICULDADES**

Uma das maiores dificuldades da produção de filmes independentes é a falta de divulgação e distribuição da obra após sua finalização. Como trata-se de uma compilação, o material encontra-se disponível abertamente em meios digitais, entretanto, nem sempre de boa qualidade.

### **POTENCIALIDADES**

A obra pode ser utilizada academicamente, em aulas, estudos dirigidos e pequenas salas de projeção, com o intuito de discutir seu conteúdo e formular desdobramentos.

O material final, onde constará todas as referências com os devidos créditos aos respectivos autores, poderá ser divulgado, em meios digitais (YouTube).

### **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

ABREU, ELIZA SANTOS DE ANDRES; LANNA, EDER NUNES DE SOUZA; DE LIMA, RICARDO RODRIGUES BALBIO; NEVES, GUILHERME AUGUSTO FIGUEIREDO; SANTOS, ALEXANDRE JOANES OLIVEIRA. **O USO DOS MEIOS DIGITAIS NA PROMOÇÃO E DIVULGAÇÃO DE FILMES INDEPENDENTES.** 2012. DISPONÍVEL EM: UEADSL.TEXTOLIVRE.PRO.BR/2012.2/PAPERS/UPLOAD/17.PDF

WHITTAKER, Ron. **Produção de Televisão – Um tutorial sobre produção em estúdio e em campo.** Traduzido por Graça Barreiros e colaboração de Fernando José Garcia Moreira. Disponível em: [http://www.cybercollege.com/port/tpv\\_ind.htm](http://www.cybercollege.com/port/tpv_ind.htm)